

REVISTA MODERNA



229

Nº 30 * ABRIL * 1899
ANNO III

Summario

- PEDRO AMERICÓ XAVIER DE CARVALHO.
O "SALON" BRAZILEIRO E PORTUGUEZ DE 1899 EM PARIS XAVIER DE CARVALHO.
OS RN. O REI E ARAINHA DE ITALIA Phot. instantanea.
PAROQUIAS DE ESPANHA DOMINGOS GUIMARAES.
AS PEDRAS PRECIOSAS LUIS GUIMARAES (FILHO)
EMILIO CASTELAR M. BOTELHO.
A NAVEGAÇÃO AEREA : UM AERONAVIO BRAZILEIRO S. MARCELLO.
CHILE E ARGENTINA MARIUS.
TALSTAFF E O SEU PAGEM Quadro de ED. GRUTZENER.
O INCENDIO DO HOTEL WINDSOR CORRESPONDENTE.
O "OTHELLO" NA COMEDIA FRANCEZA CASSIO.
MORTOS ILLUSTRÉS DOMINGOS GUIMARAES.
KALI GUY DE MAUPASSANT.
O CONFLICTO DE SAYOA MIGUEL DE LENCASTRE.
OS MILLIONARIOS AMERICANOS L. DE NORVINS.
NOTICIARIO ILLUSTRADO REPORTER.
PAGINA COMICA

Este numero contem

75 ILLUSTRACOES

E UM HORS-TEXTE A CORES



PEDRO AMERICÓ

Retrato feito por elle proprio quando tinha 11 annos

Revista Moderna

MAGAZINE
LITTERARIO
E ARTISTICO

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

CORREIO
DE
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal

Um anno	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	12\$000
6 mezes	30\$000	6 mezes	24 »	6 mezes	6\$000
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	4 »	Numero avulso	1\$000

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :

AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, n ^o 7.	Taubaté	V. COELHO DE CARVALHO.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Juiz de Fora e Minas- Geraes	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
São Paulo	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Pernambuco	LIVRARIA CONTEMPORANEA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
Santos	F. MATTOS E C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Geará	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	Pará	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .
		Bahia	CATILINA E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Abril de 1899

ASSIGNATURAS

BRAZIL		UNIÃO POSTAL		PORTUGAL	
Anno	50\$000	Anno	1\$2000	Anno	40 francs
6 mezes	30\$000	6 mezes	6\$000	6 mezes	24 —
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	1\$000	Numero avulso	4 —

PANORAMAS D'ESPAÑA

Por lapso nosso e do auctor que não pôde rever a prova, a parte de bello artigo *Panoramas d'Hispanha* sahido no no nosso ultimo numero deveria ser publicado após a *ouverture* que apparece n'este numero.

Aos nossos leitores pedimos perdão por ter attenuado assim o effeito total d'esta magnifica peça litteraria que com outros intensivos aspectos da terra iberica, constituirá um formosissimo volume, e no qual Domingos Guimarães nos apparece um prosador completo dispondo

tem poupado nem poupará, estamos certos, para a tornar interessante tanto na sua parte litteraria como no seu lado artistico e d'informação.

PERFIS

CONTEMPORANEOS

Temos recebido com bastante prazer alguns numeros d'esta revista quinzenal illustrada, publicação aristocratica, que muita aceitação tem na alta sociedade portugueza e que é bastante conhecida no Brazil.

Um dos assíduos collaboradores

ção : Joaquim Nabuco. — *Nova Primavera* : Alphonsus de Guimaraens. — *George Marcial* : Virgilio Varzea. — *A molestia das Jaboticabeiras* : José de Campos Novaes. — *Noticias de Sciencias, Letras e Artes*. — *Bibliographia* : Dr. Inglez de Souza.

A Meridional. — Revista Internacional — Rio de Janeiro. — Recebemos segundo numero d'estabella revista de desenvolvido e interessante summario. Programma novo e portanto critica nova, violenta e entusiastica, nem sempre justa, mas certamente sincera. Collaboração variada e boa entre aqual não

pue par l'auteur) : Vekoslav Haber. — *Le Droit pur (Fin)* : Edmond Picard. — *Le Vagabond, Nouvelle* (Traduit du russe, par M^{me} Mal Krogius) : M. Corki. — *L'État actuel de la Finlande* : N. R. af Ursin. — *Kalliphaë, Conte* : José Hennebicq. — *Chronique littéraire* : Louis Ernault. — *Chronique artistique, Le Salon* : Jean E. Schmitt, — *Livres et revues, etc.*

Vera-Cruz. — Revista d'Arte — Rio de Janeiro — O ultimo numero que recebemos d'estas bella publicação é correspondente a janeiro ultimo. Traz os retratos de

A REDACÇÃO DA REVISTA MODERNA TENDO ESPERADO ATÉ Á ULTIMA HORA OS ORIGINAES DA « ILLUSTRE CASA DE RAMIRES » E NÃO PODENDO MAIS DEMORAR O APPARECIMENTO DESTE NUMERO, QUE JÁ SE ACHA POR ESTE MOTIVO EM GRANDE ATRASO, RESOLVEU PUBLICAL-O SEM O ROMANCE DO NOSSO EMINENTE COLLABORADOR, QUE CONTINUARÁ INFALLIVELMENTE NO PROXIMO NUMERO.

SOLLICITAMOS A INDULGENCIA DOS LEITORES PARA ESSA IRREGULARIDADE, COMPLETAMENTE ALHEIA AOS NOSSOS ESFORÇOS E DA QUAL SOMOS OS PRIMEIROS A SOFFRER AS CONSEQUENCIAS E DECLARAMOS QUE A PARTIR D'ESTE NUMERO O APPARECIMENTO DA REVISTA MODERNA SE FARA MENSALMENTE INDEPENDENTE DE TODO E QUALQUER ATRAZO DE COLLABORAÇÃO.

Osorio de Castro.

Sobre o grande artista portuguez Raphael Bordallo que acaba de partir para o Brazil onde vae faser uma exposição dos seus trabalhos de ceramica publicaremos um intenso artigo de Domingos Guimarães intitulado « *O ceramista Raphael Bordallo e as suas grandes peças ornamentaes* » em que o nosso critico d'arte se refere principalmente ao notavel vaso centro de mesa e á celebre jarra hymno a Beethoven.

BRAZIL-PORTUGAL

Apezar de não termos ainda recebido a visita d'este nosso collega — sabemos que n'um dos ultimos numeros, esta esplendida publicação publicou o retrato do nosso director M. Botelho com palavras muito amaveis e elogiosas. — Aqui fica pois o testemunho do nosso reconhecimento.

O *Brazil Portugal* é sem duvida uma das melhores revistas illustradas que se têm feito em Lisboa e é de esperar que um brilhante successo compense os esmerados cuidados que a distincta redacção não

VIANNA DA MOTTA

Antes de partir para uma gloriosa *tournee* na America do Sul teve a amabilidade de vir despedir-se de nós este nosso prezado amigo e celebre pianista portuguez.

Não precisamos desejar-lhe que alcance grandes triumphos porque esses estamos certos não faltarão a quem tantos tem conquistado já atravez do Universo inteiro, exaramos pois sómente os votos que fazemos para que segundo a phrase banal, a sua viagem seja das mais felizes e prosperas.

RECEBEMOS

Revista Brasileira. — Rio de Janeiro — Com a maxima regularidade continuamos a receber este nosso eminente collega, que é por assim dizer o orgão official das letras brazileiras. O fasciculo 86 que acabamos de receber traz o seguinte summario.

Visconde de Taunay — *O Ajuizo*, conto par Rodolpho Theophilo. — *Garrett e a Litteratura Brasileira* : José Verissimo. — *A minha forma-*

ção e bem impressa, e as conduções essenciaes para um successo rapido. Alem d'isso programma largo, sem espirito de coterie, tratando de todos os assumptos, occupando-se de todas as manifestações do espirito humano, acceitando collaboração sobre tudo o que interessa. O *Brazil Moderno* será alem d'isso uma revista internacional, fazendo conhecida a litteratura estrangeira no Brazil inserindo, para isso, trabalhos originaes dos homens de letras e de sciencias de todos os paizes do mundo.

L'Humanité nouvelle. — Revue internationale — Temos sobre a meza o ultimo numero d'esta importante publicação parisiense que é o orgão das tendencias mais largas e mais independentes em materia scientifica, litteraria e artistica, social e philosophica. Este fasciculo traz o seguinte summario.

Quelques objections au Matérialisme économique : G. Sorel. — Au cœur frais de la forêt : Camille Lemonnier. — L'aube rêvée, *Poésie* : P. N. Roinard. — L'Alcoolisme et les conditions du travail en Belgique (*Fin*) : Émile Vandervelle. — Miserere, *Poésie*, (Traduit du thè-

Avis financiers : Bons du Trésor Brésilien. — Bons de consolidation (Funding). — Emprunt brésilien (Funding). — Recettes de la Compagnie générale des Chemins de fer brésiliens.

Mouvement maritime.

Revista de Jurisprudencia. — Rio de Janeiro — com muito prazer recebemos pela primeira vez a visita d'este erudito collega que como o seu titulo indica se occupa de assumptos especiaes do mais alto interesse.

A *Revista de jurisprudencia* que completou já o seu IV volume tem visto os seus esforços coroados do melhor successo porque tem sido « calma e imparcial nas criticas, visando sobretudo a uniformidade dos julgados, essa garantia solida dos direitos dos cidadãos. »

Revista Juridica — Orgão dos estudantes da Faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes — Rio de Janeiro — Recebemos tambem esta revista que entra agora no seu quinto anno de existencia. Esta publicação honra a Faculdade livre de sciencias juridicas e a mocidade estudiosa que a frequenta.

Revista Moderna

MAGAZINE
LITTERARIO
E ARTISTICO

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

CORREIO
DE
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELMO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELLHORES ESCRITORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INCLATERRA E ALLEMANHA

São Paulo CH. HILDEBRAND E C^{ia}, CASA
GARRAUX.
Santos. F. MATTOS E C^{ia}, Rua 15 de
Novembro.
Campinas LIVRARIA ALFREDO GENOUX

Pernambuco. } LIVRARIA CONTEMPORANEA.
LIVRARIA DO NORTE, Rua
15 Novembro.
Ceará J. J. DE OLIVEIRA E C^{ia}.
Pará. J. B. DOS SANTOS E C^{ia}
Bahia CATILINA E C^{ia}.

A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

ASSIGNATURAS

BRAZIL		UNIÃO POSTAL		PORTUGAL	
Anno	50\$000	Anno	1\$2000	Anno	40 francs
6 mezes	30\$000	6 mezes	6\$000	6 mezes	24 —
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	1\$000	Numero avulso	4 —

PANORAMAS D'ESPAÑA

Por lapso nosso e do auctor que não pôde rever a prova, a parte de bello artigo *Panoramas d'Hispanha* sahido no no nosso ultimo numero deveria ser publicado após a *ouverture* que apparece n'este numero.

Aos nossos leitores pedimos perdão por ter attenuado assim o effeito total d'esta magnifica peça litteraria que com outros intensivos aspectos da terra iberica, constituirá um formosissimo volume, e no qual Domingos Guimarães nos apparece um prosador completo dispondo d'um vocabulario extenso e mordente como só possuem rarissimos escriptores eminentes, d'um estylo intenso e febril d'um ardente poder do visionisação poetica que tanto aproximam o moço escriptor portuguez do já hoje glorioso romancista brasileiro Coelho Netto.

O PROXIMO NUMERO

No proximo numero publicaremos, acompanhado d'uma interessante iconographia, um admiravel estudo sobre Balzac firmado pelo nome brilhante do Domingos Guimarães em que o moço prosador se revela um temperamento critico d'alto poder.

Começaremos sob o titulo *Vida litteraria* uma secção nova em que o nosso presado amigo e camarada Domingos Guimarães fallará do actual movimento litterario. No proximo numero analysará os livros *Pó da Estrada* de Martinho de Bredonde e *Humildes* de D. Anna Osorio de Castro.

Sobre o grande artista portuguez Raphael Bordallo que acaba de partir para o Brazil onde vae faser uma exposição dos seus trabalhos de ceramica publicaremos um intenso artigo de Domingos Guimarães intitulado « *O ceramista Raphael Bordallo e as suas grandes peças ornamentaes* » em que o nosso critico d'arte se refere principalmente ao notavel vaso centro de mesa e á celebre jarra hymno a Beethoven.

BRAZIL-PORTUGAL

Apezar de não termos ainda recebido a visita d'este nosso collega — sabemos que n'um dos ultimos numeros, esta esplendida publicação publicou o retrato do nosso director M. Botelho com palavras muito amaveis e elogiosas. — Aqui fica pois o testemunho do nosso reconhecimento.

O *Brazil Portugal* é sem duvida uma das melhores revistas illustradas que se têm feito em Lisboa e é de esperar que um brilhante successo compense os esmerados cuidados que a distincta redacção não

tem poupado nem poupará, estamos certos, para a tornar interessante tanto na sua parte litteraria como no seu lado artistico e d'informação.

PERFIS

CONTEMPORANEOS

Temos recebido com bastante prazer alguns numeros d'esta revista quinzenal illustrada, publicação aristocratica, que muita aceitação tem na alta sociedade portugueza e que é bastante conhecida no Brazil.

Um dos assíduos colaboradores d'essa revista é o nosso querido amigo e illustre companheiro Abel Botelho que ainda ha pouco ali assignou um notavel artigo biographico de El rei D. Carlos.

A proposito diremos que Abel Botelho, que tem actualmente em publicação dois romances, — um, *Isostenia* (terceiro da Pathologia Social), impresso na livraria Char-dron, do Porto, e outro, *Sem remedio!*... (Ethologia d'um fraco), em folhetins no *Seculo* editado para o Brazil, — está já colligindo documentos para um outro, *O abbade Faria*, no qual se propõe estudar este lendario e popular personagem juntamente com o curioso seculo em que elle viveu. Este romance, antes de reunido em livro, sairá provavelmente em folhetins no *Seculo*.

Como vemos os nossos leitores o illustre escriptor portuguez junta ás altas qualidades de observador e estylista a fecunda actividade tão rara entre os nossos homens de letras.

VIANNA DA MOTTA

Antes de partir para uma gloriosa *tournee* na America do Sul teve a amabilidade de vir despedir-se de nós este nosso prezado amigo e celebre pianista portuguez.

Não precisamos desejar-lhe que alcance grandes triumphos porque esses estamos certos não faltarão a quem tantos tem conquistado já atravez do Universo inteiro, examinamos pois sómente os votos que fazemos para que segundo a phrase banal, a sua viagem seja das mais felizes e prosperas.

RECEBEMOS

Revista Brasileira. — Rio de Janeiro — Com a maxima regularidade continuamos a receber este nosso enimente collega, que é por assim dizer o órgão official das letras brazileiras. O fasciculo 86 que acabamos de receber traz o seguinte summario.

Visconde de Taunay — *O Adjunto*, conto par Rodolpho Theophilo. — *Garrett e a Litteratura Brasileira*: José Verissimo. — *A minha forma-*

ção: Joaquim Nabuco. — *Nova Primavera*: Alphonsus de Guimaraens. — *George Marcial*: Virgilio Varzea. — *A molestia das Jaboticabeiras*: José de Campos Novaes. — *Noticias de Sciencias, Letras e Artes*. — *Bibliographia*: Dr. Inglez de Souza.

A Meridional. — Revista Internacional — Rio de Janeiro. — Recebemos segundo numero d'estabella revista de desenvolvido e interessante summario. Programma novo e portanto critica nova, violenta e entusiastica, nem sempre justa, mas certamente sincera. Collaboração variada e boa entre aqual não podemos deixar de citar os tres formosos sonetos de Carlos D. Fernandes intitulados *A Fé, A Esperança, A Caridade*.

Revista Contemporanea. — Publicação mensal-Campinas. Recebemos os numeros I e II d'esta nova revista que « se destina á propagação de conhecimentos uteis de Sciencias Litteratura e Arte consagrando-se especialmente ao movimento intellectual do Brazil. Desejamos longa e prospera carreira ao collega que vem animado de tão bons intuitos.

Revista portugueza Colonial e Maritima. — Lisboa — Continuamos a receber com a maxima regularidade este nosso estimado collega, uma das publicações mais interessantes que n'este genero se tem feito e cuja collaboração de alta competencia cada vez se afirma mais variada e escolhida.

Brazil Moderno. — Revista Semanal — Rio de Janeiro. Mais uma nova revista nacional, bem feita, bem collaborada e bem impressa, tres conduções essenciaes para um successo rapido. Alem d'isso programma largo, sem espirito de coterie, tratando de todos os assumptos, occupando-se de todas as manifestações do espirito humano, accetando collaboração sobre tudo o que interessa. O *Brazil Moderno* será alem d'isso uma revista internacional, fazendo conhecida a litteratura estrangeira no Brazil inserindo, para isso, trabalhos originaes dos homens de letras e de sciencias de todos os paizes do mundo.

L'Humanité nouvelle. — Revue international — Temos sobre a meza o ultimo numero d'esta importante publicação parisiense que é o órgão das tendencias mais largas e mais independentes em materia scientifica, litteraria e artistica, social e philosophica. Este fasciculo traz o seguinte summario.

Quelques objections au Matérialisme économique: G. Sorel. — Au cœur frais de la forêt: Camille Lemonnier. — L'aube rêvée, *Poésie*: P. N. Roinard. — L'Alcoolisme et les conditions du travail en Belgique (*Fin*): Émile Vandervelle. — Miserere, *Poésie*, (Traduit du thê-

pue par l'auteur): Vekoslav Haber. — Le Droit pur (*Fin*): Edmond Picard. — Le Vagabond, *Nouvelle* (Traduit du russe, par M^{me} Mal Krogius): M. Corki. — L'État actuel de la Finlande: N. R. af Ursin. — Kalliphaë, *Conte*: José Hennebicq. — Chronique littéraire: Louis Ernault. — Chronique artistique, *Le Salon*: Jean E. Schmitt. — Livres et revues, etc.

Vera-Cruz. — Revista d'Arte — Rio de Janeiro — O ultimo numero que recebemos d'estas bella publicação é correspondente a janeiro ultimo. Traz os retratos de Luiz Delfino e de Stéphane Mallarmé, paginas ae prosa de Nestor Victor, Paulo Braga, Silva Marques e versos de Luis Delfino, Ribeiro Filho, Marc Legrand, Arthur Lobo, Narciso Araujo e Herméto Lima.

Le Bresil. — Courrier de l'Amérique du Sud, Paris. — O ultimo numero d'este nosso prezado collega traz o seguinte summario:

Notre Courrier de Rio: On demande la clôture. — La position des partis. — Déclaration de M. Erneas Martins. — Projets financiers. — Traité d'arbitrage et conventions commerciales. — Le règlement de l'incident bolivien.

Échos de Partout.

Plata-Pacifique.

Le Commerce extérieur de Rio de Janeiro.

Les États brésiliens: District fédéral. — Bahia. — Minas Geraes. — Para. — Parana. — Sam Paulo. *Revue financière*: (Marchés de Paris, Londres, et Rio de Janeiro. *Revue commerciale.*

Avis financiers: Bons du Trésor Brésilien. — Bons de consolidation (Funding). — Emprunt brésilien (Funding). — Recettes de la Compagnie générale des Chemins de fer brésiliens.

Mouvement maritime.

Revista de Jurisprudencia. — Rio de Janeiro — com muito prazer recebemos pela primeira vez a visita d'este erudito collega que como o seu titulo indica se occupa de assumptos especiaes do mais alto interesse.

A *Revista de jurisprudencia* que completou já o seu IV volume tem visto os seus esforços coroados do melhor successo porque tem sido « calma e imparcial nas criticas, visando sobretudo a uniformidade dos julgados, essa garantia solida dos direitos dos cidadãos. »

Revista Juridica. — Órgão dos estudantes da Faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes — Rio de Janeiro — Recebemos tambem esta revista que entra agora no seu quinto anno de existencia. Esta publicação honra a Faculdade livre de sciencias juridicas e a mocidade estudiosa que a frequenta.

CONCURSO LITTERARIO

A *Revista Moderna* faz um apello a todos os escriptores do Brasil e Portugal para o Concurso Litterario de **Um Conto Inedito e Original** sem thema determinado e cujo desenvolvimento não exceda tres paginas da nossa Publicação. Os concurrentes deverão enviar os seus Trabalhos á nossa redacção em Paris até **30 de Junho** data fixa do **encerramento** do Concurso.

Até 30 de Julho proceder-se-ha a leitura e julgamento dos Contos enviados, e o Jury será composto de tres escriptores e presidido por **EÇA DE QUEIROZ**.

PREMIO

A *Revista Moderna* offerecerá ao vencedor deste Certamen Litterario o bellissimo e artistico bronze do grande esculptor **Falguière**,

LA DANSEUSE

medindo cincoenta centimetros de alto e cujo valor real e indiscutivel é de **500 francos**, preço de fabrica em Paris.

Trinta dias depois do julgamento estará esse valiosissimo premio, por intermedio dos nossos Agentes, á disposição de quem de direito.

A Redacção reserva-se o direito de publicar os originaes enviados.

CONCURSO PHOTOGRAPHICO

A *Revista Moderna* convida a todos os amadores do Brasil e Portugal a um concurso Photographico que fica desde já aberto devendo as provas nos serem enviadas até **30 de junho**, **prazo fixo**.

ASSUMPTOS DO CONCURSO

Monumentos artisticos, Paysagens, Marinhas, Typos de cidade e do Campo.

Todas as photographias podem ser acompanhadas de um pequerro artigo descriptivo.

Pede-se a maxima **nitidez** nas provas enviadas. O Jury será composto de dois membros do Photo-Club de Paris sob a presidencia do nosso collaborador A. da Cunha, photographo amator, premiado em differentes exposições.

PREMIO

Um magnifico aparelho e os seus pertences e mais um elegante estojo para ser trazido a tiracollo será offerecido ao author da photographia premiada.

O valor minimo d'este premio é de **200 francos** preço de fabrica.

Até 30 de Julho estará o nosso premio a disposição do amator que for classificado como primeiro.

A *Revista Moderna* nao poderá admittir neste concurso photographias de proffissionaes. Reservamos o direito de reproducção de todos os documentos recebidos.



PEDRO AMERICO

O BRAZIL, paiz novo, fecundante terra das maravilhas, nação independente ainda ha menos d'um seculo, e realisando, empreza colossal! — no curto espaço de dez annos a grande transformação economica do abusivo trabalho-escravo para o trabalho-livre e a grande transformação politica do imperio centralista para o regimen da republica federativa, — ainda não attingiu na sua marcha evolutiva e ascensional, embora hoje rapida, o grau de cultura esthetica das velhas nações europeias. Não existe uma *arte brasileira*, como nunca existiu uma *arte portugueza*, não obstante a escola de Viseu e a controversia sobre Gram Vasco. De resto os povos da península, os hespanhoes e os portuguezes na obra colonizadora da America do Sul não se importaram com preocupações artisticas e cultura d'es-



Phot. de G. Brogi.

Pedro Americo em 1888.

diantes côres que povoam as florestas dos indios,esses diademas e mantos dos chefes das tribus que ainda conservam os indigenas do Alto Amazonas e do Ceará, ou os objectos d'arte rudimentar de ceramica, esses vasos, pratos e infusas descobertos no interior da ilha de Marajó e conservados no Museu do Rio que nós conhecemos pela obra de J. B. Debret.

O portuguez colonizador, só pensava em explorar a terra, para lhe extrahir do ventre a inesgotavel riqueza. De resto, para nos inteirarmos das concepções estheticas dos primeiros habitantes europeus do Brazil, basta percorrer os bairros velhos do Rio e das cidades do littoral, e vêr essa ignobil architectura de feitoria que desfeia hoje os centros populosos, reclamando a acção benefica da picareta demolidora.

Durante o periodo do afinamento heterogeneista e de differenciação progressiva d'essa civilização mestiça, não foi possível a cultura artistica porque toda o esforço do colono convergia no amanho do solo e nas transações do commercio. Fallam as chronicas d'um artista portuguez que vivera annos na Bahia (1622), Eusebio de Mattos; mas não existem obras d'esse precursor supposto. Os trabalhos de gravura de Franz Post, o pintor que acompanhara o governador hollandez Mauricio de Nassau e se installara ao seu lado, no norte do Brazil são muito inferiores. E eis tudo o que conhecemos da velha historia da Arte nos primeiros seculos da colonização das terras de Santa Cruz.

Não podemos fallar por falta d'espaco n'este estudo rapido de Pedro Americo, — das tentativas de frei Ricardo do Pilar, nas de José d'Oliveira, nas de Manuel Dias que estudou em Roma, nem de Gentil, o miniaturista, nem do auctor de tantos admiraveis frescos, o celebrado Amaral. Eram todos elles pintores de egrejas, decoradores de conventos, ornamentadores de salas de bibliothecas, etc.

Quando, D. João 6º fugindo covardemente de Portugal, installou a sua côrte de fidalgos no Rio de Janeiro, o Brazil retomou uma vida nova, felizmente. Aconselhado pelo ministro, o Conde da

pirito. O que elles queriam, os descobridores, os conquistadores, os primeiros colonos era a *terra*. E na lucta contra os tamoyos, os guaranys, os urutufus e contra as outras tribus e povos autochthonos, nem Alvares Cabral, nem Vicente Yanez Pinzon, nem Americo Vespucci, nem André Gonçalves, nem Affonso Ribeiro, nem Gonçalo Coelho, os que primeiro descobriram Vera-Cruz, ou abordaram á foz do Amazonas, ou os que, mais tarde, aventureiros de romance de Cooper, desposavam princessas, das tribus indigenas como Diogo Alvarés, depois chefe caramaru dos indianos da Bahia, ou João Ramalho, unindo-se nos planaltos de Parana-piacaba com a filha do rei Tibiriçá, ou Antonio Rodrigues, cazado com a herdeira dos Caahobi, quer no primeiro seculo de colonização, quer mais tarde na defesa territorial contra os hollandezes: — nem militares, nem civis, nem missionarios, nem agricultores tiveram tempo de sobra para estudar a arte rudimentar dos primitivos habitantes das selvas: — ou a *Arte Plumaria*, na feliz expressão de Ferdinand Dénis, esses mosaicos de plumas e passaros de vivas e irra-

Quando, D. João 6º fugindo covardemente de Portugal, installou a sua côrte de fidalgos no Rio de Janeiro, o Brazil retomou uma vida nova, felizmente. Aconselhado pelo ministro, o Conde da



Pedro Americo trabalhando no seu quadro da "Civilização".

Barca, o monarcha lusitano encarregara o marquez de Marialva, então embaixador em Paris, d'organisar uma missão artistica fran-

ceza que partiu em 1816 para o Rio com o fim de lançar as bases do ensino das Bellas-Artes no Brazil. Foi esse nucleo *d'élite*, Nicolau Taunay, Pradier, Débret, Ferrez, Montigny que espalhou o gosto da pintura e do ensino esthetico na sociedade fluminense. Mas até 1837, o governo, preocupado com a crise interior, pouco se interessou com a escola de Bellas-Artes que só mais tarde conseguiu ter vida propria e preparar artistas de valor. Como Felix Taunay, como Correia Lima e como Victor Meirelles, o grande artista Pedro Americo foi tambem professor d'essa Escola de que é director hoje o grande Rodolpho Bernardeli e d'onde sahiram Poluceno, Delphim da Camara, Nascimento, Agostinho José da Motta e mais tarde, contemporaneos illustres como Amoedo, hoje professor, Henrique e Feliz Bernardeli Almeida Junior, Belmiro de Almeida, Pereira da Silva, Franco de Sá Weingartner, Castagneto, Madruga, Visconti, Rosalvo Ribeiro, Oscar Pereira da Silva, Pedro Alexandrino Borges, etc., etc.

Pedro Americo, o grande pintor brasileiro, é pelas suas aventuras e pela sua vasta cultura como que um novo Leonardo de Vinci da America do Sul. A exemplo do genial e immortal artista da *Jocunda* e da *Ceia*, o artista da *Batalha de Avahy* e do *Hamleto* é um espirito encyclopedico.

Como o grande florentino, esse brasileiro tão finamente artista, mostrou desde creança os dotes d'espirito, os mais extraordinarios. Aos oito annos, diz um dos seus biographos (1) compunha comedias e dramas para um theatrinho da sua terra natal de que elle era ao mesmo tempo empresario, scenographo e actor. « Elle proprio escrevia e imprimia os cartazes e os bilhetes, servindo-se para isso d'uma prensa de sua construcção. »

Este menino-prodigio que devia ser mais tarde uma das maiores glorias da Arte no Brazil, nasceu em 29 d'abril de 1843 em Areas, graciosa cidade que repousa, airosa e branca, na encosta oriental da serra da Borborema, no estado de Parahyba do Norte. Os seus paes foram : o insigne musico Daniel Eduardo de Figueiredo e Dona Feliciano Cirne, — a filha do velho morgado Cirne, aristocracia portugueza de heroicos brazões, no Douro.

Com dez annos d'idade apenas, desenhava com tanta precisão e habilidade que o presidente da provincia convidou-o para acompanhar a travez Parahyba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande de Norte e Piahy a missão exploradora do naturalista francez Brunet,

na qualidade de desenhador. O pae consintiu e o pequeno, todo lisonjeado pelo alto cargo que lhe confiavam, em romaria pittoresca, realiso durante mezes a viagem instructiva de que mais tarde se aproveitou no seu romance *Holocausto*, descrevendo scenas do interior da provincia, e episodios sertanejos.

Finda a missão, Pedro Americo, protegido pelo governador da sua provincia, partiu para o Rio-de-Janeiro, em dezembro de 1854, entrando gratuitamente no Collegio de D. Pedro II onde estudou todos os preparatorios, desde o latim e o francez ás

sciencias naturaes. Pouco depois, matriculava-se o joven parahibano na Academia des Bellas-Artes, dirigida então pelo poeta das *Brasilianas*, Manoel d'Araujo Porto Alegre. « Na Academia, diz o seu biographo Cardoso de Oliveira, foram incrivelmente rapidos os seus progressos ». No fim do tirocinio inicial obtinha, fóra diplomas e approvações com louvor em exames brilhantes e concursos, quinze medalhas de ouro e de prata, — o que causou o espanto do proprio director da Escola. Concluidos os seus estudos na Academia do Rio, partiu em 1859, com auxilio do Imperador para a Europa, e matriculou-se n'esse mesmo anno na Escola de Bellas-Artes de Paris, no Instituto de physica e na Sorbonne. Nos *ateliers* da Academia os seus mestres foram Ingres, Léon Coignet, Horace Vernet; nos cursos scientificos teve como professores Claude Bernard, o physiologista celebre; Despretz, o descobridor do processo da volatilisação do carbone e sua crystallisação em diamante e Saint-Claire Delville, o chimico insigne.

Na Sorbonne, era muito considerado pelos seus professores e extremamente estimado pelos seus con-

discipulos. Orador fluente exprimindo-se n'um francez muito correcto, fez uma figura brillantissima, como delegado da Academia das Sciencias de Bruxellas, no Congresso social de Malines.

Depois de ter obtido a carta de bacharel em sciencias naturaes na Universidade de Paris e o premio de 1^{ra} classe no estudo de figura humana, na Academia de Bellas-Artes da França, escreveu uma Memoria sobre a influencia da arte na educação liberal, com o titulo : *La réforme de l'École des Beaux-Arts et l'opposition*, estudo que mereceu os maiores elogios de Violet-le-Duc.

Emprehendeu em seguida uma viagem pela Italia, mas antes de voltar ao Brazil quiz levar da Europa uma tela decisiva onde affirmasse á vontade, os dotes extraordinarios do seu talento tão original e fecundo. Deu-nos então a *Carioca*, que



Retrato de Pedro Americo, feito por elle proprio quando tinha 11 annos.

(1) Cardoso de Oliveira : *Pedro Americo*, Paris, Guillard, Aillaud et C^{ie} 1898.



YPIRANGA

Proclamação da Independência do Brazil por D. Pedro I^o (7 de setembro de 1822)

Quadro de Pedro Americo (1888); está no Palacio do Ypiranga perto de S. Paulo.

A. de Gubernatis no seu *Dizionario degli artisti viventi* considerou como uma das perolas da escola neo-veneziana. Essa tela foi offerecida pelo pintor ao seu protector e amigo, o Imperador do Brasil.

Passaremos em claro a sua pretendida refutação da *Vida de*



Abd-Ur-Rahman.

Quadro de Pedro Americo (1894).

Jesus de Renan, pelo que foi condecorado por Pio IX com a ordem do Santo Sepulchro; o seu *Compendio de Botanica superior* e os seus *Estudos philosophicos sobre as Bellas-Artes*; assim como só de passagem apenas nos podemos referir, ás suas viagens d'instrução á Allemanha, á Belgica, á Inglaterra, o tragico naufragio nas costas da Escocia, a sua volta ao Rio, os dissabores que ali soffreu e o seu regresso a Paris em 1865 onde pintou o *São Marcos* e a *Visão de São Paulo*.

Os dois principaes biographos do grande pintor, Cardoso de Oliveira e Luiz Guimarães Junior descrevem minuciosamente as aventuras curiosas que succederam a Pedro Americo no Grão Ducado de Bade, na Hollanda e na Dinamarca e depois em França, dias sem um centimo, a fome, a miseria, — mas sempre o mesmo ar triumphante de artista satisfeito da sua obra e o espirito repleto d'ideal. Foi n'essa epocha tormentosa da sua vida que escreveu o romance o *Holocausto*, publicado muitos annos depois, em 1882. O typo d'Agarnivo, o protagonista d'essa dolorosa novella, é o proprio pintor, critico e romancista.

Após uma estada de mezes na Argelia, voltou a Paris, fixando-se depois em Bruxellas onde viveu na mais profunda miseria. Para comer, — quando comia! — tinha de pintar nos cafés retratos a lapis a troco d'alguns centimos! Mas ainda assim, com uma perseverança quasi de legenda, uma coragem indomita, uma força de vontade sobre humana, concluiu de novo em Bruxellas os seus estudos em sciencias naturaes, recebendo o grau de doutor! A defeza da sua these, em 13 de janeiro de 1869 foi um acontecimento universitario. O Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello recebeu por unanimidade a nota de *distincção*, sendo-lhe conferido o grau de adjunto da Universidade de Bruxellas. Estava para ir reger a cadeira de botanica superior quando uma forte epidemia de typhus o forçou a abandonar a capital belga. Veio a Lisboa onde

cazou com a filha do consul geral de Brazil, Porto Alegre, D. Carlota. E partiu para o Brazil onde foi reger a cadeira de desenho e de historia d'arte na Academia. D'uma actividade extraordinaria, ao mesmo tempo que occupava na Escola a cadeira de esthetica e interinamente a de pintura historica e dirigia a secção archeologica e numismatica do Museu, collaborava litteraria e artisticamente na *Comedia social* e compunha o seu bello quadro: *A batalha do Campo-Grande*, esplendida tela de 6 metros de longo que foi um dos *clous* da secção de Bellas Artes da Exposição Universal de Vienna e que se encontra hoje n'uma das salas da Escola Militar do Rio de Janeiro. D'essa epocha datam os retratos de Saldanha Marinho, de D. Pedro 1º e D. Pedro 2º; a cabeça de S. Jeronymo e essa assombrosa *Batalha de Avahy*, um dos melhores quadros de batalhas da pintura historica n'este seculo. Esta esplendida tela foi pintada em Florença para onde partira, com uma licença de dois annos, Pedro Americo. O quadro terminado em março de 1877, produziu uma sensação enorme. O governo italiano quiz que o retrato do pintor fosse collocado na Galeria Nacional, na sala dos artistas celebres. O nome do pintor brasileiro tornou-se popular em toda a Italia. Foi o triumphador na patria por excellencia da Arte.

Durante a sua estada em Florença, de 1872 a 1882 pintou o *Anjo de Saboia* que faz parte da collecção real de Italia; a *moça hespanhola de 1600*; *os filhos de Eduardo IV de Inglaterra*; a *Colleção arabe*; *D. Ingez de Castro*; *D. Catharina de Athayde*; *D. João IV insaute, duque de Bragança*; *Judith e a cabeça de Holophernes*; *Mater Dolce*; *Joanna d'Arc*; *Menina pintora*; *Rabequista arabe*; *A noite acompanhada dos genios do amor e do estudo*, composição no genero das de Bougereau; *Jocabel levando ao Nilo seu filho Moysés*; *David e Abisag*; *O voto de Heloisa*. Muitos d'estes quadros foram vendidos a particulares e os outros no fim de bem longos debates, foram adquiridos pelo Estado.

No começo de 1885 partiu Pedro Americo para França com a familia e regressou em seguida ao Rio de Janeiro onde novamente tomou a direcção da sua cadeira na Academia de Bellas Artes. Por essa occasião em 1885, proseguia-se activamente em São Paulo a construcção do palacio de Ypiranga, monumento commemorativo da proclamação da independencia do Brazil, com vastas salas ornamentadas de pinturas allusivas ao grande facto historico. O grande pintor brasileiro foi á capital paulista, recebendo o acolhimento mais sympathico da alta sociedade e da mocidade de São Paulo. Visitando as obras começadas do monumento historico, lembrou-se de fazer

Mmos. Srs. Guelland, Aillaud & cia

Satisfezendo o seu pedido de reproduzir os meus quadros para illustrar a obra biographica do Sr. dr. Cardoso de Oliveira, declaro consentir na alludida reprodução, sem que isto me prive do direito de conceder autorizações a outros para reproduzirem os ditos quadros.

Com intima e comendada
 Sua
 De V.ºs
 att.º credo obry
 Pedro Americo

2.º de Dezembro de 1894

Autographo de Pedro Americo.

uma tela commemorativa da proclamação da independencia. Mas, oh irrisão! não havia verba para um quadro d'estes. No entanto o artista não desanimou e não obstante a estúpida má vontade da commissão dos trabalhos de Ypiranga, Pedro Americo principiou a colleccionar os documentos necessarios para pintar o seu quadro historico.

Seguiu de novo para a Europa e terminou em Florença, em abril de 1888 a sua admiravel tela que foi exposta pela primeira vez diante da sociedade florentina e em presença do Imperador e Imperatriz do Brazil, das Rainhas de Inglaterra e da Servia, do principe D. Pedro Augusto, do principe real da Servia, do duque reinante do Leuchtenberg, dos principes de Battenberg e de muitos outros personagens importantes da cõrte italiana.

O quadro da Independencia obteve um successo enorme na exposição de Chicago.

Em 14 de Julho de 1888 era o quadro entregue pelo grande artista Pedro Americo á commissão directora das obras do monumento architectonico. Como o palacio de Ypiranga ainda não estivesse concluido, foi a tela provisoriamente collocada no maior salão da Academia de Direito onde os peritos o examinaram sob o ponto de critica historica. Aceite com enthusiasmo, foi logo paga como disseram os jornaes, sem hezitações.

Ao mesmo tempo que manejava o pincel, não deixava em repouso, a penna. Escreveu um folheto sobre a sua tela historica da Proclamação da independencia e concluiu um romance: *Amor de Esposo* que é um primor d'estylo, com scenas bem observadas, embora nos moldes da escola romantica. O homem de letras guindava-se ás cumiadas onde o artista pairava, coroado pelos applausos unanimes da critica.

O seu biographo Cardoso de Oliveira diz-nos que após alguns mezes de demora no Brazil onde fõra fazer entrega da tela da *Independencia*, voltou Pedro Americo para a Europa em 1882, representando mais tarde oficialmente o Brazil, na grande exposição de Paris de 1889, nos congressos para a protecção dos monumentos historicos e da propriedade litteraria e artistica. Foi pena realmente que no pavilhão do Brazil não existissem senão uns estudos a lapis e uma pequena tela d'este pintor.

Quando se deu a proclamação da Republica, estava o genial artista preparando um grande quadro sobre a abolição da escravatura que tinha proposto ao ministerio imperial. Supprimido esse compromisso pela mudança da forma do governo, abandonou o projecto e pintou outro quadro de menores proporções: foi o seu *Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da Liberdade*. Concluida essa tela, partiu em começos de 1890 para o Rio onde offereceu ao governo provisorio o novo quadro que ficou collocado n'uma das galerias da Escola Nacional de Bellas Artes.

No Brazil republicano, encontrou Pedro Americo novo estimulo para a sua actividade. Recusou-se a collaborar com Benjamin Constant na reforma da Academia de Bellas Artes, mas aceitou a cadeira de deputado que os seus compatriotas parahibanos lhe offereceram para o congresso constituinte. No Parlamento pugnou sempre pelos altos interesses da sua patria e pelo adiantamento das artes. Condecorado com o grau mais elevado da ordem da Rosa do Brazil, trabalhou para a extinção das ordens e dignidades e votou essa proposta niveladora. Batalhou na tribuna pela creação de tres universidades, pela fundação d'uma galeria nacional de bellas artes, pelo estabelecimento d'um theatro normal, pela abolição das loterias, etc. Entre as emendas que apoiou tambem na tribuna, devemos destacar a que reduziu o periodo presidencial a quatro annos e a que concedeu uma pensão vitalicia a D. Pedro de Alcantara. Foi um orador parlamentar fluente, d'uma dialectica forte, sem se desmanchar com os apartes rapidos, tendo a replica facil e tratando sempre os mais variados assumptos com uma grande somma de conhecimentos exactos.

Embora o clima do Rio fosse profundamente prejudicial á sua saude foi sobretudo movido por saudades da Italia, com o desejo de se lançar de novo na fornalha ardente da Arte, — de pincel na mão e o cerebro povoado d'ideias, — que na primavera de 1893 partiu de novo para Florença onde terminou o seu quadro *Tiradentes esquarterjado* que trouxe para o Rio e que foi adquirido pela Camara Municipal de Juiz de Fora.

Quasi no fim da sessão legislativa de 1893, encontrou-se Pedro Americo bastante doente no Rio, com o beriberi e teve que voltar para a Europa. Foi aqui que pintou a *Visão de Hamlet* o *Concertador de bandolins*, a *Paisagem arabe*, o *Noviciado*, o busto de mulmano que elle intitolou *Abd-ur-Rahman* e que é o retrato do

seu genro, o snr. Cardoso d'Oliveira, o auctor d'uma das melhores biographias de Pedro Americo a que nos temos referido n'este rapido estudo. Dois dos seus ultimos quadros: *Honra e Patria* e a allegoria *Civilisação* são grandiosas afirmações da maneira tão original e tão poderosamente inspirada d'este pintor, — um



HAMLETO

Quadro de Pedro Americo (1893).

poeta epico do pincel N'este momento termina dois quadros do mais alto valor: *A primeira culpa* e a *Mulher de Putiphar*.

Como Bernardeli na esculptura, Carlos Gomes na musica, Machado d'Assis no romance, Raymundo Correia, ou Olavo Bilac, na poesia: Pedro Americo occupa na pintura o logar proeminente dos Victoriosos. O seu nome de triumphador é o mais indiscutivel entre o de todos os consagrados. Criticos estrangeiros como Gubernatis, Piccini, Violet le Duc, Laschi, Siciliani, von Stavenow, van der Borne ou criticos brasileiros como Luiz Guimarões Junior, Duque Estrada, Cardoso d'Oliveira, Quintino Bocayuva, barão Homem de Mello, etc., todos teem considerado Pedro Americo como um dos maiores atistas d'este seculo, sobretudo como, pintor de batalhas. Esta revista eminentemente brasileira cumpre hoje o dever d'unir tambem o seu modesto testemunho d'admiração e sympathia ao collectivo applauso dos intellectuaes, dirigido, n'uma apothose, ao technico impeccavel, ao artista creador que soube sempre, por um milagre d'idealisação característica nos genios, casar a exteriorisação plastica da obra com a mais alta concepção philosophica.

XAVIER DE CARVALHO.

Paris, 1899.



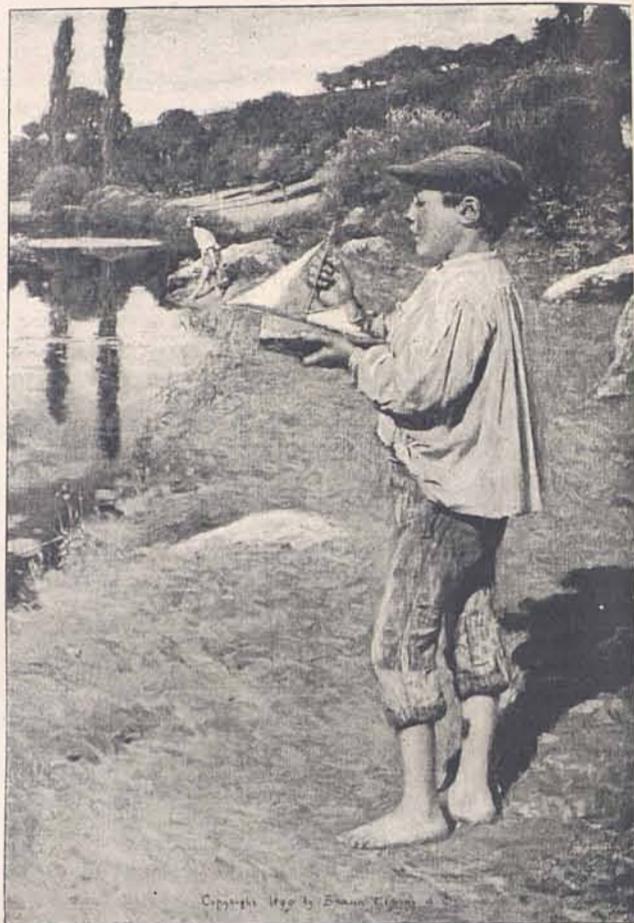
O "Salon" Brasileiro e Portuguez de 1899 em Paris

ESCREVER sobre artistas n'um *meio* tão pequeno como o nosso fugindo do elogio requintado ou amigo e fallando, a linguagem

A representação é, como acabam de ver : distincta, admirave e bastante completa, sobretudo do lado do Brazil.



SOUZA PINTO
Pintor portuguez.



A beira do rio
Quadro do Souza Pinto (portuguez).

justa que traduz a expressão exacta do nosso, pensar, — é por vezes assaz duro e bastante difficil. Geralmente os artistas são d'um nervosismo excessivo, vêndo a espaços n'uma observação franca e sincera um mal disfarçado azedume. No nosso resumido *meio* onde todos se conhecem e onde todos estão de ha muito consagrados nas gazetas com adjectivos emplumados, a critica independente é por isso rara. Individuos facilmente impressionaveis, enfatuados pelo reclamo, não podem supportar uma apreciação pouco elogiosa.

Mas não julguem, no emtanto que n'este pequeno artigo sem pretensões d'estylo e sem preocupações d'esthetica moderna — vamos discutir escolas, levantar idolos novos ou destruir reputações. Não. Tencionamos apenas dizer o que sentimos, — a impressão que directamente obtivemos — em frente dos quadros que os artistas brazileiros e portuguezes enviaram este anno para os dois *salons* da Galeria das Machinas, no Campo de Marte.

Esses artistas são :

Os *brazileiros* : Manoel Madruga, Carlos d'Azevedo, Pedro Alexandrino Borges, Rosalvo Ribeiro, P. Wauthier e Visconti ;

e os *portuguezes* :

Malhoa, Souza-Pinto, Alberto Pinto, D. Sara Vasconcellos Gonçalves e os esculptores Thomaz Costa e F. da Silva Gouveia.

Na secção de pintura do grupo chamado do Campo de Marte ou da Sociedade Nacional ha apenas um unico expositor brazileiro : o snr. Visconti Expõe dois trabalhos d'uma viva e doce emoção, com todo o encanto primitivo dos italianos da grande epocha. Um chama-se : *Melancolie* de que abaixo damos uma reprodução curiosa e o outro : *Tendresse* : dois labios que se unem na divina ternura d'um longo beijo por onde se evola a alma.

Visconti é um discipulo de nova escola. Nos seus quadros releva d'anno para anno grandes progressos. Pinta com uma unção religiosa : na sua paleta ha resabios de technica litteraria e uma poesia doce e amorosa.

Passemos agora ao grupo chamado dos artistas francezes, isto é, o antigo e primitivo nucleo artistico dos Campos Elysios, mas como já dissemos installado tambem na Galeria das Machinas e occupando mais de dois terços do *emplacement* da exposição da pintura.

Todos os artistas portuguezes e brazileiros que já citamos, expoem as suas telas ou os seus gessos n'esse grupo — porque é o officioso, o que distribue recompensas, o que dá medalhas, aquelle que constitue quasi, de per si, o verdadeiro *salon*.

Temos em primeira linha os dois admiraveis *envois* de Souza Pinto, o Mestre incomparado e incomparavel da Arte portugueza



JOSÉ MALHÕA
Pintor portuguez.

moderna. A sua *Colheita das batatas* como o *A' margem do rio* são duas brilhantes afirmações do real e extraordinario talento do artista que possui todos os segredos da technica. Os seus dois pastéis: o *Pastor* e a *Meia Noite no Campo* são d'uma impressão exacta

retrato de Malhoa, — a figura agradável e sympathica d'esse admiravel artista.

M^{lle} Sara Vasconcelos Gonçalves é uma senhora de Lisboa, ainda nova, discipula de Malhoa. Expõe uma tela com reaes qualidades de verdadeira artista. O seu quadro intitula-se: *fiadeira do Minho*: Uma mulher que, em quanto fia, está emballando o seu filhinho no berço de madeira, ao lado.

Achamos apenas muito pouca luz n'aquelle interior minhoto. Mas todas as figuras e objectos estão bem desenhados. M^{lle} Sara Gonçalves tem um largo futuro em frente d'ella, se continuar a estudar como até aqui.

Em Portugal ha de ha muito um grupo de damas que pintam com talento, — entre as quaes devemos distinguir a Sn^a Condessa d'Alto Mearim, a auctora d'essa admiravel *Soror Mariana* que esteve aqui no *salon* do anno passado e sua filha, a encantadora M^{lle} Maria Luiza que é uma aquarelista de valor.

Terminamos a rapida noticia critica sobre os pintores portuguezes, com o irmão de Souza Pinto, o pintor portuense Alberto Pinto que expõe este anno no *salon* um quadrinho de tintas doces, idyllico na composição sem pretensões altas, mas tratado com relevo e com *savoir faire*: é o *Retour de la ville*. Resente-se um pouco da influencia poderosa do seu irmão



Innocencia

Quadro de Rosalvo Ribeiro (brazileiro).

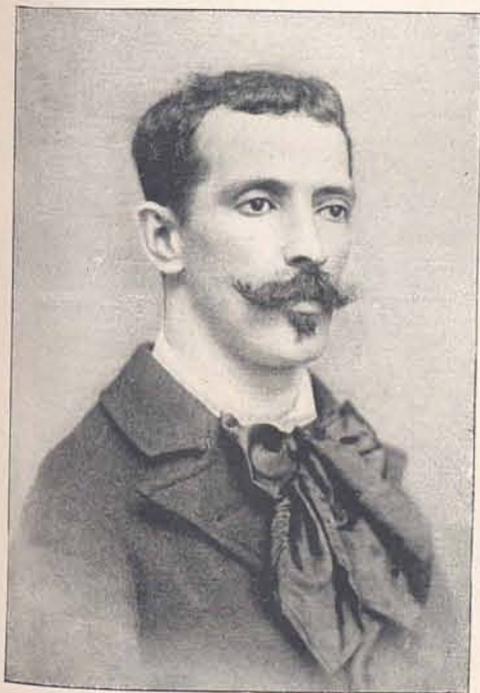
e simples. Souza Pinto é um colorista todo moderno, d'uma intensa vibração.

Malhoa, o distincto professor da Escola de Bellas Artes de Lisboa, e tambem um dos Mestres da arte-moderna em Portugal,



ROSALVO RIBEIRO

Pintor brazileiro.



PEDRO ALEXANDRINO BORGES

Pintor brazileiro.



Natureza Morta

Quadro de Pedro Alexandrino Borges (brazileiro).

apresenta-nos dois retratos que estão admiravelmente acabados: um lente cathedratico e um padre portuguez.

De todos é conhecido as raras e admiraveis qualidades d'este pintor que tão apreciado é em Portugal, com inteira justiça. Os dois retratos que elle expoe no *salon* são no nosso entender dos melhores d'esta grande exposição d'arte. Não podemos infelizmente obter a photographia d'esses quadros. Nem em Lisboa existe cliché de qualquer das duas telas. Por isso apenas publicamos o

que Alberto Pinto deve com justiça admirar, como da influencia de Souza Pinto se resente a sua discipula Gabrielle de Bigot no quadrinho translucido e ingenuo da *Tentation*.

Vamos fallar agora dos artistas brazileiros, — no grupo chamado dos Campos Elysios, isto é do *salon* officioso.

Manuel Madruga é um artista com extraordinarias qualidades,

possuindo um talento superior de paysagista. Filho do Rio de Janeiro, conta hoje apenas 26 annos e ha tres annos que estuda em Paris com alguns mestres dos mais distinctos da arte contemporanea, como são Doucet e Baschet. No anno passado obteve a 3ª medalha d'ouro na exposição da Escola de Bellas Artes do Rio. Já esteve estudando em Roma e deve partir no anno proximo para o Brazil. O quadro que expõe hoje intitula-se: *Déclin du jour*. Vem cahindo a tarde e, sob a luz coada do dia que morre, o verde da intensa paisagem toma um tom macio. As tres ovelhas recolhem do pasto e voltam ao aprisco, idyllicamente, como nas pastoraes. Madruga que possui na sua paleta o segredo de todas as violencias e de todas as amorosas caricias, pintou a sua tela com todo o *savoir faire* d'um artista que tem alma.

Ha bastante tempo que admiramos os trabalhos d'este artista e que seguimos, passo a passo, os seus progressos. E' um dos melhores paysagistas modernos do Brazil. Podemos por isso afirmar que deve ser em breve considerado, como uma das glorias mais puras da Arte Brasileira.

Pedro Alexandrino Borges é um pensionista do estado de



THOMAZ COSTA
Escultor portuguez.

este anno expõe no *salon* é um dos melhores que lhe conhecemos no genero da sua pedilecção. Sabe desenhar com uma perfeição notavel e, sob este ponto, os seus quadros são modelos verdadeiros que causam a admiração dos entendidos.

Moço d'uma grande bondade, d'essa enternecida bondade brasileira onde ha a meiguice ingenua dos povos virgens que nós aqui n'este labutar das civilisações requintadas do centro da Europa mal podemos conhecer, no contacto de tanta malandrice e de tanta cabotinagem, — Pedro Alexandrino Borges é um artista que vive apenas da sua arte e

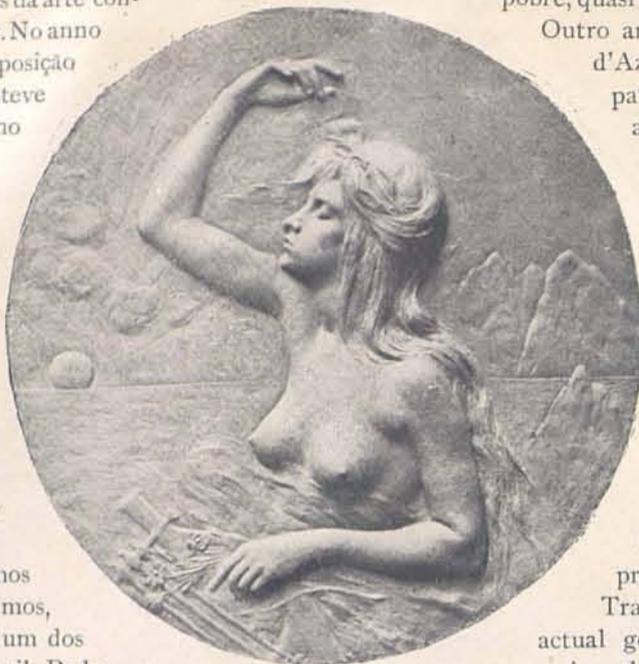


CARLOS D'AZEVEDO
Pintor brasileiro.

pela sua arte, d'uma modestia exagerada, mettido no seu *atelier* da rua de Roma, nas visinhanças do square de Batignolles, — pobre, quasi ignorado e cheio de fé no futuro.

Outro artista brasileiro de real valor é Carlos d'Azevedo, pensionista do Pará, moço sympathico, insinuante e cheio de paixão pela arte. Discipulo de Baschet, de Paul Sain e de Schommer, ha poucos annos que aqui se encontra n'este ruidoso meio de Paris, entregue inteiramente ao trabalho. O seu quadro *Fileuse*, — que acompanha este artigo, possui qualidades notaveis de desenho e colorido. Entre o grupo dos novos artista paraenses, Carlos d'Azevedo destaca-se pela suggestão dominante da commoção esthetica e a intensidade do sentimento. Rosalvo Ribeiro, filho da cidade d'Alagoas e pensionista d'esse mesmo estado, protegido tambem pelo snr. barão de Traypu e pelo snr. dr. Manoel Duarte, o actual governador d'Alagoas, é um moço de serio valor, discipulo de Bonnat que muito o considera. Enviou para o *salon* uma tela que aqui reproduzimos: a *Innocencia*. As creanças

teem no seu quadro um não sei quê d'adoravel e o pequeno episodio está tratado com ingenua e tocante graça. Rosalvo Ribeiro que nos demonstra no decurso do tempo que tem passado em Paris como se lucha, sem hesitação e com coragem por um alto ideal, vive hoje enclausurado no seu *atelier*, com o pensamento fixo na arte, — que forma parte integrante da sua vida.



A Inspiração
Maquette da medalha commemorativa de Garrett por Thomaz Costa (portuguez).



Fiandeira.
Quadro de Carlos d'Azevedo (brasileiro).

Wauthier é um pernambucano, filho de francezes. Veio muito novo do Brazil para a Europa, mas nem por isso o deixamos de con-

siderar brasileiro porque sabemos que poucos teem pelo Brasil uma tão viva adoração, como elle. Discipulo de Lalanne, o pintor Wauthier é hoje um dos artistas mais distinctos entre os discipulos d'esse professor. Apaixonado pelas paizagens suburbanas das margens do

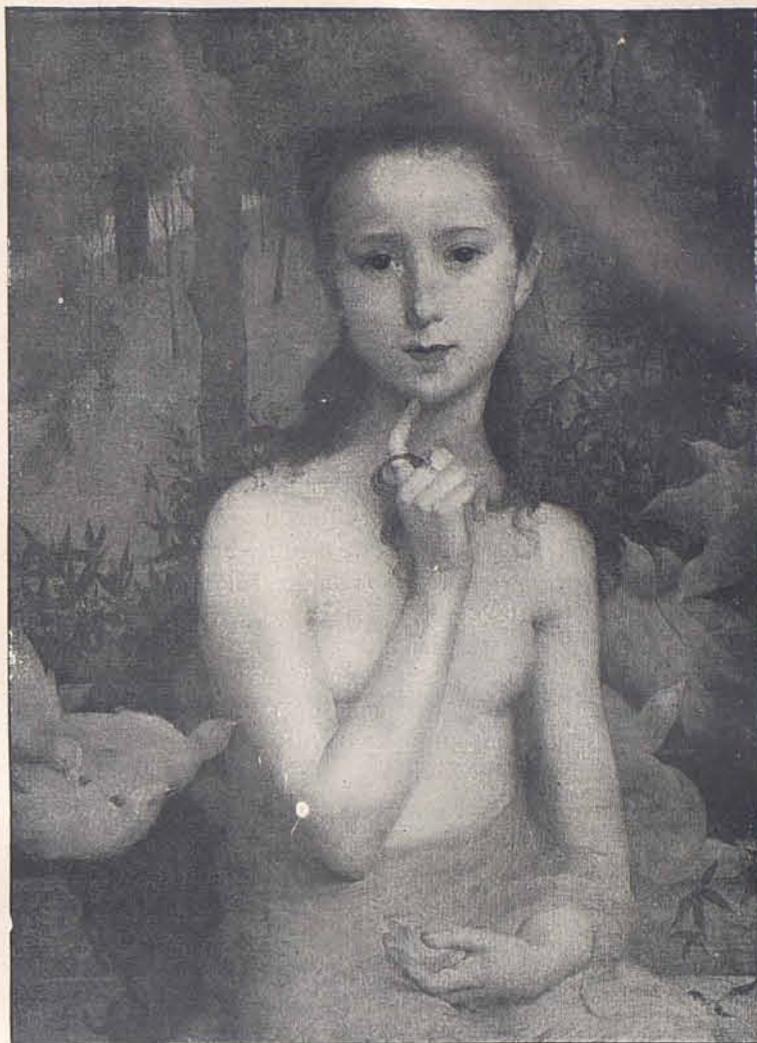
Na esculptura figuram apenas dois artistas, — ambos portuguezes. São : Thomaz Costa e F. da Silva Gouveia.



Fiandeira do Minho

Por M^{lle} Sara de Vasconcellos Gonçalves, pintora portugueza.

Sena, como Raffaeli adora a barreira triste, o artista pernambucano tem uma especial predilecção pelos caes, pelos aspectos do rio, pelas festas domingueiras de fora-da-terra, estudando os cêos, a multidão, os barcos, o vae-vem das *peniches* e dos *bateaux-mouches*, etc. As suas duas telas foram bastante elogiadas pela critica franceza, distinguindo-o com palavras quentes d'enthusiasmo o *Temps*, entre outras folhas de Paris. Os quadros que expoz na secção de



Melancolia.

Quadro de Visconti, pintor brasileiro.

pintura intitulam-se; *Giboulées* (la Seine à Vitry); e a *écluse de Suresnes*; na secção de desenhos e pasteis deu-nos: o *pe-tit-bras de la Fatte* (efeitos do Sena); duas aquarellas: aspectos de domingo em Nogent, a festa da Ponte de Triel.

Vamos terminar esta apreciação a *vol d'oiseau* do *salon* luzo-brasileiro de 1899, citando de passagem a tela bretã de Louis Périnet, um artista francez de valor que tantos amigos conta na colonia brasileira em Paris e que é um delicioso paysa-

Thomaz Costa é um dos mais distinctos e dos mais acclamados entre os modernos artistas portuguezes. O seu medalhão a *Inspiração*, que é a *maquette* da medalha commemorativa do centenario de Garrett, é um trabalho gracil, leve, d'uma idealisação commovida e simples.

Costa encarnouse na alma do poeta das *Folhas Cahidas* e vibrou como elle n'uma emoção gloriosa. No seu medalhão, como outr'ora no *danzarino*, a figura tem linhas musicas e puras. Bem se vê que é obra d'um portuguez, d'um filho d'esses paizes do sul onde até os boeiros, ao longo das estradas, no fundo das provincias são trovadores com mais unccão lyrica do que muitos esthetas do *Mercure de France* ou da *Ermitage*.



Ao cahir da tarde.

Quadro de Manoel Madruga (brasileiro).



MANOEL MADRUGA

Pintor brasileiro

gista, como prova o lindo quadro: *Soir d'hiver*, d'uma melancolia intensa e doce. Perinet com a sua ilha de Brehat, n'um crepusculo terno dá-nos uma Bretanha cheia de poesia, d'uma tinta amorosa. E' um artista que expõe pela primeira vez no *salon*, após tantos annos de triumpho no *salon* dos Independentes.

O distincto esculptor Thomaz Costa quer sob o ponto de vista da eurythmia, como do modelado e da composição é sempre notavel. E' um grande e verdadeiro artista. De Silva Gouveia pouco podemos dizer porque receiamos ser accusados de compadrio. Este artista apresenta no actual *salon* o medalhão de quem assigna esta chronica e uma estatueta do snr. Caetano de Pinho, do Porto. O medalhão, em *plâtre patiné*, do critico d'arte da *Revista Moderna* tem sido citado com elogio em varios iornaes. Por exemplo, o *Gil Blas*. A estatueta está modelada com gosto, com arte e com particular relevo. É uma nova affirmação do talento do artista que nos deu já tão reaes provas do seu intuito de belleza nos *Premiers Regrets* e na *Beatriz de Portugal*.

Gouveia é um do nossos artistas mais nacionaes, sabendo interpretar com toda a melancholia da alma portugueza as figuras e os grupos. E é por isso que todos os seus marmores e todos os seus gessos são tocados da graça dos poentes do sul, d'uma gracilidade fina e doce.

Este moço esculptor pelas suas qualidades magistraes d'estylo, é mais do que uma esperança — é a affirmação d'um temperamento d'artista dos mais notaveis do nosso paiz.



XAVIER DE CARVALHO
Medalhão em gesso patiné do esculptor
Silva Gouveia.

a falta d'incitamentos, d'ajuda, d'auxilio salutar, d'apoio seguro com que luctam tanto na grande republica da America do sul como no pequeno reino occidental da peninsula iberica os alumnos das Academias de Bellas Artes. A burguesia, d'uma estupidez crassa, gasta com mais facilidade avultadas sommas no jogo dos bichos no Brazil ou em toiradas, bailaricos nas praias e arremedos de festas de flores em Portugal — do que na compra d'uma boa tela ou d'um esplendido marmore. Nas exposições do Gremio Artístico, ou nos *salonets* da livraria Gomes, de Lisboa, ou da photographia Guedes, no Porto, os quadros que se vendem são raros e por preços irrisorios. No Brazil, succede ainda peor. Um paiz novo onde tudo está por fazer, onde a arte precisa d'um amparo seguro, onde as paredes dos *apartements* estão nuas ou ornadas apenas de chromos infectos, — os artistas, são raros. E aquelles que se abalançam a tamanha empreza, a de pintar ou a de cinzelar, é por que teem indomita coragem e creem no futuro, mais do que nós mesmo.

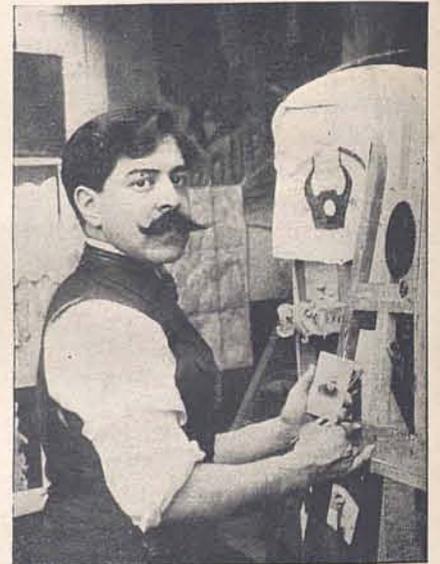
Viver da arte em Portugal e no Brazil é tão aventuroso como viver egualmente da litteratura n'esses dois paizes, tão rebeldes ao culto da Belleza.

O artista é ainda para um certo publico, um parasita, quando não é um bohemio inutil.

E no emtanto esse parasita e esse bohemio é que fazem brilhar atravez dos seculos sem fim as civilisações.

São elles, esses grandes creadores que ao lado dos poetas de genial inspiração e dos prosadores que teem o culto da belleza, transmittem ás gerações a immortalidade d'uma raça.

São elles, os seres representativos por excellencia d'um melhor mundo e d'uma humanidade superior.



F. DA SILVA GOUVEIA
Escultor portuguez



O Sena em Vitry
Quadro de Vauthier, pintor brasileiro.

Resumindo : a representação artista de Portugal e do Brasil no actual *salon* é muito boa. Não podiamos esperar melhor com

Paris, 1899.

XAVIER DE CARVALHO.

EFFEITO IMPREVISTO



Dr X..., inventor de um maravilhoso elixir de vida, experimenta-o nos seus animaes domesticos.



SS. MM. O REI E A RAINHA DE ITALIA

Caracteristica photographia dos soberanos, por occasião da sua ultima viagem á Sardenha.



PANORAMAS D' HESPAÑHA

de Huesca II

A SEMANA SANTA E A FEIRA DE SEVILHA

A caminho do so.

A noite, a uma janella do expresso, caminho de Hespanha. Reina um grande silencio em que se ouve vibrar o sussurro dos arvoredos, as ultimas respirações do porto, adormecido no viril esplendor das suas aguas d'um azul metalico e sombrio, o halito da cidade ao longe, o vento que vem dos encantados jardins por onde erraram meus passos de sonhador, a murmurar ao coração coisas confusas e ternas. Vento das Hespanhas, vento dos montes, dos mares e das cidades, vento sahido dos seculos, vento em que rolam poeiras de almas, de gloria, de legenda, de heroismo e de paixão, vento ensopado de sangue e embalsamado de perfumes de lorangeira em flor, vento em que soluçam corações e guitarras, e que, leve e doce como o dedo d'uma fonte sobre a carne nua d'uma nayade, me lava as palpebras, nocturnas ainda.

Diante de mim, para lá da praia, na sombra, as casas de San Sebastian, n'uma massa informe, apparecem picadas de luzes; a raros intervallos, como um animal ferido, o mugido lamentoso da locomotiva, a que a minha anciedade parece ter comunicado uma rapidez de vertigem, soluça na treva; depois, de novo, ha immensa paisagem nocturna é o silencio: depois o silencio ainda. Uma estrella passa, rapida; um pharol acende-se; a pupilla vermelha ou esmeralda dos ultimos navios reluz com uma phosphorecencia de chrysoprasos verdes e de elyctros cor de rosa, o campo negro e vasio alonga-se ao infinito sob as borboletas d'oiro dos candieiros.

Como barcos sem remadores que vão, lentos, ao acaso das ondas por rios de velludo e sedas, os meus pensamentos taciturnos deslisam sobre a ondulação dos seculos, para os dias de triumpho da Hespanha, tempos de paroxismatica gloria, passado de vertigem e fausto, luas e soes d'outrora, extinctos. Palavras ardentes clamam o fulvo arranque e a paixão em braza d'este povo em que fermenta e se exalta até á morte a heriditariedade d'uma raça cavalheiresca e amorosa, sonhadora d'illiadas e de epopeas, d'uma raça que elaborou uma poesia de febre, de gloria, de paixão, de heroismo, de vida intensificada e sublimada ao sobre natural — e vindas não se sabe d'onde, sahdas d'invisiveis e enigmaticas boccas, passam errantes no vento. Depois, ante a luz azul e fria da madrugada os negros da noite vão recuando; um a um os candieiros extinguem a vagarosa chamma e em todo o claro jardim dos céos não se descobre a mais que a estrella da manhã, lyrica e derradeira flor de prata, a cantar.

Então na alva que nasce a região apparece immensa, levan-

tada em avelludadas e molles collinas cuja cor é d'um heliotropo terno estriado de perola e oiro. Sobre os valles de Guipúzcoa pairam brumas leves como sedas humidas, tecidas de orvalhos e nacares, sedas feitas para as alcovas de sombra em que se espreguiçam as arvores somnolentas. Na immaterial geada de luz os prados são d'um frescor delicioso de coloração, a infinita symphonia dos verdes, desde o humido verde musgoso das arvores, ás glaucas e esmeraldinas verduras dos trigos e aos pallidos verdes-mar das hervas, indo morrer ao longe, no circo sombrio dos montes, n'uma surdina de cinabrios repousados e frios. Depois, com a proximidade dos Pyrneos, d'opala e agatha, em cujos flancos parece sangrar a ferida dos inexoraveis orgulhos da Hespanha, a paisagem, que uma chuva sentimental molha, faz-se mais romantica e vaga. Nos valles há somnos e preguiças nas culturas, hesitações nos verdes, soluçantes anemias nas arvores. Maio não concitou ainda ás expansões furiosas, as seivas. Uma camada ligeira de neve, fôfa e rosada, d'aquelle tom de rosa secca, tão embriagante, que Velasquez dava aos gibões dos seus infantes, d'um rosa

incorporeo e diaphano como um soro de sangue, cobre ainda os cimos que teem a forma de nuvens. E sob o céu pallido as agudas arestas dos géos sahem do seu immovel somno, dormido em tranquillidades brancas d'hospital, cadavericas e com uma larga chaga vermelha na frente.

Uma a uma as estações succedem-se, monotonas. Ficam para traz os Pyrneos e o trem rola agora em latitudes incapazes de fazer vibrar o lyrismo dos poetas. Para um e outro lado da via ferrea estende-se a perder de vista a planicie funebre, desolada e nua de Castella Viega, d'onde sahe um halito quente de charneca. Quando a quando, a borbulhar da aridez calcinada do sólo, um cahos de rochedos, a erupção violenta e tragica de montões de pedregulhos comidos de gangrenas e lepras e que os braços de cinza dos cardos enlaçam. E nem se quer a grisalha d'uma oliveira a cortar da sua sombra azulada a dura paisagem de catastrophe que a portinhola do wagon enquadra.

Pouco a pouco o adormecimento que penetra as coisas parece quer ganhar-me tambem. Olho então, para me furtar ao somno, os meus companheiros de viagem. Os quatro inglezes muito hirtos que, desde Paris me seguem, persistem sempre na leitura pro-



Partida dos forasteiros da estação d'Atocha para Sevilha.

funda do Bedheker e o francezito insignificante que entrara em Biarritz e em boa verdade não tem de notavel senão o alfinete da gravata um chifre em brilhantes encimado por uma coroa real, continua estirado ao longo do banco a resonar como um órgão de cathedral. Fôra, vozes bocejantes de mulheres, apregoam, *azucarillos e naranjas*. Devemos estar por alturas de Miranda. E de repente, n'um tumulto, o wagon é invadido por um bando de hespanhoes. E' uma turba multa pittoresca de Quixottes e Sanchos á mistura, uns de figura secca e angulosa outros d'um materialismo bonacheirão e grosseiro e tôdos d'um alto relevo igual ao dos typos da obra prima. Depois de, com cortezia extrema, nos saudarem, reparat-se como podem pelo compartimento. Mas não cabem. O francez, que afinal sei ser diplomata e loiro, continua, elle só, a occupar meio banco e um dos hespanhoes é obrigado a bater-lhe delicadamente no hombro, dizendo :

— *Com permissio d'usted.*

O outro nada.

— *Me consenta usted.*

Ainda nada.

— *Se usted...*

Lento mover da cabeça do diplomata. Mas o corpo, esse, inabalavel,

não mexeu. Não resta ao hespanhol sequer um estreito espaço onde encolher-se. E, como o do chifre não se move, vá de deixar-se cair com todo o peso do seu magro corpo sobre as pernas do loiro, que estalam. D'um salto, estremunhado e colerico, o francezito levantou-se.

— *Monsieur!*

— *Caballero!*

Cuidei que hia haver rija pancadaria; não houve nada. Ante a musculatura forte do peninsular a colera do outro evaporou-se. E como ficaram visinhos entabolaram logo conversa. O hespanhol era o typo puro do fidalgo de Castilla, o *hidalgo* da tradição e da legenda. Parecia o proprio Miguel Cervantes com a sua face angulosa e magra, o cabelo duro e grisalho, o grande nariz em garra, a barbicha forte e talhada em ponta. Chamava-se D. Pablo Argazon y Manzanos — hijo de su padre D. Salvador Lagorreta Argazon y Manzanos, caramba! — e seguia com seus amigos para Burgos.

— *Nos vamos a ver las fiestas que en todo lo mundo son muy renombradas.*

Em Burgos com effeito sahiam e d'ahi por diante, até Madrid, a viagem continuou, bocejante e somnolenta, a morrer.

pelas seis da tarde, poder-se-hia chamar, n'estas vespuras da Semana Santa em Sevilha, o trem da Mocidade e da Belleza, de tal modo na multidão tintanubelante e ruidosa dos que partem predomina a gente moça e alegre e entre esta destaca a aureolante e sagrada belleza das mulheres.

Fins d'um dia de christal e oiro e no céu sonoro e alto, no ceo que é como um festivo e claro arco de triumpho, arde ainda a gloria d'um crepusculo de heroes e deuses. A rosea e vermelha poeira solar das seis horas recorta, n'um opulento fundo de vitral á Rubens, os meus companheiros e sobretudo as minhas companheiras de viagem. Noto logo, entre duas gordas mamãs, seis ou sete raparigas, desasseis a vinte annos, pertencendo áquelle typo de dolorosa belleza feminina que tanto me chocara aquando, pela primeira vez, viera a Madrid. São creaturas d'um loiro cinza de pastel antigo, graças d'ave moribunda, carnes d'um palor mate de crepusculos lunares, artisticas mãos fuseladas, longas e frageis, flores de raça e lyrios d'amor em que sonha a negra luz d'olhos de velludo. Ellas descendem, em linha recta, d'essas Rainhas e Infantas aquem a mão nervosa do gentilhomem Van-Dyck, o punho de rendas do ultimo pintor das raças reaes, do poeta das almas, fixou para sempre a melindrosa graça de mulheres — flores que se escutam morrer. Ha tambem uma marquiza e um monsenhor, que, sem que eu saiba explicar porque, me dão a impressão d'uma symphonia lilaz e carne, e, por ultimo, uma picara familia de inglezes que, desconfio vae ser a alegria da viagem e já fornece a todo o wagon o praser banal, mas sempre appetecido, de zombar d'esse povo turista, viajando por tribus, com o contrapezo d'um edificio de mallas atraz de si. O inglez é um velhito cómico, de sobrecasaca, apopletico, muito fallador e saccudido por guinadas de riso; a esposa, uma velha dama de perfil de papagaio, inexprimivelmente surda, partilha da alegria que o marido lhe insufla por meio d'um telephone portatil — uma corneta que acolcheta á orelha e um tubo com que brinca como se fôra um berloque.

O trem rôla; um ligeiro vento agita os stores azues bandeirantes; o quente torpor do fim a tarde invade de voluptuosas preguiças as almas; e por cima das carruagens paira um alegre trinar de vozes femininas como um tumulto de passaros na alegria d'um jardim. E, sem descanço, o acustico telegrapho funciona. O tubo passa e repassa das mãos da velha para as do velho que por fim transmite a uma desagradavel miss, secca como um arenque e abotoada num *paletot* d'homem, as hilaridades que agitam os dois e não teem ao certo motivo appreciavel.

Em Alcazar, uma estação onde se toma excellente chocolate, já a noite descera funda, luarenta e quente, o inglez abre um parentese na sua interminavel loquacidade, a velha dama surda enrola em volta do pescoço o telephone, a miss masculinizada descruza os braços enormes; e, penosamente, um moço de fretes, ajuda-os a tirar das redes e dos vazios das bancadas uma vintena de embrulhos, de sarilhos de bengalas e umbellas, de rôlos de mantas de viagem, uma fornida biblioteca Baedeker. Eo bando que parte proseguirá assim de cidade em cidade, e de paiz em paiz, não tendo nada observado, nada visto, mas julgando haver-se divertido immenso, sorrindo sempre sem saber



Programma das Festas da Semana Santa em Sevilha



Um Café-Cantante em Sevilha

O expresso para a Andaluzia, que parte da estação da Atocha

porque, arregalando muitos os olhos em frente dos monumentos previstos pelo guia, e este verão, para o verão seguinte, em todos os verões da sua vida, levando através dos continentes a inamovível caricatura do turista d'officio, candido e resignado rebanho sacrificado á voracidade dos hoteis e dos cicerones.

Agora sinto definir melhor em mim a vaga antipathia que emanava da hybrida miss; era a total ausencia de magnetismo feminino, a inaptidão para a graça, para o sonho, com que se illuminam as quentes pupillas saphira das raparigas solteiras. E affigura-me que nós somos um pouco mais na bondade das coisas depois que esse frio perfil nos deixou. Na bondade e devo confessar tambem na amavel belleza pois que reparo que, sob as vaporosas toilettes em primavera das viajantes, se desenhavam harmoniosas linhas de estatua, figuras heraldicas de armorial antigo, bustos de esmalte que um vago sonho aureoleia de poesia inefavel, corpos de jaspe com nubilidades de toutinegra, mascaras de cerusa corruídas pelo orbe negro das pupillas immensas, bebedoras de soffrimento.

Na noite azul, em seguida, discos, pharoes que são como, cravados em póstes, corações de poetas a arder, uma algazarra, um esfusiar de cantos, de palmas, de vivas, d'olés; depois, no silencio que se faz rapido, um canto de velludo e paira cheio dos langores da Hespanha e das tristeza da Arabia, o mysterio d'uma voz de mulher em que soluça a eterna angustia d'amar,

*Aun que pases por mi bera
Tu ropa i la mia rocem
No te han de mirar mis ojos
Por que los tuos no gócem...*

e subito, ainda eu pensava em como seria doce engastar as minhas lagrimas n'aquellas palavras d'oiro, a visão d'uma rapariga que passa ligeira, gracil, esbelta. Tem linhas delicadas e frageis, uma bocca de capricho e zombaria semelhante a uma rosa de Bengala, cabellos loiros nascendo d'uma nuca de perola, olhos d'uma tinta de gemmas moribundas, pizados e com grandes discos cor de sombra, uma pelle transparente e nacarada como a agua adormecida onde se reflectem nenuphars. Com uma capa de chinchilla, um collante vestido, cinza bordado a flores cor de malva, o ramo de violettas que se fana no concavo do seu diminuto regalo, ella é a *doce noite que caminha*. Visão ephemera que mergulhas no escuro d'uma porta de estação, visão aureolante d'encanto que desapareces e não mais verei.

— Bendita sea tu gracia!

O trem que devorou as planicies aridas da Mancha avança agora pelos rhembrantescos escuros da Serra Morena e tudo se cala e dorme á minha volta. Só para o lado da marquezia e do monsenhor de pralaticias maneiras se sente um murmurar piedozo de resa, oração d'amor voluptuosa e quente, mimada a beijos. Monsenhor excita-se, Monsenhor vae abrazado... O seu labio de lacre, sensual, parece dizer á andaluz amarqueza que lhe abandona a mão pequenina e gordinha: « Palpebras batidas, pupillas largas onde dormem os remembers de viris proezas, tauromachias de que sou o afficionado pupillas! experimento o vosso invencivel encanto. Golphos, pupillas! descí ao fundo das vossas aguas e ficou-me o coração preso nas arborecencias dos coraes. Arenas de combate, pupillas! n'ellas fui lutar e tendo sido proclamado no delirio dos triumphos o egual de D. Raphael, califa de Cordova, sou para vós um novillo domado. » Mas Monsenhor compromettia-se, affo-

gava-se na onda de tanto lyrismo. Uma mamã tossiu. A madrugada rompeu.

Agora é a Andaluzia, a Andaluzia das cidades romanescas e voluptuosas cujas preguiças sonoras enchem o ar de canções de sol; jardins d'amor em que as flores de veneno, de carne e de sangue enervam e matam com seus tenebrosos perfumes; paiz de sangue real entre as plebes do mundo d'onde brotou uma raça de visionarios, toireiros, bailarinos, poetas, sanctos, artistas e musicos de que nós portuguezes somos abastardados descendentes; terra em que os vinhos e os cabellos das mulheres são pesados e perturbantes e onde as boccas sangrentas das raparigas, das romãs e dos cravos, n'um grito furioso de luxuria e de paixão carnal, parecem paraphrasear, a beijos e mordeduras, os diseres d'Hamlet:

«... Dormir, sonhar talvez, amar decerto...»

— Sonhar, amar decerto... Oh! como sob o azul concavo d'um céu crú se ouve o trabalho harmonico da terra, da terra em primavera, da terra em amor, toda a fermentação violenta das seivas no brusco accordar d'uma natureza em spasma, ella tambem impulsionada por correntes de febre, de lava, de paixão e volupia. O solo é sombrio, trigueiro como essas cabeças desgrenhadas, mas cobertas de flores, das guardas que apontam á margem da estrada e sorriem baixando as pestanas pesadas e meigas. O sol, o secco sol das Hespanhas, solta ja por sobre a paysagem uma poeira de sangue e deve produzir para as horas do meio dia as ardentes visões e miragens do deserto. O verde é metalico e aspero, verde da flora



O toureiro Sevilhano Mazantini e sua quadrilha.

andaluza, onde se sente já a flora d'Africa e pelos pomares, pelos hortos, pelos jardins é o desabrochar opulento de loireiros rosas, romanzeiras carregadas de fructos, magnolias de aroma perturbante, catasoes d'oiro, bananeiras cuja flor annunciá a morte da planta, e é como combinação deliciosa de um purpura violeta e d'um granada abrazado, aloés enormes, embalsamados laranjaes, oliveiras cuja folha é prata cinzelada, rosas em cujo perfume se respira todo o Oriente, e palmeiras anãs recortando, na lamina d'oiro dos poentes, o bronze das suas folhas.

Um choque violento, um ruido de ferros que arrastam e, bruscamente, Sevilha. Cidade mais amada do que uma mulher, irmã em belleza da italiana sonhadora dos canaes, sob o teu chapeo de telhados vermelhos e do teu veo de sol, tu és, ó Sevilha dos amores e das guitarras, ó terra de Maria Santissima, um d'esses logares adorados dos quaes. Flaubert disia « *si beau qu'on les voudrait presser contre le cœur.* »

E fui-me almoçar.

PROCISSÕES DA MADRUGADA

Uma das grandes curiosidades do forasteiro que vem assistir ás magnificas festas de Sevilha é de ver as procissões de madrugada, as confrarias, que são quinze a vinte, compondo-se muitas d'ellas de tres *pasos*, e ostentando venerandas effigies feitas por esculptores afamados. Estas confrarias, que constituem uma especie de franco-maçonaria religiosa, d'assistencia e mutualidade, pobres umas como a dos *gitanos*, ricas outras como a dos *padeiros*, compõem-se de centenas de irmãos que, com os seus habitos de peni-

luziu diante das capellas os ardentes boleros d'um sensual e mystico desejo. As obras primas da sua arte são as suas Virgens, suas Immaculadas Conceições, imagens colhidas nas ruas de Sevilha nas bellas horas em que ter genio o mesmo é que bem saber amar. Tal como os seus enamorados olhos as viram, tal como o seu coração esbrazado as sentiu, ellas ficaram a palpitar nos retabulos das capellas, a emergir em voluptuosas Assumpções das paredes dos museus, sem que o realismo sensual do artista, sacrificando a pretendidos esculpulos de dogma, concedesse jamais em as transfigurar, e apenas se limitando a nimbar das castas graças e da doce poesia das maternidades a sua belleza por demais provocante e mundana.

Nos jardins da voluptuosidade, de resto, nenhum pintor em Hespanha egualou Murillo. As flores da sua arte são quentes flores de carne e paixão, flores trigueiras crescidas e doiradas pelo sol violento e secco da Andaluzia. A sua alma d'um lyrismo sensual e candente é quem, a uma certa altura da vida lhe dirige a mão e lhe dicta, melhor do que pinturas, cantos, poemas mesmo, d'amor e ternura, fulvas e magnificas odes a essas imagens que são rythmo, encanto, belleza, sonho e luz. Desde então a sua preocupação constante é pintar mulheres e creanças, o que seja carne doce e tenra, velludosa carne de jasmim, o que seja claridade, frescura, innocencia, amor.

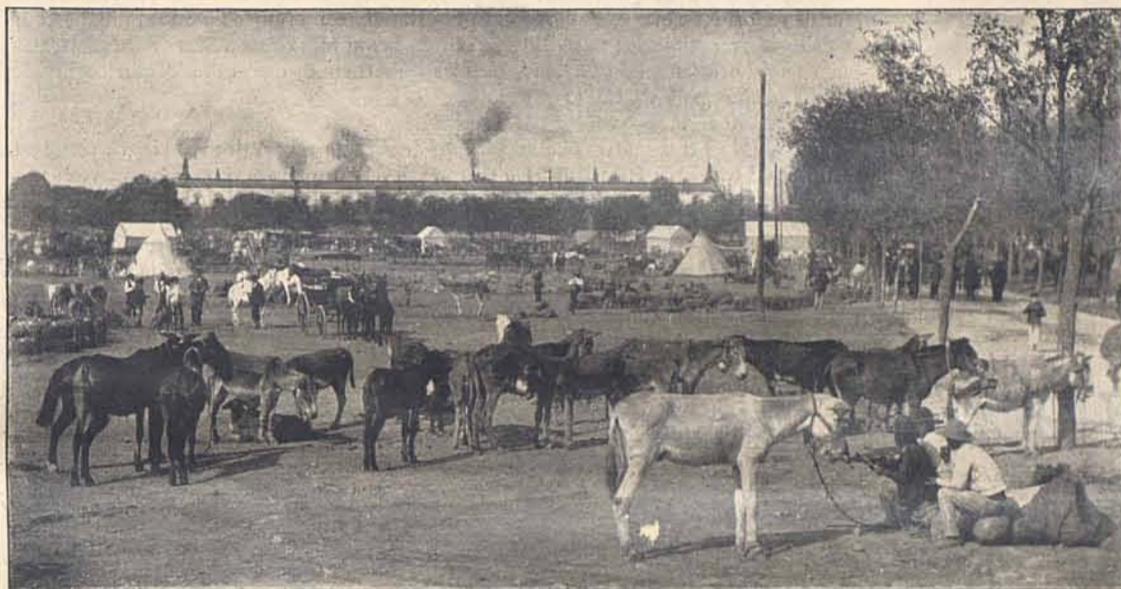
Há aqui, no Museu, um outro quadro em que o artista prodigalisou toda a magia do seu colorido e que é uma das suas mais delicadas creações. É a encantadora *Virgem do guardanapo*, pintada por Murillo no convento dos Capuchinhos, a pedido do frade que o servia. N'esta tēla o pintor que em Hespanhá melhor traduziu a vida e a poesia da carne, faz brotar do corpete da Virgem o signal da função de mãe, o globo nevado do seio, o qual, a exemplo de Jesus,

dessedenta a humanidade. Toda uma maternidade de entranhas, toda a intensa paixão animal da geradora pelo fructo da sua matriz, toda a gravidade feliz da esposa fecundada sentindo viver a sua propria carne na delicia d'essa carne sahida d'um mutuo amor, trahem-se na pressão apaixonada com que a Virgem estreita os membros meios nús da divina creança que alonga para a sua face maternal a caricia dos seus deditos amorosamente brincalhões. É um hymno familiar e intimo, tecido pelas mais cariciosas musicas do colorido, o cantico dos canticos do material amor, um bouquet de carnes trigueiras, um zenith d'albascentes e azuladas claridades, uma symphonia de cabelleiras doiradas de sol, um sonho, emfim, de opala, de saphira, de pó d'oiro.

A mais risonha imaginação prodigalisou n'esta tēla o que melhor podia tornar sensível a ideia d'uma absoluta plenitude de felicidade, as luminosidades voantes e doces, a harmonia tranquilla que resulta da sabia aliança dos azues celestes e dos brancos leitossos na composição dos estofos, e a doçura de expressão da virgem, modelada em luz, nos palidos oiros d'uma luz que, á força de ternura, é um pouco do calor e da luz do proprio coração de Murillo.

O Museu é menos rico em obras d'arte que a cathedral e, tirante a *Apotheose de São Thomaz d'Aquino* de Zurbaran, na austeridade de desenho e no voluntario silencio da cōr d'uma psychologia concentrada á Mantogna, não vejo nada que valha a pena notar. O Cavaragio hespanhol, pintor incomparavel dos monges austeros extenuados pelas macerações, dos pensativos ere-

mitas e dos padres terriveis, elegiaco profundo da penitencia, da solidão e da meditação, é um sombrio pertencendo á *clan* de Ribera. Ah! mas Ribera! Esse sim, esse não é um pintor apenas, esse é uma raça. Toda a Hespanha dos autos de fé, com as suas filas de penitentes negros e de torvos inquisidores, revive na sua virolenta e desesperada pintura. Elle mesmo tem uma alma de torsionario; pinta como se estivesse escorchando corpos, com as mãos homicidas que gozam em remexer entranhas e em alimentar de carne o rescaldo dos brazeiros. Com as suas figuras em coiro de Cordova, as selvaticas e terriveis figuras das plebes do seu tempo, excoriadas, decrepitas, as péles amarellas e retezas como as peles dos tambores, as mãos esbrugadas e as apophyses em pontas de cutello, as carnes comidas pelo sol secco dos montes, os cavos e febris olhos furando as orbitas, como se o bico dos corvos já os tivesse começado a retalhar, figuras mais tragicas que as feitiçeras de Macbeth, torsos cabelludos e negros de gigantes cujos musculos se contraem nos agonicos pavores dos supplicios, cadaveres que se obstinam em não morrer, Ribera apparece-me como o espectro d'uma Hespanha sangrando pelas quatro veias



Abarracamento dos boiadeiros na grande feira de gado em Sevilha

e ainda procurando levantar-se sobre o seu leito de torturas.

A sua arte é o ascetismo da primitiva fé, a dura religião de silex dos santos ossificados em um culto de inexoraveis paraísos, um negro fervor de fakirs vendo-se decompôr vivos — a pintura, emfim, d'um homem com o duro coração do povo.

Já sahindo cahe-me sob os olhos um furioso quadro de Morales : *São João no deserto*. Uma colina leprosa, adusta e como vitrificada dominando negras escarpas penhascosas. O arido e o nu d'uma rocha viva sem agua nem vegetação onde um povo, derreido de somno, dobrado para a terra, olha com seus olhos vasio, o hallucinado que lhe prega. Em pé, sobre um cabeço esteril, o Percursor clama o seu sonho messianico, descuidoso de tudo, menos do ideal. O sopro da morte contrahe seus labios d'onde fulgura, sobre o velho mundo, a tempestade das maldições. Com o magro corpo embrulhado n'um trapo, o capuz nimbanda a sua cabeça encovada, o gesto fanatico e teimoso, tal surge á minha vista, em sua fealdade visionaria, o precursor dos anarchistas, o comedor de gafanhotos o esseniano pregando o odio ao rico e a comunidade dos bens! Os que o cercam mal o escutam e decerto o não comprehendem. Mas que lhe importa a elle o horror ardente do seu covil, a obtusa indiferença das multidões? Uma voz lhe falla. Fora do contingente e do concreto o extasi o arrebatada. Um deus o arrasta para os cimos, lhe descobre uma era de justiça nova e, precipitadas do sombrio Thabor as hordas negras dos novos Barbaros, destruidores de toda a Harmonia social e de toda a Belleza.

DOMINGOS GUIMARÃES.



Reclinada sobre o leito de pórfyro de Syêne, a Princeza Ariana dorme, phantasticamente linda. Colxas de brocateis, finas bordaduras de Assúr, com lisonjas d'oiro e recâmos a matiz, accumulam-se no tapete da alcova. Sobre o corpo da Princeza apenas um transparente tecido; num tamborete de porcelana, em preciosos bronzes de Corintho, florescem ramalhetes de lyrios rôxos. Nos braços da donzella pulseiras de esmeraldas de Juba; nos pés cothurnos cravejados de amethystas; nas côxas ligas feitas com topazios do Mar Vermelho; nos dedos faiscam rubis, brilhantes do Oriente, perolas de Athenas; e no cabelo, gloriosamente loiro, arde uma enorme opala da India.

Ao anoitecer...

Na alcova sente-se a suave respiração de Ariana a dormir; um alegre sorriso traduz o seu sonho que tem azas faiscantes. De subito ouve-se uma voz; depois outra voz; segue-se outra e outra, e outras, muito brandamente para não despertar o diaphano somno da Princeza :

A voz da amethysta :

*Com resinas da Arabia e de Corintho,
Ariana, os teus pés são perfumados...
E' tal o aroma que nem mesmo o sinto...*

*Eu brilho entre os teus dedos delicados,
E nos teus pés derramo os meus fulgôres,
Como se fossem oleos rôxeados...*

*O meu brilho é macio como as flôres :
As violetas, as malvas e os lilazes
Têm a côr dos meus calmos esplendôres...*

A voz da esmeralda :

*Os bellos braços nús onde me trazes,
Linda Ariana, brilham mais que os mares
Estendidos nas rochas como gazes...*

*A minha côr palpita em mil logares :
Arde nos falsos olhos de Dalila
E nas viçosas plantas dos pomares!*

*Em tudo o verde resplendor scintilla,
Vestem-se os campos com meu brilho ardente,
Veste-se o mar com minha luz tranquilla!*

A voz do tapazio :

*O loiro mel que delicadamente
As abelhas fabricam nas colmeias,
O Sol que resplandece no Oriente...*

*A luz dos astros, as doiradas teias
Que as aranhas estendem pelo ar,
O resplendor das tropicaes areias,*

*As claras gomas de Madagascar,
As minas d'oiro, o brilho de Diana...
Tudo possúe a minha luz solar!*

*E os teus proprios cabellos, Ariana,
Em bellas tranças, loiras e irrequietas,
Tem esta côr, — esplendida e tyranna! —*

A voz do brilhante :

*As ideias nos craneos dos Poetas,
Misturam-se, febris e scintillantes...
Dentro de mim, em convulsões secretas,*

*Os brilhos multiplicam-se, incessantes...
Por isso as almas d'elles são de luz
E scintillam tambem como os brilhantes!*

A voz da pérola :

*Quando expirava o candido Jesus,
No Calvario da Dôr, — a soluçar
Magdalena gemia aos pés da Cruz...*

*E dos seus lindos olhos, a chorar,
As lagrimas cahiam destacadas
Como perolas soltas de um collar!*

A voz da opála :

*As minhas côres são mais celebradas!
Nenhum de vós com tanta luz fulgura!
Porque reúno o alvôr das madrugadas*

*Ao verde da esmeralda, clara e pura,
E o fogo do rubi irradiante
Ao brilho da saphyra azul-escura!*

(Pausa. Depois, como uma confidencia, ouve-se a voz do rubi :)

*Ariana! os vaidosos, num instante,
Guardavam todos esses galanteios,
Se vissem como eu sou tão semelhante*

Aos escarlates hicos dos teus seios!

LUIZ GUIMARÃES (FILHO).

Rio de Janeiro, 1899.

EMILIO CASTELAR

251

Não querendo talvez sobreviver ás desgraças da nobre patria heroicamente vencida e tão indignamente expoliada, desaparece do numero dos vivos, n'um canto obscuro e modesto d'Aragão, a mais bella e proeminente figura que resplandeceu no scenario historico da Hespanha contemporanea.

E n'esse desaparecimento tranquillo e suave como deve ser o de todos os bons e honestos cidadãos, o perfil superior e imponente do grande homem e do impeccavel patriota illumina pela ultima vez os horisontes da patria amargurada com um ultimo clarão rubro e offuscante, tal o ocaso de um sôl poderoso e dardejante embrenhando-se pelas vastidões sem fim.

E foi assim que a Hespanha inteira contemplou a morte de um dos mais illustres dos seus filhos que durante a metade de um seculo, mesmo em opposição ás mais violentas luctas politicas soube glorificar de um modo tão elevado o prestigio e o nome nacional.

Não é por certo em algumas linhas de consagração que nos é permitido dar mesmo uma noticia limitada sobre tão possante individualidade. Incumbe esse justo preito e essa irrecusavel homenagem ao maior campeão do *Latinismo*, aos historiadores competentes que saberão immortalisar para a posteridade um dos mais dignos collaboradores do brilhantismo d'este seculo que vio expirar as grandes figuras de Garibaldi, Hugo, Gladstone, Bismark e outros. Emilio Castelar foi o maior vulto oratorio da sua epocha e quando o seu verbo de uma eloquencia rara e privilegiada repercutia nos areopagos nacionaes, a Hespanha toda e mesmo a Europa culta appressavam-se em escutar a palavra vibrante d'aquelle que possuia o supremo dom de impressionar os povos.

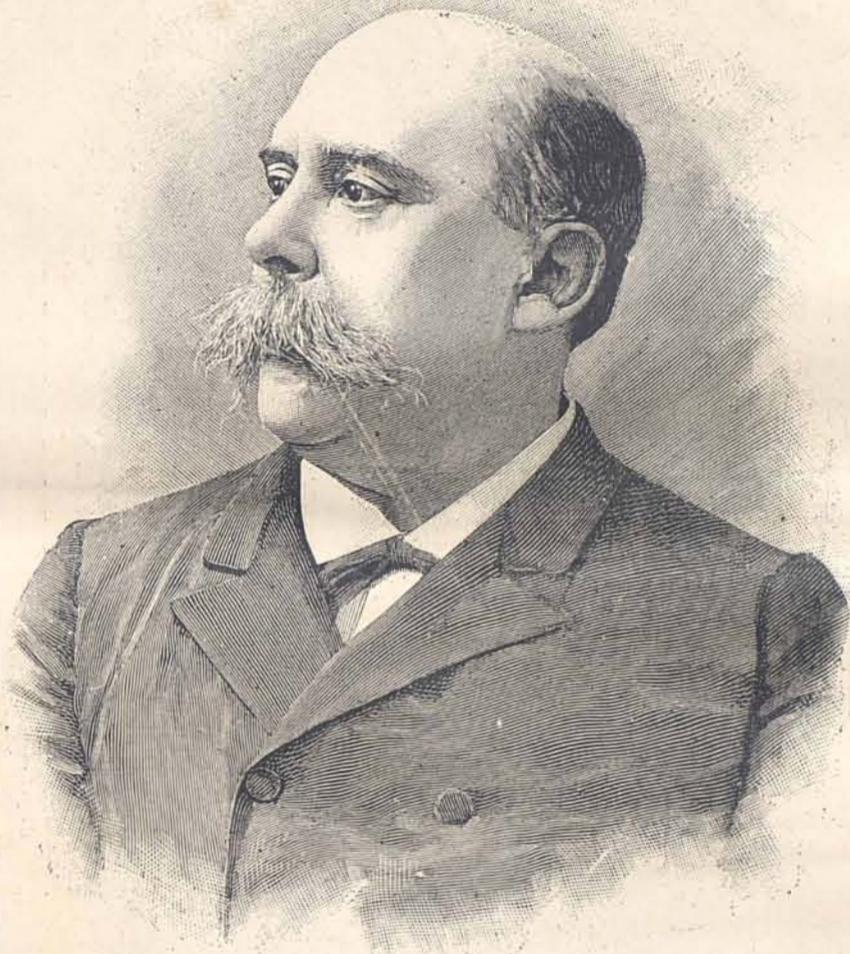
Antes de ser republicano, Castelar era um verdadeiro Hespanhol, amante e admirador da cavalheiresca grandesa da sua Patria e dos nobres feitos da sua raça e o seu ideal democratico descansava com prazer e orgulho na contemplação das glorias da velha Hespanha monarchica.

O seu espirito sonhador admirava cheio de um respeito fanatico a epocha maravilhosa das cruzadas mourescas, o esplendoroso reinado de Fernando e Isabel, a epopeia deslumbrante dos conquistadores dominando o mundo, e o genio immorredouro de Cervantes, Calderon, e Lopes da Vega, encontrando mesmo na sua maginação de artista e philosopho, indulgencias e ternuras para

com os rigores da Inquisição e a autocracia absoluta de Phillippe II e Carlos Quinto.

Emilio Castelar nasceu em Cadix a 8 de setembro de 1832 e fez com grande successo os seus estudos em Madrid. Aos vinte e dous annos era nomeado por concurso professor a uma cadeira de historia e litteratura revelando desde essa epocha as suas admiraveis qualidades de orador. Em 1884 entrou para o jornalismo, assumindo uma franca posição de combate pelos seus violentos artigos que appareceram nas columnas da *Tribuna*, *Discussão* e

Democracia. Da propaganda revolucionaria passou á acção, tomando parte em 1866 na revolta contra o governo de Isabel II que foi suffocada pelo marechal Serrano. Juntamente com Sagasta e outros jornalistas foi Castelar condemnado á morte pelo *garrote*, mas conseguiu atravessar a fronteira e refugiou-se em Genebra. Em setembro de 1868 apoz a deposição de Isabel II pelo pronunciamento de Serrano e Prim, Castelar voltou a Hespanha, fazendo uma activa campanha junto ao governo provisorio para a proclamação da Republica. Mas não obstante a sua insistencia appellando para os militares e os seus successos oratorios que fiseram eleger trinta e cinco deputados republicanos, as *Cortes* encarregaram o Marechal Serrano de procurar um soberano para a Hespanha e este foi Amadeo I cujo reina-



EMILIO CASTELAR

Notavel orador e estadista Hespanhol.

do durou somente dous annos. A abdicção de Amadeo em 1873, veio realisar o sonho desejado e a Republica foi enfim proclamada, mas uma Republica ephemera, que não resistio senão alguns meses e da qual Castelar foi o ministro dos estrangeiros e tambem chefe do poder executivo. Com a responsabilidade de governo, Castelar conseguiu fazer frente á revolução carlista, combateu victoriosamente a insurreição de Cuba e obteve com os Estados-Unidos um successo diplomatico na questão do *Virginius* que já o governo de Whashington tomava como pretexto para uma intervenção americana. Em fins de 1873 um novo pronunciamento atirou por terra com a Republica, restaurando a monarchia dos Bourbons e desde esse dia Emilio Castelar não foi mais que deputado, orador notavel e reputado escriptor; mas n'esta triplíce manifestação da sua individualidade o talento, o patriotismo e a eloquencia fiseram d'esse espirito eminentemente privilegiado o mais admiravel campeão de uma grande raça.

M. BOTELHO.

A NAVEGAÇÃO AEREA

UM AERONAUTA BRASILEIRO

É com grande praser que abrimos nas nossas columnas esta secção toda especial destinada a registrar as surprehendedentes e admiraveis experiencias de direcção dos aerostatos, realisadas em Paris pelo intelligente e audaz areonauta brasileiro Santos Dumond.

O alcance scientifico proseguido por esse joven paulista, que dedica-se cheio de uma rara e extraordinaria coragem á resoluçã do mais difficil e complicado dos problemas; merece com a mais honrosa justiça ser de todos conhecido e especialmente dos seus compatriotas que saberão admirar e applaudir este moço de vinte cinco annos, que com uma suprema e bella indifferença expoe-se aos perigos da mais terrivel das mortes procurando a soluçã do mysterioso segredo cujo fio julga ter entre as mãos.

Santos Dumont é filho de uma familia de engenheiros e elle mesmo cursou durante alguns annos a Escola de Minas de Ouro Preto, partindo depois para a Europa onde começou sem tardar, a practica dos sports mechanicos o que o levou a introduzir certos aperfeiçoamentos verdadeiramente apreciaveis na força motora dos automoveis. E' assim que, como simples amator, reformou de um modo notavel um dos mais completos motores a petroleo (motor de Dion e Bouton) conseguindo por um systema de superposição de cylindros com insignificantissimo augmento de peso o surprehendente resultado de uma pequena machina produzindo a dupla força e por conseguinte uma quasi dupla velocidade. Esse aperfeiçoamento admiravel que constitue uma bella descoberta foi apresentado pelo author aos engenheiros e proffissionais do *Automobile Club de France* que negaram-se a reconhecer no mesmo a exiquibilidade practica e necessaria para um bom funcionamento.

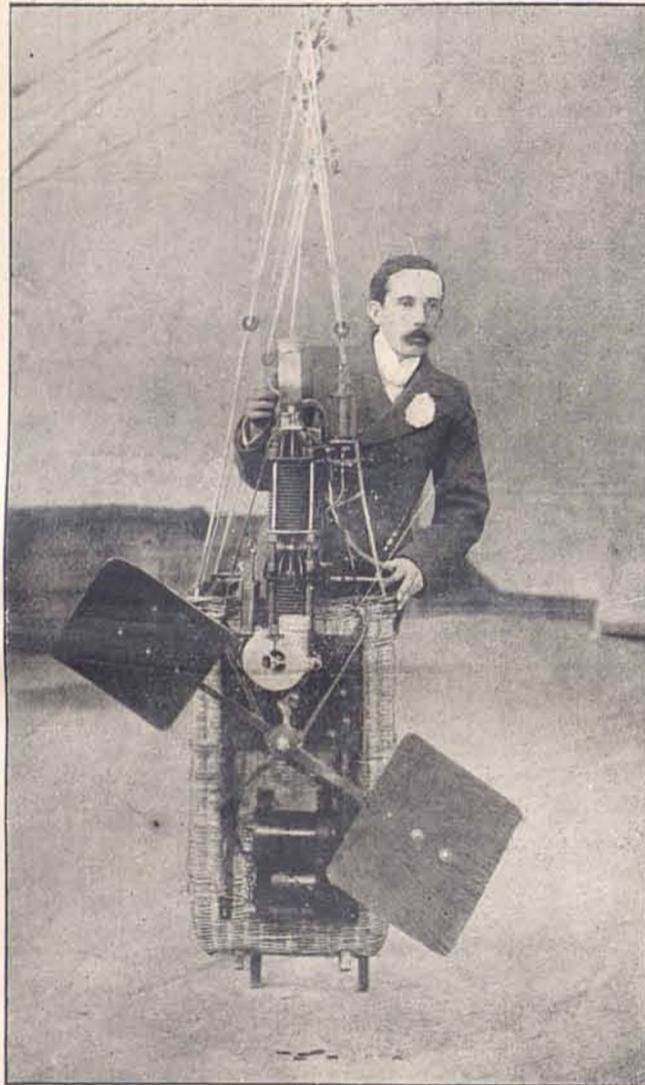
Dumont não desanimando com essa recusa e desejando provar á Associação da qual faz parte, os bons resultados que obteria, applica o seu duplo motor n'um automovel ordinario inscrevendo-se com o mesmo na lista dos concurrentes que deviam disputar o celebre *record* de velocidade na memoravel corrida de Paris a Amsterdam. Não obstante um grave accidente que impossibilitou-o de continuar a corrida, Santos Dumont partindo de Paris em companhia de setenta adversarios perfaz 110 kilometros em duas horas distanciando n'esse percurso relativamente curto todos os outros concurrentes.

Com a força vertiginosa que vinha e envolvido n'um turbilhão de poeira o conductor do veloz automovel não poude distinguir nem desviar-se de um pequeno monte de pedras que obstruia

um dos lados do caminho. Esse obstaculo de pouca importancia para uma velocidade menor foi sufficiente para faser saltar o carro a alguns metros de altura, vindo o mesmo espatifar-se sobre os lagedos da estrada, mas o valente *sportman* conseguiu por um desses inexplicaveis milagres sahir incolume de um semelhante desastre. Mas tambem, para felicidade dos outros lhe era completamente impossivel continuar a corrida; somente vinte minutos depois é que o primeiro automovel dos outros concurrentes alcançou-o provando assim que, se Santos Dumont não tivesse sido victima de um accidente todo casual e que nada tinha a ver com o seu duplo motor teria chegado a Amsterdam com trinta horas de viagem distanciando todos os seus adversarios da formidavel differença de seis horas de deanteira!

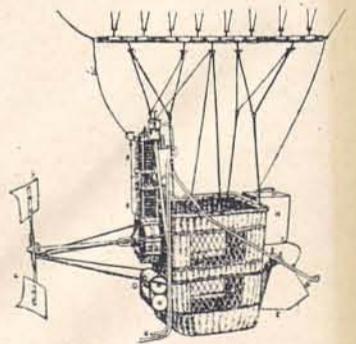
Força é confessar que o nosso compatriota provou d'este modo pela mais rigorosa das experiencias, aos proffissionais competentes do Club dos Automoveis o real valor do seu invento, que devidamente registrado na repartiçã das Patentes e Invenções constitue legitima propriedade do seu author.

Ha dous annos que Santos Dumont dedicou-se inteiramente aos aerostatos, e a direcção dos balões tem sido a sua constante preocupação obtendo em algumas experiencias, revestidas da mais completa audacia a admiração geral dos mais ousados aeronautas franceses. E não tememos afirmar que, se esse joven inventor fosse um europeu ou mais especialmente um francez, o seu nome já teria sido de tal modo aclamado que n'este momento em que lhe consagramos este insignificante artigo os quatro cantos do mundo conheceriam sobejamente a sua pessoa.



Santos Dumont na sua pequena barca antes de partir.

Dumont dedicou-se inteiramente aos aerostatos, e a direcção dos balões tem sido a sua constante preocupação obtendo em algumas experiencias, revestidas da mais completa audacia a admiração geral dos mais ousados aeronautas franceses. E não tememos afirmar que, se esse joven inventor fosse um europeu ou mais especialmente um francez, o seu nome já teria sido de tal modo aclamado que n'este momento em que lhe consagramos este insignificante artigo os quatro cantos do mundo conheceriam sobejamente a sua pessoa.



Croquis detalhado da pequena barca do balão dirijivel de Dumont.

À esquerda o duplo motor e a helice, á direita os reservatorios para alimentar a pequena machina.

Santos Dumond fez construir para as suas experiencias um

pequeno balão, com capacidade cubica de gaz, mas no seu genero um dos mais longos que se tem feito.

Tem este aerostato, da forma classica de um charuto e do mesmo typico que o do parque militar de Meudon, 25 metros de comprimento sobre tres e meio de circumferencia. A pequena barca que em geral é collocada a cinco metros abaixo do balão, Dumont a fez descer a dez metros, procurando assim evitar a catastrophe muito provavel de uma explosão, motivada pelo seu duplo motor a petroleo que foi adaptado a um

dos lados da mesma barca e que com um peso insignificante de 30 kilos desenvolve uma força extraordinaria de tres cavallos e meio produzindo mil e oitocentas rotações por minuto. O leme, que a maior parte dos aeronautas faziam manobrar ao lado da pequena barca e outros collocaram em meio da distancia que vai da mesma ao balão, Dumont entendeu que era mais practico e haveria mais aproveitamento de força directora applicando-o justamente na popa do balão e dirigil-o por meio de cordas. Um systema de contrapesos suspensos de cada lado cahem perpendicularmente por cordas até á altura da barca annullando assim o desequilibrio que poderia provocar a continua tracção do helice. O que ha de extraordinario e que chama para esse moço a admiração de todos é que não ha um aeronauta por mais imprudente e destemido, que admitta a possibilidade de experiencias em balão com motores a fogo e isto devido como acima dissemos ao enorme perigo a que ficam expostos.

Ocorre-nos á memoria somente dous casos sendo ambos fataes; e o ultimo d'elles de recente data foi o do Dr Wœlfert, na Allemanha, que fazendo experiencias de direcção por meio de um motor a petroleo, foi victima de uma terrivel explosão provocada pelo gaz hidrogeneo sendo asphixiado e queimado a setecentos metros de altura.

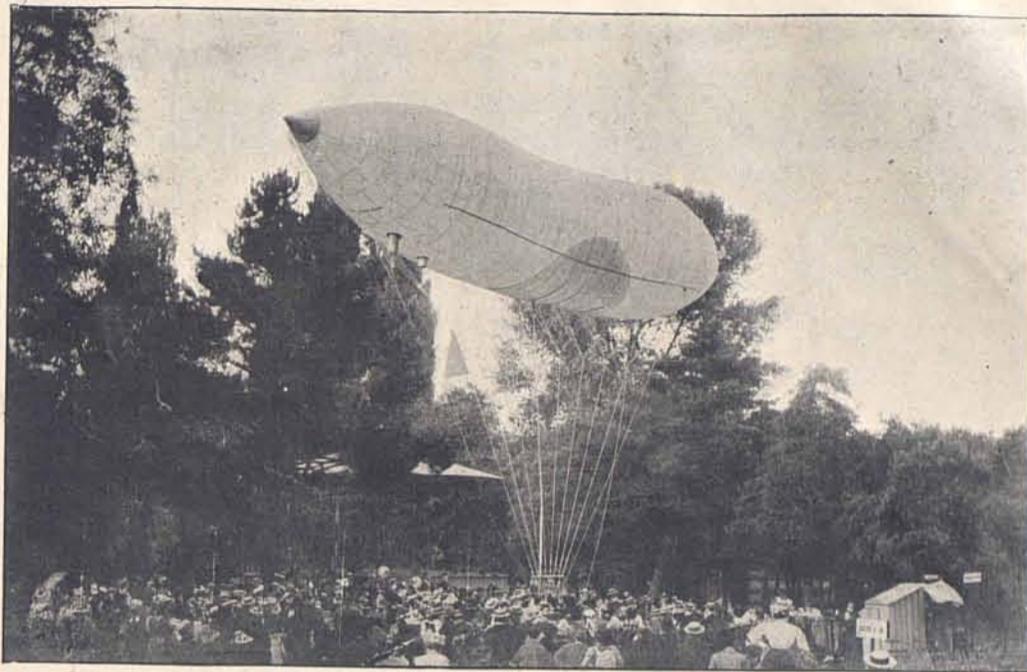
Esse terrivel drama passou-se em Berlim ainda não ha dous annos. Mas o nosso joven compatriota, confiante nas providencias que adoptou já realisou tres ascensões todas ellas mais ou menos movimentadas e cheias de peripecias assustadoras, mas felismente e que Deus assim o

guarde, não teve até o presente o menor indicio de uma possível explosão produzida pelo escapamento do gaz.

As tão interessantes photographias que acompanham o nosso

artigo são completamente originaes e feitas expressamente para a *Revista Moderna*. Todas ellas referem-se ás curiosas experiencias feitas com o pequeno balão dirigivel.

Na primeira experiencia de direcção realisada no jardim d'Acclimação de Paris, foi o balão roto pelos ramos de uma grande arvore e devido ao escapamento de gaz, o aerostato cahiu immediatamente, na



A partida para a primeira experiencia realisada com o balão dirigivel, 20 de setembro 1898.

segunda o nosso compatriota obteve em parte um grande successo fazendo tres vezes subir a sua machina aerea a algumas centenas de metros de altura, forçando-a por meio de intelligentes manobras e pela applicação do seu systema director a voltar *exactamente ao mesmo logar* de onde tinha partido. Santos Dumont cada uma das vezes que voltava a terra do mesmo ponto em que subira, era recebido com applausos pelo publico e felicitado pelos proffissionais que apressavam-se em reconhecer a practicabilidade do leme collocado na popa obrigando o aerostato a obedecer com muito mais precisão a todas as manobras dirigidas pelo seu conductor.

Depois de ter provado a possibilidade de voltar a um certo e determinado logar, o que em aerostação é o grande problema,

Dumont largou definitivamente e tomou como objectivo o parque militar de Meudon a alguns kilometros de Paris. Passava o aeronauta a quinhentos metros de altura sobre o hypodromo de Longchamp, quando produzio-se uma condensação rapida do gaz hydrogeneo e o balão que já não estava completamente repleto dobrou levantando as pontas e começou a cahir com grande violencia. Todo o lastro foi atirado em alguns segundos, mas a queda foi assim mesmo bastante violenta, e o intrepido rapaz só deveu a sua salvação trepando pelas cordas para se evitar o primeiro e terrivel choque que a pequena



Experiencia do leme feita com o balão retido por duas cordas. Dois pesos suspensos em cada extremidade garantem por um livre deslocamento a horisontabilidade do systema.

barca soffreu tocando em terra. Na terceira e ultima ascensão realisada com o pequeno balão dirigivel, Dumont reconheceu a necessidade de garantir o aerostato, contra a condensação do gaz operada pela mudança de temperatura que se encontra em diferentes

alturas, o que tende sempre a dobrar-o destruindo todo o principio de direcção; e na proxima experiencia que fará, será applicada ao



O balão dirigivel dobrando-se cada vez mais obedece ainda assim ás manobras do leme collocado na popa.

mesmo uma longa barra ou vara de bambú extremamente leve, que irá de ponta a ponta, sendo talvez na opinião do aeronauta sufficiente para impedir o inconveniente da quebra do balão.

São estas tentativas que faz em paiz estrangeiro o nosso compatriota que a *Revista Moderna* julgou de toda a justiça assinalar á attenção dos seus leitores. Santos Dumont é um moço de fortuna mas isso não impede como muitos pensam que seja um rapaz de esclarecida intelligencia, de um grande senso practico e ainda mais de rara coragem. N'esta nossa sociedade em que muitas vezes o individuo de grande nome, prestigio e talento, não deixa de ser no fundo da sua alma um pantomineiro ou um *cabotin* de força maior, é justo, mesmo justissimo, applaudir aquelles que possuindo todos os praseres da vida e que sem lesar o proximo, trabalham modestamente e sem *pose* com a abnegação da propria existencia a realisação de um objectivo que pensam poder alcançar.

Ultimamente a municipalidade de Paris organisou toda uma semana de festas d'entre as quaes destacou-se uma grande corrida de balões que partiram do jardim das Tulherias. Seis aerostatos inscreveram-se para tomar parte n'esse *match* original e pouco visto, sendo um d'elles o balão *America*, conduzido por Santos Dumont que como habitualmente tem feito partito só, dispondo assim de maior quantidade de lastro para as necessarias manobras e por conseguinte tendo maiores probabilidades de faser um longo percurso. De caminho digamos que o lastro é a vida do balão e a força mais capaz de que dispõe o aeronauta para bem conduzir e mais tempo viajar. Aquecido pelos raios do sol todo o aerostato tende sempre a subir, pois o calor produsindo a dilatação do gaz torna-o mais leve; mas immediatamente que uma nuvem, intercepta por algum tempo os raios solares o balão começa a descer sensivelmente pois a mudança de temperatura produsida por essa transicção mesmo passageira é mais que sufficiente para desfazer

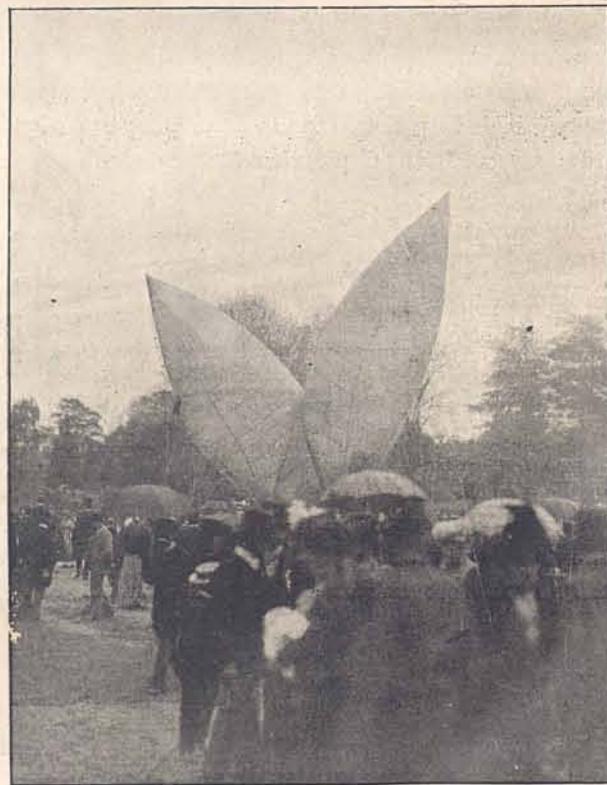
a dilatação do gaz que motivará a elevação do mesmo. Se houver lastro disponivel o conductor do mesmo descarrega-o gradualmente pois muitas vezes quinhentas grammas de peso de menos, é o sufficiente para que um balão comece de novo a subir e torne a ganhar as alturas onde quem sabe encontrará vento que o conduza para bem longe.

No dia aprasado o *America* balançava-se magestoso em meio dos seus quatro companheiros e foi o segundo a largar a terra quando chegou a hora da partida, pois cada concorrente antecedia o outro de quinze minutos de intervallo evitando assim possiveis abalroamentos.

Uma multidão de milhares de pessoas enchendo o vasto jardim das Tulherias e a praça da Concordia acclamava ruidosamente os intrepidos aeronautas. Ao começar a ascensão, a uns trinta metros de altura Dumont saudou a multidão que applaudia e desdobrou aos quatro ventos a bandeira brasileira que subiu fluctuando pelo céu da grande capital até desaparecer nas alturas infinitas. Ainda mais uma vez obteve o nosso compatriota com essa ascensão uma bella victoria vencendo por uma grande differença o *record* do tempo que todos os aeronautas até esta data tem conseguido ficar nos ares.

Partindo de Paris ás seis da tarde Dumont viaja toda a noite procurando pelas manobras que fasia ganhar as maiores alturas á busca de um forte vento que o ajudasse a percorrer a mais longa distancia possivel. E' assim que quasi todo o trajecto realisado á noite foi n'uma elevação de quatro mil e tantos metros. Ás cinco da manhã quando o sol despontava bem rubro, n'uma destas auróras de verão o infatigavel aeronauta que passara toda a noite em pé a consultar os instrumentos, pairava a quatro mil e quinhentos metros de altura e o thermometro marcava oito graus abaixo de zero!

Ninguem diria por certo que esse viajante ousado e aventu-



O balão completamente dobrado vem assim mesmo, manobrado pelo aeronauta descer nas proximidades de logar de onde tinha partido.

roso que faz alvoradas em meio do rolar das nuvens e na imponente amplidão do mysterioso firmamento é o rapaz modesto e tímido que mesmo em sociedade de amigos, conta de um modo



Black and White.

Phot. Hanfstaengl.

FALSTAFF E O SEU PAGEM

CELEBRE QUADRO DE ED. GRUTZENER DA GALERIA DE MUNICH

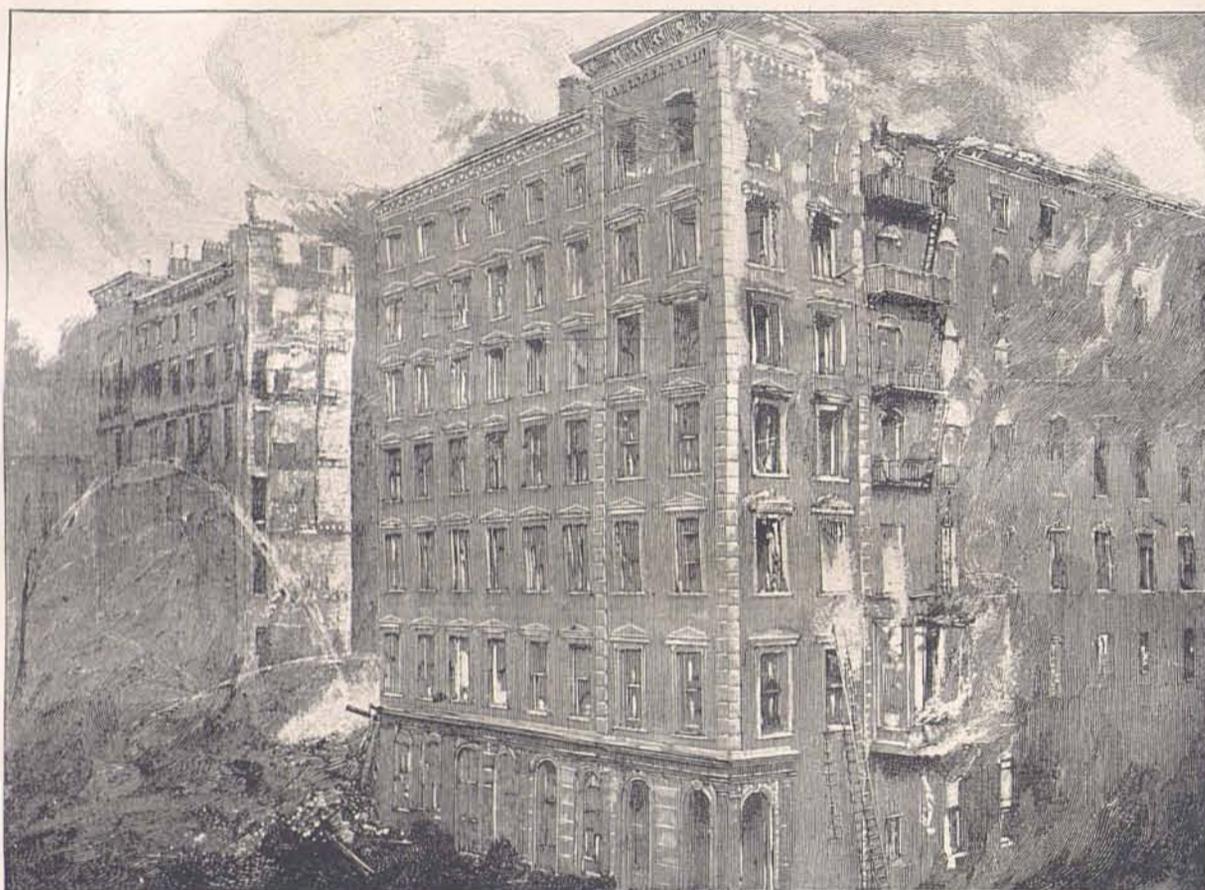
⊖ Incendio do Hotel Windsor

ESTOU seguramente em atrazo com os dignos leitores da *Revista Moderna* enviando-lhes esta ligeira noticia sobre o grande incendio da Quinta Avenida que destruiu um dos mais antigos e selectos hotéis de New-York; mas a accumulção de trabalho sobre as noticias da guerra tem sido tanta que o tempo é na verdade, bem escasso para os pobres correspondentes que são obrigados a registrar as ultimas informações que chegam a todas as horas, minutos e segundos, sobre essa triste e injusta campanha das Phillipinas, e ainda mais sobre a tão lenta e duvidosa pacificação e

É assim que em toda a casa que se edifica nos Estados-Unidos excepção feita dos assoalhos, batentes, portas e janellas, todo o restante é pedra, tijolo e estuque e uma vez, acabada a construcção, os *fires escape* abundam por todos os lados como que envolvendo os edificios n'um dedalo de pequeninas escadas que vão do solo á cumieira. Não obstante todas essas prevenções que não se encontram em parte alguma e que parecem garantir os locatarios do mais complicado perigo, os grandes incendios são constantes n'este paiz, e as consequencias desastrosas e fataes dos mesmos são perfeitamente

identicas ás catastrophes de igual genero que se observam nas outras nações.

Uma estatistica recente provou ultimamente que no Estado da Luziania houveram no mez de Fevereiro de 1898 mil quatrocentos e setenta e quatro incendios jasendo dusentas e trinta e cinco victimas e causando uma perda material no valor de dois milhões e quinhentos mil dollars, o que faz em moeda brasileira ao cambio actual, mais ou menos a respeitavel somma de vinte mil contos. Este enorme prejuizo não poudo independente de todas as precauções americanas, ser evitado, pois se existe como acima dissemos, uma grande quantidade de material incombustivel que dominam a construcção em todos os Estados Unidos é tambem



O Grande Hotel Windsor meia hora depois de se ter declarado o incendio.

americanisação, que nos seja permittido o termo, de Cuba, Porto-Rico et Haway.

O imperialismo dos Yankees lucha furiosamente para fazer d'esta nação essencialmente negociante uma raça de conquistadores e é assim que os transportes de guerra deixam semanalmente o porto de São-Francisco conduzindo milhares de novos *cruzados* que, substituindo prosaicamente a lança e a cruz dos antigos tempos pela aperfeiçoada carabina e o indispensavel e consolador frasco de *wisky*, partem na direcção de Manilha para continuar a santa e humanitaria campanha, matando os pobres Tagalos que luctam heroicamente pela sua liberdade e independencia.

Quando o telegrapho annunciou ultimamente a todas as partes do globo que um violento incendio destruiu em algumas horas um enorme e luxuoso hotel d'esta cidade, causando grande numero de victimas, talvez fosse essa noticia commentada incredulamente por todos aquelles que conhecem a preocupação constante do Americano do Norte em garantir antes de tudo na construcção das suas residencias, sejam ellas simples habitações de modesta familia ou sumptuosos palacios de millionarios, as mais rigorosas medidas contra uma possivel catastrophe d'esta ordem.

coisa averiguada que a tapeçaria as cortinas e os moveis acolhoados, emchem todas essas casas, offerecendo ao menõr incendio os meios de se propagar violentamente e tudo carbonisar em algumas horas ou mesmo minutos. O conselho municipal propoz mesmo como medida de segurança que todos os hospitaes, escolas, e edificios publicos como theatros, salas de concertos, etc., fossem obrigados a usar parõ todos os tapetes, e especialmente para cortinas, de tecidos de pannos que não sejam por um processo chimico qualquer sujeitos a pegar fogo.

É assim que em pleno dia foi destruido em algumas horas pelo fogo o Hotel Windsor, vasto e pesado edificio situado no alto da quinta Avenida, em meio das luxuosas residencias dos millionarios e ao lado da imponente e bella cathedral de São Patricio. Occupava todo um quarteirão, e a sua freguezia era das mais aristocratas e escolhidas, consistindo na sua maioria de grandes familias inglezas que, por negocios ou passeio, estacionavam longo tempo em New-York.

No momento da catastrophe, o Hotel regorgitava de gente; pois n'essa mesma tarde uma grande solemnidade realisava-se na cathedral finalizando por uma procissão que devia desfilar em volta

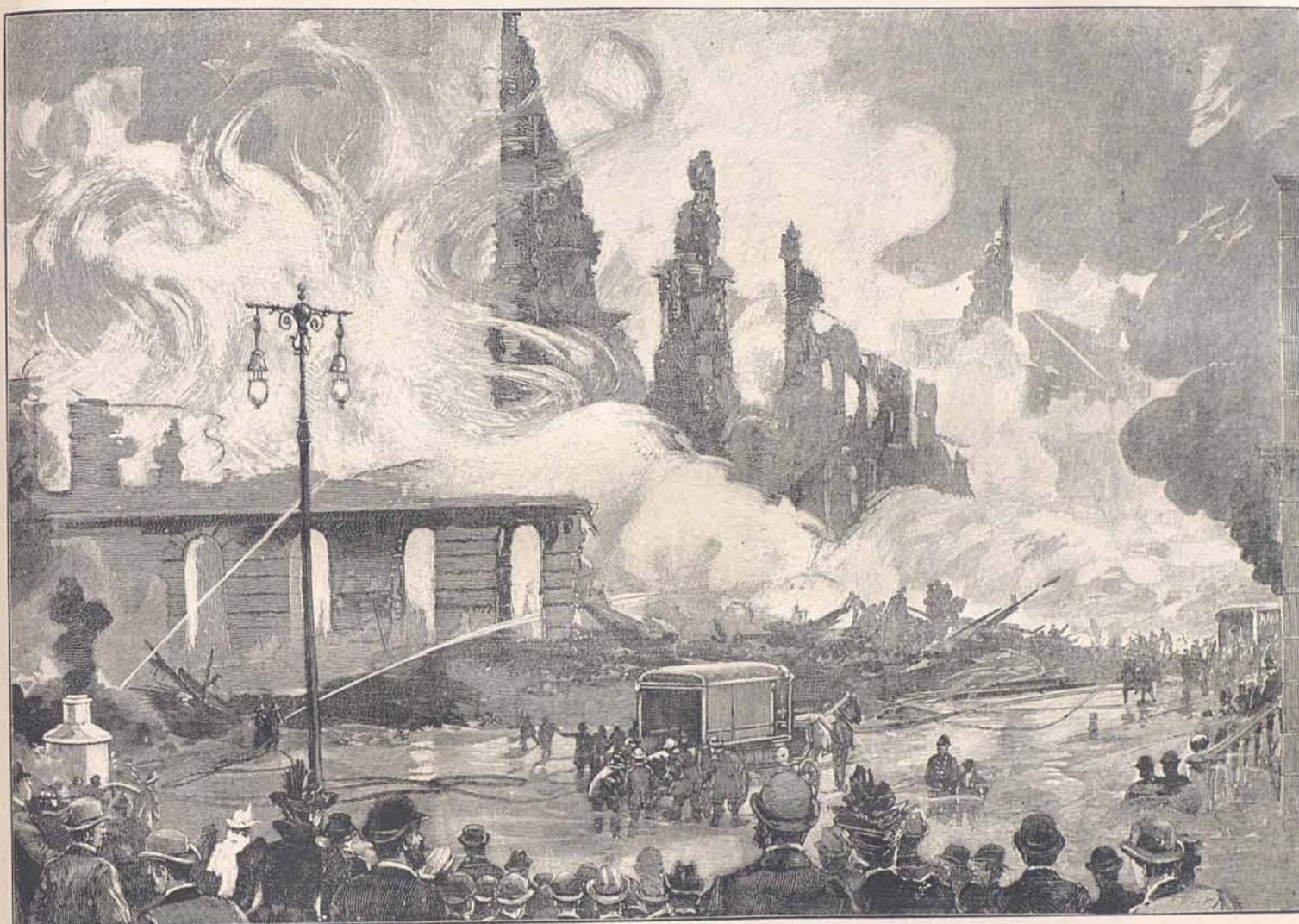
da mesma; e, justamente no momento em que esta percorria uma das ruas ao lado do Hotel, poderosas labaredas faziam irrupção pelas janellas do mesmo e começavam a lambar toda a fachada do edificio.

O panico foi, bem se vê, indescrivível e ainda mais complicou-se pela impossibilidade de uma organização rapida de socorros. O corpo de bombeiros, que é uma das maravilhas do genio practico do Yankee, fez o seu apparecimento dous minutos apoz o primeiro alarme, mas a multidão que viera presenciar a festa obstruia de tal modo o quarteirão que o serviço de extincção ficou immensamente retardado. Quando as colossaes e poderosas bombas a vapor que projectam a agua a dez andares de altura, arrastadas por seis vigorosos animaes, conseguiram tomar posição ao lado do edificio que

são começaram a saquear os quartos dos passageiros. Alguns d'elles apanhados em flagrante delicto de roubo, foram sem mais demora executados pelas machadinhas dos bombeiros.

Em poucas horas o vasto edificio estava litteralmente queimado, e não obstante o prejuizo geral que quasi todos os hospedes soffreram, o grande cofre de ferro do Hotel resistiu ás chammas guardando intactos todos os livros de assento, documentos, titulos e mais de mil contos em dinheiro depositados pelos habitantes do mesmo hotel.

Esse tragico acontecimento consternou a cidade de New-York e especialmente o quarteirão elegante dos celebres ricosos no qual, como dissemos, achava-se situado o Hotel Windsor.



Os bombeiros atacando o incendio depois da desmoronamento do hotel.

se incendiava, já as chammas envolviam toda a enorme casa e uma negra fumarada irrompia de todas as janellas superiores.

Medonhas e pavorosas foram as scenas que o publico aterrado contemplava. Das janellas de todas os andares, homens e mulheres, procurando fugir ao supplicio de uma morte horrivel, vinham espatifar o craneo nos lagedos da rua; e, as mães desvairadas n'uma suprema e fatal dedicação, julgavam salvar os filhos atirando-os das saccadas dos quartos; muitas d'estas innocentes e pequenas creaturas conseguiram, salvarem-se quasi que milagrosamente cahindo sobre as immensas toldas estendidas pelos bombeiros; outras, menos felizes, morriam fulminadas pela queda ou eram condusidas moribundas nas casas visinhas que, transformadas em hospitaes provisórios, rivalisavam de dedicação para com os feridos e agonisantes.

O Hotel Windsor, trabalhando habitualmente com um numero de tresentos hospedes tinha n'esse momento mais de mil pessoas expressamente vindas para assistir á passagem da procissão, e foi devido a essa piedosa curiosidade que resultou esse extraordinario concurso de visitantes dos quaes mais de setenta pereceram.

O que houve de mais repugnante e miseravel em toda essa inesperada catastrophe, foi a invasão de um grupo de ladrões que aproveitando-se do extraordinario panico e da indescrivível confu-

Muitas festas e recepções que tinham de realizar-se nos palacetes visinhos dos millionarios foram adiadas, e os bellos e ricos salões, luxuosamente ornamentados para os bailes que deviam alegral-os algumas horas mais tarde, foram transformados em verdadeiros hospitaes de sangue que ficaram em alguns minutos repletos de pessoas mortas, feridas ou queimadas.

Um inquerito aberto sobre o testemunho de diversas pessoas que se achavam no hotel parece demonstrar que o fogo começou no segundo andar, devido á imprudencia de um visitante que atirou uma ponta de charuto aceso sobre o tapete do corredor.

Não sendo possivel existir na America do Norte a mais terrivel desgraça que não seja explorada, digamos para concluir que o valente cofre forte, que tão bem soube guardar o seu importante conteúdo, foi tres dias depois comprado pela casa que o fabricou por uma quantia dez vezes superior ao preço que custara, e com o unico fim de, por meio de um colossal annuncio, ser exposto n'um enorme salão de exposições de *Brodoway* e o fabricante de *BURRAS* que não perdia occasião para fazer reclames com os seus productos, só n'essa exposição realisou immenso lucro.

CORRESPONDENTE.

New-York, Maio 1899.

O "Othello" na Comedia Franceza

QUEM não conhece a tragedia immortal de Shakespeare? quem não viu representar mais de uma vez a historia tragica do Mouro de Veneza e quem não se commoveu ante a furia do ciumento amor de Othello, da fria e malvada intriga de Yago, do amor sincero e puro de Desdemona?

E' que de todas os obras do grande poeta inglez esta é certa-



O GRANDE ACTOR FRANCEZ MOUNET SULLY.

No papel de Othello.

mente a mais conhecida e podemos dizer a mais popular. Isto resulta a nosso ver de duas causas.

Primeiramente, *Othello* é a peça mais completa de todas as que fez Shakespeare. *Hamlet* é uma inimitavel obra prima, uma incomparavel maravilha, mas é demasiado lendaria e phylosophica; *Romeo e Julieta* é um poderoso drama cujo feitio romantico não satisfaz todos os publicos; *Macbet* é um genial pesadello que toca muito de perto as raias do maravilhoso; *O mercador de Veneza* é uma anedocta contada por Shakespeare isto é com todo o poder, a vida e o encanto de suas creações, mas não convindo ás leis do theatro moderno; as outras obras do fecundo author inglez, com excepção talvez do *Sonho de uma noite d'estio*, quasi não são conhecidas fora da Inglaterra, justamente por esta mesma razão. Ao passo que *Othello* é uma verdadeira peça de theatro solidamente construida, tendo um começo, um meio e um fim, decorrendo n'uma acção simples, tão real e tão humana que não tem epocha nem paiz e anda no espirito e intelligencia de todos.

Em segundo logar *Othello* é uma peça em que o amor é o principal thema, a sua razão de ser; e de todas as paixões humanas esta é decerto a unica que desperta o interesse universal. Acresce que no *Mouro de Veneza* o amor se apresenta em todos os seus aspectos: o amor ingenuo e puro de Desdemona contrastando com a vio-

lenta paixão de Othello e que afinal todo este amor degenera em ciume outro sentimento ainda mais humano e mais terrivel que cada um de nós traz occulto no coração.

Alem d'isso o drama inspira a piedade pela sorte de Desdemona, a misericordia pela dor violenta do Mouro, o odio e o desprezo pela baixa traição de Yago; interessa pela intriga habilmente preparada, pelas scenas patheticas e formosas de que está cheio pelo spectaculo emfim do meio luxuoso em que se desenrola e até pelo paiz cujo nome só por si invoca logo o fausto o mysterio e o crime...

Em todos os paizes, pois, *Othello* tem tido innumeraveis representações, em todas as latitudes as mulheres têm chorado o infeliz destino de Desdemona, e os homens têm estremecido ante o que Schlegel chamava « a força esmagadora da catastrophe, d'esta tragedia ».

Os grandes actores tragicos do universo têm todos, por seu lado, sido attrahidos pelas bellezas e difficil desempenho do papel de *Othello*.

Era natural que o grande tragico Mounet-Sully, que com tanto amor e arte tem desempenhado todas as tragedias classicas, tivesse um grande desejo de incarnar o immortal personagem de Shakespeare, talvez o mais veridico e poderoso de todos os que creou o grande genio inglez. Por motivos porem, que desconhecemos a direcção da Comedia Franceza só este anno resolveu pôr em scena a famosa peça ingleza servindo-se para isso da traducção que fez o poeta Jean Aicard, e que ha mais de vinte annos entregara ao Comité do theatro de Racine. Devemos já dizer que esta traducção se não é brilhante como trabalho poetico, tem todavia o merecimento de não alterar escandalosamente o original como muitas que abundam pelos theatros do universo e que da tragedia shakespeareana só conservaram o titulo.

A *mise-en-scène* da *Comédie-Française* é esplendida e feita com



PAULO MOUNET.

Representando o personagem de Yago.

aquelle escrupulo e sciencia de reconstituição que celebrisam a administração do Snr. Claretie. Os scenarios são maravilhosos especializando-se entre elles o *velho porto de Chypre* e o *palacio de Othello*, os fatos são ricos e feitos com perfeito conhecimento da epocha e habil adaptação aos personagens. Os tecidos, os moveis, as armas, os menores detalhes obedeceram a este rigor de reconstituição e ao mesmo tempo a um requintado gosto scenico.

Não se poderá pois fazer á Comedia Franceza a menor censura e os inglezes mais apaixonados de Shakespeare, ficariam amplamente satisfeitos com as representações do Othello em Paris.

O desempenho é, como era de esperar, de primeira ordem. Mounet Sully, que se revela a cada criação nova como um dos maiores tragicos contemporaneos, deu ao papel do Moiro de Veneza uma tal intensidade, uma violencia de paixão, de ciume, uma tal realidade emfim, que creio não poderia ser excedido.

Logo no primeiro acto, Mounet Sully, traduz e de um modo incomparavel o character arrebatado e violento do Mouro, e lhe dá toda aquella impetuosidade selvagem que mais tarde explica a terrivel vingança de Othello. Na scena memoravel com Yago em que este, gota a gota, verte no sangue do governador de Chypre o veneno do ciume, Mounet attinge uma intensidade dramatica prodigiosa e por fim no ultimo acto, o mais commovente e superior que existe no theatro, o desesperado ciume de Othello a furia que o leva a estrangular Desdemona, o doloroso remorso quando conhece a innocencia da sua victima e descobre a trama da peçonhenta intriga d'Yago e por fim o suicidio n'um impeto de revolta e desprezo contra si mesmo, são desempenhados de um modo tão superior que a sala inteira nas successivas representações do drama se levanta emmocionada e entusiasta para acclamar muitas vezes o grande artista.

Alguns criticos, mais severos, que têm prazer em mostrar

autoridade assignalando defeitos, só conseguiram dizer que achavam Mounet-Sully negro de mais, detalhe como se vê insignificante, e critica que afinal tem já sido feita á maior parte dos

interpretes da tragedia de Shakespeare. Para resumir Mounet Sully identificou-se com este papel nos seus menores detalhes e a sinceridade e consciencia da sua interpretação foi ainda realçada pelos dotes naturaes de que dispõe sempre o incomparavel artista.

Paulo-Mounet creou tambem um excellento Yago e intelligentemente deu-lhe como feição não a de um traidor de melodrama, mas a de um atilado perverso, quasi psychologo, que se diverte em fazer mal e que ri quando lhe chamam o *honrado Yago*. Na formosa scena com o Mouro, o dialogo classico a que já nos referimos, desperta sempre Paulo-Mounet os mais calorosos e justos applausos.

O sympathico papel da doce e triste Desdemona, coube a Mademoiselle Lará, uma das artistas mais formosas e de mais promettedor talento da *casa de Molière*. Não seria facil

encontrar interprete melhor e que tão intimamente unisse a graça magestosa e celebre das nobres venezianas á paixão romantica e fatal da filha de Brabancio.

Na canção do salgueiro M^{lle} Lara attingiu o supremo grau de sentimento e encheu a sala de uma profunda e real commoção.

Devemos ainda citar M^{lle} Vanda de Boncza que delineou com um notavel vigor a figura da dedicada Emilia; M. Baillet que deu muita vida e natural expressão ao personagem secundario de Cassio e Mr Villam que se mostrou um Doge cheio de magestade e energia.

Em summa a tragedia immortal de Shakespeare conta mais um triumpho,

tanto mais significativo que elle se manifesta brilhante e altamente bello n'uma epocha em que novas tendencias estheticas ruidosas mas passageiras parecem querer abalar o velho repertorio classico.

CASSIO.



M^{lles} LARA E VANDA DE BONCZA
Nos papéis de Desdemona et Emilia.



O Palacio de Othello na ilha de Chypre.



Mortos Ilustres

ÉDOUARD PAILLERON

O auctor do *Monde ou l'on s'ennuie* acaba de morrer. Era um gracioso velho de sessenta e cinco annos que pertencia á Academia, formilhava d'anecdotas e dictos d'espírito, possuía uma linda casa onde dava jantares e festas parisienses, um grave gabinete de trabalho, livros raros, erudição commun, algumas ideias a apresentar sob uma forma attraente e que outrora fizera lindas comedias.

A sua mocidade, descuidosa e phantasista, cheia de pittoresco, fazia prever uma velhice risonha, mas socegada. Novo, Eduardo Pailleron fóra tudo: candidato á Escola Naval, bacharel, licenceado em direito, escrevente de tabellião, praticante d'advogado, advogado elle proprio; em seguida, dragão. Mas a febre militar durou-lhe apenas dois annos e, reconquistado pelo seu amor á independencia, sahio do exercito pagando um substituto, um bello alsaciano de sete pollegadas que o coronel achava demasiado grande para dragão.

— Tanto melhor, meu coronel, replicou Pailleron, fará d'elle dois.

Depois, substituindo o imprevisto da vida de guarnição pela aventura das viagens, foi a Fontainebleau onde os pintores o reti veram durante um anno, percorreu a Italia, a Africa. E entretanto, rimando, compoz um livro de versos faceis. *Os Parasitas* e escreveu, uma comedia que um amigo apresentou ao Odeon. Mas muito tempo passara e um dia quando não pensava já em tal recebeu, com grande surpresa sua, um bilhete para o ensaio geral da sua peça. Esta obra de estreia era o *Parasita*, a que se seguiram outras comediasinhas agradaveis, *Le mur mitoyen*, *Le dernier Quartier*. A proposito da ultima conta-se uma divertida anecdota. Na noite da primeira representação, Pailleron, que tinha por principio nunca assistir nem aos ensaios geraes nem tampouco ás primeiras representações das suas peças, passeava inquieto em volta do theatro quando avistou um pequeno saboyano que, em extase deante da *vitrine* d'uma salchissaria, parecia dizer para comsigo que nunca, nunca tão ricos manjares seriam para a sua bocca negra de ferrugem.

— Entra, disse Pailleron ao pequeno savoyano, e escolhe do que ahi está o que quizeres. O que quizeres, ouviste?

O pequeno, cheio de alegria e de duvida, entrou, olhou, para tantas deliciosas coisas, hesitou um instante e em seguida decidindo-se por uma humilde chouriça de alguns *sous* agarrou-a vivamente e fugiu como um ladrão, sem mesmo dizer obrigado. Mas a boa acção trouxera felicidade ao escriptor e a sua peça obtinha um grande successo.

Eduardo Pailleron, rico pela sua familia e rico pelo seu casamento com a filha de Buloz, o director da *Revue des Deux-Mondes*, não teve de forçar pela lucta a entrada nos theatros. Homem feliz, não conheceu nem as esperas nas antecamaras dos directores nem os desgostos que soffrem geralmente os dramaturgos. Tranquillamente, no luxuoso conforto e na abundancia feliz do seu *home*, ao sabor da risonha inspiração, escreveu as suas peças que os empregarios, sem que tivesse de com elles travar terriveis batalhas, se apressavam em pôr em scena. O poder que lhe dava a *Revue des Deux-Mondes* fazia-o ter exigencias absurdas. Queria, por exemplo, que as suas mais insignificantes peças, aquellas mesmo que representadas por outros theatros eram reivindicadas pelos empregarios a quem pertenciam, fizessem parte do repertorio da Comedie-Française.

— Quando uma peça deu ao Gymnasio ou ao Vaudeville tudo o que tinha a dar é necessario fazel-a passar na Comedia, onde se pode estar certo que produzirá ainda bellas receitas.

Com as peças que confiava á casa de Moliere era intratavel. Uma

vez entrada em ensaios elle não admittia delongas de nenhuma especie. Em 4 d'abril de 1879, Perrin dera a primeira do *Ruy Blas* com um successo extraordinario que lhe permittia julgar ter conquistado seis meses de repouso. Ah sim espera por isso! Cá está Pailleron que tem um acto, l'*Etincelle*, e quer por força fazel-o representar. E consegue-o e, apezar das enormes receitas do *Ruy Blas*, o terrivel auctor obtem que a *Etincelle* suba á scena em 13 de maio cortando as representações da romantica peça do-velho avô Hugo.

A sua produção theatral até ao *Monde où l'on s'ennuie*, com que forçou todas as admirações, é já composta de algumas peças interessantes, de zombaria picante e de fina analyse em que se re-

vela um Pailleron que primeiro quizera ser um pensador, mas que logo desistira optando por ficar sendo um ironista engraçado e terno. *Le Faux Ménage*, onde há imagens brilhantes e uma scena de emoção pelo terceiro acto, lembra um Brieux da malicia; *Le chevalier Trumeau*, encanto de velhas damas, não passa d'um *pastiche* de Marivaux; *Age ingrat* é uma peça de these para exposição da vasta galeria de typos hilares que o acto do casamento fornece em França ao theatro e *Petite Pluie* e *Souris* são os discretos preludios do *Monde où l'on s'ennuie*.

Le Monde où l'on s'ennuie, obra prima de finura, de mordente e compassiva ironia, de espirito malicioso e alerta, de ingenuidade terna, foi um triumpho, e, tradusida em portuguez, sob o titulo de *Sociedade onde a gente se aborrece*, tem sido representada com vivo successo nos theatros de Portugal e Brazil. O auctor dera-lhe como *pendant* o *Monde où l'on s'amuse*, mas é a primeira que ficará a testemunhar o que foi o pedantismo nos fins d'este seculo. A peça, que como satyra é tão bella como as *Precieuses ridicules* de Moliere de que é o prolongamento á distancia de tres seculos, provocou, quando foi representada, as mais febris

discussões disendo-se que o auctor quizera visar certas personalidades muito evidentes. Pailleron defendeu-se sempre d'esta accusação, mas o publico, que n'estes casos fica sempre sceptico ante a negativa dos auctores, sobretudo quando maliciosamente os interpretes se compoem uma cabeça cujos traços são facilmente reconheciveis, persistiu em ver sempre no aspirante ao *fauteil* academico, Caro, o philosopho amado das damas do *grand-monde*. Posterior a esta peça escreveu ainda Pailleron *Les Cabotins* e *Mieux vaut douceur et violence*. Aqui, porem, cessa toda a sua produção.

A psychologia d'este dramaturgo affigura-se-me não muito complexa: Pailleron para construir as suas obras, tomava por ponto de partida a ideia philosophica ou simplesmente analytica da peça, a ideia d'um certo meio social como na *Sociedade onde a gente se aborrece*, a ideia d'um conjuncto de caracteres como nos *Cabotins*. Não era senão após'isto, e sempre por tentativas, que achava a affabulação, a acção destinada a ligar os personagens entre si e era então que começava para elle uma verdadeira tortura no inventar dos acontecimentos, no reunil-os, no forçal-os a preencher tal ou tal condição. *Le Monde ou l'on s'ennuie* levou-lhe oito meses a compor; nos *Cabotins* trabalhou um anno. E ao fim, esgotado, confessava que a sua profissão era « um officio de forçado. »

O theatro de Pailleron é essencialmente nacional e está, como tal, penetrado d'esse espirito burguez que é o espirito de moderação e de ordem, de analyse ironica, de saude, de clareza, de equilibrio, inimigo por igual de excesso e do paradoxo, da phantasia e da elevação, da profundeza e da poesia, o espirito de que vive a obra de Moliere, de Boileau, de Regnard, de Voltaire, d'Augier, de Scribe, de Labiche e de Meillac, escriptores burguezes tambem. Mas Pailleron, melhor do que nenhum d'elles, conhecia a arte subtil de corrigir esta pobre humanidade com uma mão ligeira, que se arranhava algumas vezes nunca



ÉDOUARD PAILLERON

feria. Isto fasia d'elle um *charmeur* e no seu theatro, onde ha decerto toques de preciosismo, não é raro encontrar, afflorando aqui e alem, alguma discreta figurinha feminina, timida ingenua, mas de real sentimentalidade. De resto nem uma idea sequer.

O dialogo é a qualidade *maitresse*, d'esta personalidade litteraria feita a um tempo da malicia, da penetração e da ternura d'um avô. Ah! esse dialogo!... esse perigoso dialogo, parisiense, animado, espirituoso, vivo, mordente! E' uma maravilha ouvir essas breves phrases, que tão admiravelmente sabem ripostar, e tomar o espectador distraído pela orelha e obrigar-o a escutar attentamente. Foram ellas que fizeram a fortuna e a popularidade de Pailleron, que sabia faser fallar como outros sabem escrever, que sabia dar aos personagens a *minauderie* e a agitação necessaria como outros sabem dar-lhe a graça natural e a vida.

ROSA BONHEUR

Nas taboas de cera — cuido que devem ser de cera e bem molle — da actualidade, viera ultimamente inscrever-se o nome da celebre artista, um pouco esquecida desde alguns annos no seu eremitorio de Bly. Pela primeira vez, depois de longo periodo d'ausencia, este nome de fade de conto oriental, que tinha alguma coisa de claro e de cantante e que tão deliciosamente resoava ao ouvido, este nome que contribuiu de certo e muito para o seu triumpho, pois que não é pouca coisa nos destinos d'um artista a sonoridade d'um nome, apparecia no catalogo do Salon como autor de dois quadros modestos, e varios artistas pensavam, mesmo, em coroar pela medalha d'honra o nobre esforço d'uma obstinada carreira artistica e a prestigiosa reputação d'um nome que, principalmente nos Estados Unidos e em Inglaterra, paizes que acaparavam a sua obra, era prodigioso.

Rosa Bonheur, porem, recusava modestamente a distincção que lhe ia ser conferida e a medalha d'honra era por uma coincidência tragica adjudicada ao pintor Tattgrin no proprio dia em que os olhos da artista se cerravam á luz.

Nascida em Bordeaux em março de 1822 d'uma familia d'artistas, Rosa Bonheur, que revelou uma precoce e irresistivel vocação para o desenho, teve por iniciador e mestre seu pae, uma especie de pintor chimerico que sonhava restaurar a ordem dos Templarios e que um dia abandonou o mundo retirando-se para o convento dos São-Simonistas em Menilmontant. Aos desenove annos ella estreiou no Salon expondo duas pequenas télas que attrahiram a attenção. Depois, durante dez annos, produziu numerosas obras que provocaram a admiração geral, especialmente o *Labourage nivernais*, hoje no Luxemburgo. A sua grande téla do *Marché aux chevaux* foi o principal successo da exposicção de 1853. Em 1855, enviava á Exposição Universal uma *Fenaison en Auvergne*; em 1867, egualmente á Exposição Universal, os *Moutons au bord de la mer*, os quaes foram copiados pela imperatriz, que tinha em tal estima o talento artistico da artista a ponto de ir pessoalmente a Fontainebleau levar-lhe as insignias da Legião d'Honra com que Rosa Bonheur fôra condecorada, distincção esta que pela primeira vez se fasia em França a uma mulher. A exposicção levantou ao maximum a reputação já grande da artista, que desde então se absteve em apparecer nos *Salons* annuaes, contentando-se em enviar as suas obras ás grandes exposições do estrangeiro, particularmente á de Anvers em 1871, e á de Londres, em 1882.

Rosa Bonheur creou-se desde muito cedo uma especialidade na pintura d'animaes que, na massa dos seus agrupamentos, na dramatica violencia das suas paixões, no movimento das suas desordenadas correrias ou nas harmonias das suas formas e côres no encanto das suas phisionomias meditativas e doces, tem tido tão illustres interpretes, desde o velho Pisanello ao nosso Thomaz d'Annuniação e atravez os admiraveis mestres hollandezes e flamengos Albert Cupy, Snyders, Hondecoeter, Rubens e esse divino lyrico Paulo Potter. Entre os animalistas francezes Gérécault, Millet, Troyon a artista que, familiarisada com a anatomia, a osteologia e a myologia de cada animal procurava não só fixar-lhe os movimentos e os reflexos mas exprimir a subtilidade

dos seus caracteres, visto que cada animal tem uma phisionomia individual e propria, occupa um logar primacial. Como pintora era mediocre, faltava-lhe o sentimento das côres e a execução á força de ser trabalhada resultava secca e dura. Assim os seus quadros, ainda os melhores, são inferiores aos esboços d'onde nasceram, de resto levados ao ultimo extremo do acabado e do perfeito e mesmo aos seus excellentes estudos pintados. Nestes ha bocados d'um desenho sólido, d'uma firmeza notavel e onde se revela um respeito pela arte que é já tocante n'um paiz em que a arte não passa d'um officio de habilidosos.

Rosa Bonheur não conheceu o Amor, a cujos grilhões de velludo sempre se soube furtar, chegando um dia sobre o orgulhoso pretexto de que « não tinha inclinação para a drogaria » a recusar a mão que lhe era offerta por um droguista; d'esta forma a sua sensibilidade ia toda para os animaes que, por assim diser, constituíam toda a sua familia. Mas ella era de curto hausto, e esta mulher, que viveu em harmonia e comunicação íntima com a Natureza, nunca se deixou penetrar da poesia profunda que sahe da paisagem e jamais nos deu nada que valesse nem um dos pacíficos bois de Potter, olhando com os seus olhos lyricos os poentes d'ouro e deixando cahir da bocca rosada longos fios de baba cor de neve, nem tam pouco a religiosa ternura d'uma paisagem de Millet á hora incomparavel do angelus. Nos seus quadros, o céu as arvores, a terra, a athmosfera, alem da sua representação propria não collaboravam em nada n'esse quid mysterioso e anonymo qua situa a paisagem sobre um ponto da alma ao mesmo tempo que sobre um ponto do sólo. Ah quanto erram os que he chamam a George Sand da pintura; esta designação assenta tão bem n'ella como assentava na desventurada escriptora D. Guiomar Torrezão, que, segundo alguns ineptos, era tambem George Sand da nossa terra!

Rosa Bonheur foi até á morte a directora da escola livre de desenho para raparigas que ella propria fundara em Fontainebleau, onde, fugida á esteril agitação parisiense, vivia no seio da floresta, na doce solidão dos arvoredos e era, ainda que a sua mascara de traços viris e duros que lembra a de Luis Blanc e talvez tambem um pouco a d'um Michelet de expressão menos sorridente e doce, o não indique um ser de franqueza e de independencia, bom, expontaneo e simples.



ROSA BONHEUR

FRANCISCO SARCEY

Por uma coincidência verdadeiramente singular, Sarcey, que fôra durante uma longa vida o enraivecido Pipelet de Becque, mal que viu o seu inimigo tomar na *gare* da morte bilhete de viagem para o desconhecido abalou tambem repentinamente da terra. Porque? Com que secretas intenções?

Acaso, morto o auctor violento e aspero dos *Corbeaux*, comprehenderia « notre oncle » que a sua missão de perseguidor escarniçado estava, senão finda, pelo menos singularmente reduzida, ou, obstinado no seu odio, deliberaria atravessar as fronteiras negras para, nos circulos d'ouro e luz dos Campos Elyseos, ir ainda negar o genio dramatico do auctor da *Parisienne*? Não sei, mas se os dois se encontram em qualquer parte do *au-delà* muito temo que a morte conciliadora não consiga faser-lhes esquecer os odios de cá de baixo e o dialogo que, entre o escriptor classico, d'oravante glorioso e o jornalista fecundo, gordo e ephemero, se travar não deixe de revestir o tom agro e duro das discursões terrestres.

Francisco Sarcey nasceu em 1828 em Dourdan. Depois de brilhantes estudos no collegio Charlesmagne, entrou em 1848 na Escola Normal onde teve por condiscipulos d'Abou e Taine. De 1851 a 1858 professou na provincia; mas a independencia do seu espirito e certos artigos de polemica, cujo anonymato foi depressa descoberto, obrigaram-n'o a abandonar a Universidade, e, obedecendo á sua verdadeira vocação, a entrar no jornalismo. Chegando a Paris publicou no *Figaro* uma serie de artigos assignados com o pseudonymo de Satané Binet e no fim de 1859 era encarregado do folhetim dramatico da *Opinion National*; d'ahi, oito annos mais tarde, em 1867, passou com as mesmas attribuições ao *Temps* o qual

só a morte devia obrigar, depois de trinta e dois annos de assidua collaboração, a abandonar. Note-se ainda a sua collaboração constante ou passageira em infinitos jornaes, entre outros o *XIX^e Siècle* o *Matin*, e no fim como no começo da sua longa e laboriosa carreira, o *Figaro*, onde semeava os seus *Grains de bon sens* ao mesmo tempo que fornecia ao *Temps*, sem prejuizo do seu folhetim semanal, os *Fagots* de Sganarello.

Sarcey foi um espirito eminentemente francez em que havia as qualidades essenciaes e permanentes da raça. Os seus gostos burguezes, o seu grosseiro bom censo, e a sua rude logica, em extremo terra a terra faziam d'elle um primo-irmão de Boileau. No secco autor do *Lutrin* estava com effeito uma metade do seu idolo, a outra metade em Voltaire, e se Sarcey confessava amar o seculo XVI era mais do espirito liberal e racionalista do seculo XVIII que elle estava realmente impregnado e a este periodo historico que, pelo seu estylo burguez e facil, pela sua alma popular e sociavel, pelos seus gostos litterarios e mais do que tudo pelas suas preoccupações d'utilidade commun, pertencia. Sarcey foi o ultimo representante da opinião media franceza que no outro seculo fazia do minguido e escarnica Voltaire o seu Deus e que nunca se entrega a D. Juan que não possuia os dons culminantes da raça, um espirito logico e jocoso, claro e banal, comedido e á superficie de tudo.

A burguezia reconhecia n'elle um dos seus orgãos acreditados os intellectuaes desdenhavam-n'o. Um dia que Jules Vallès e Barbey d'Aurévilly se achavam em presença o auctor dos *Refractaires*, e o d'uma *Vieille Maitrise* cruzando as laminas do espirito pozeram-se a esgrimir cortezmente.

— Preciso de vinte mil cabeças de burguez, disse em modo de zombaria, o refractario ao velho paladino.

— Eu, senhor, replicou Barbey, contentar-me-hia com a de Sarcey!

O theatro, onde ia todas as noites, era a alegria da sua vida e o seu repouso. Elle que proclamara a doutrina da superioridade do theatro como logar de digestão ia para os espetaculos não para viver d'uma emoção ou d'um sonho mas apenas para socegar do violento trabalho do dia. Este articulista de todo o anno, cuja funcção natural foi de produzir artigos como uma pereira dá peras ou uma cerejeira dá cerejas, comprazia-se em toda a peça que, pela elevação e profundeza, não perturbasse o seu chylo, e, logico com o seu temperamento e o seu principio, era no seu folhetim farto d'applausos para todo o *vaudeville* inferior ou todo o melodrama imbecil. Por isso a sua critica foi em geral nefasta e fatal mesmo a muitos escriptores que, incertos e hesitantes, começavam a sua ascensão para uma belleza nova.

Sarcey foi o inexoravel inimigo de toda a grandeza, e de toda a audacia. A sua incompreensão artistica, revelada na continuidade formidavel de quarenta annos de amor ao mediocre e ao trivial, não lhe permitia aperceber, captivado pelo *metier* onde para elle residia todo o theatro, a profunda belleza philosophica e social das peças de Ibsen, d'onde nasceu o elevado ideal dramatico de Curel, de Mirbeau e de Descaves, nem as concentradas e asperas realidades da obra de Becque. Sarcey que negou Balzac e Hugo, Flaubert e Leconte de Lisle, Musset e Baudelaire é o irmão tardio de Boileau, de Voltaire e de Jules Janin, d'esse janin que desdenhava de Balzac e cuja caricatura o Colosso fixou para a immortalidade na figura do seu Estevão Losteau; d'esse Mr. d'Arouet que considerava Shakespeare como um selvagem bebado, para quem Dante pouco valia e Goethe não era coisa nenhuma e d'esse Boileau versificador frio e enlulado, letrado sem duvida, mas d'alma feita para nada comprehender de Belleza e de Arte, que confessava a sua repugnancia por Rabelais e mofava de Lafontaine.

Muitos julgam falsa tambem de sinceridade a sua critica como falsa aquella sua tão caracteristica bonhomia, em que entrava uma parte de natural e de voluntario, a plena alegria de viver e um perfume de constante bom humor. Persuado-me que se enga-

nam os que assim pensam. Sarcey tinha realmente uma bella independencia de espirito e de caracter e se se mostrava refractario a todas as formas d'arte nova era porque em toda a sua consciencia se encontrava incapaz de as comprehender. A prova d'isto está em que, mal apenas percebia ter-se enganado sobre qualquer theoria ou sobre qualquer personalidade, era o primeiro a vir confessar, com espontaneidade e alegria, o seu erro. De resto a sua persistencia em recusar ser decorado ou academico é bella e muito o honra tambem a declaração que um dia, fez de que desejava que o seu tumulto contivesse apenas esta simples legenda, que afinal resume toda a sua vida: Sarcey, professor e jornalista.

Como conferente foi o que era como jornalista, facil e copioso. O fundo solido de erudição que recebera na sua passagem pela Universidade ter-lhe-ia sido de grande utilidade se Sarcey dispusesse d'outras qualidades mais vastas de comprehensão. Mas apesar d'isso as suas *causeries* improvisadas, esmaltadas de abundantes aneddotas, agradavam, e, se em todas as suas manifestações intel-

lectuaes o praser de ensinar se reconhecia, se por detraz dos seus artigos é facil aperceber os olhos d'oiro do magister, as suas conferencias, a tomarem-se como lições, são na verdade bem magras.

Sarcey era extremamente popular e cultivava mesmo, com devaneio, essa voga. Ser chamado « nosso tio » alegrava-o sobre modo, porque elle bem sabia que tal denominação exprimia o parentesco familiar do seu espirito com as innumeraveis cabeças da cidade burgueza; ser qualificado de « critico nacional » fazia-o porem delirar. No em tanto muitas vezes essa voga manifestava-se por uma troça, cruel e aggressiva. Embora; assim mesmo Sarcey, amava, pois o seu espirito sabia sentir mesmo nas chufas a caricia d'uma popularidade que foi, sem contestação, grande. A rotundidade do seu ventre, a sua figura amassada em malicia, a larga face rosada que a neve dos cabellos brancos toucava sem a envelhecer, os seus olhos de camponez astuto embuscados por detraz das espessas brenhas d'umas sobrancelhas desconformes, o seu largo e paternal sorriso, faziam d'elle na verdade um curioso typo de rua explorado durante longos annos por todos os auctores de revistas. No fundo não passava de qualquer coisa como o bom homem Ricardo da imprensa, o Sancho Pança da conferencia e o Raspail da litteratura dramatica.

Mas o que elle foi acima de tudo foi um batalhador fervente, um obstinado e assiduo artifice do jornal o que

afinal o mesmo é que ser constructor de coisa nenhuma. Durante quarenta annos escreveu quatro ou cinco artigos por dia e, sobre os acontecimentos quotidianos redigiu, chalaceando sempre, em nome de milhões de francezes encantados, o imperturbavel e plausivel julgamento do senso commun. Os seus manuscriptos, se a insignificancia das ideias que contem e a lingua em que é tecida, lingua cheia de movimento, de verve e de clareza mas nada litteraria, não os tornassem irreductiveis á forma de livro deveria dar quinhentos ou seis centos volumes e é singularmente triste confessar que d'esse labor formidavel e prodigioso, d'essas cento e cinquenta mil paginas escriptas, a posteridade não guardará talvez dez linhas. A sua obra, grande em quantidade, em qualidade diminuta e secca como o leite d'um Manzanares, evaporar-se-ha no tempo com facilidade igual aquella com que amanhã as chammas do forno crematorio redusirão a carcassa d'esse volumoso critico, que tanto logar occupou na vida parisiense, a algumas nuvens de fumo negro, a certa quantidade de fuliginosos oxidos dispersos na athmosphera e a um breve punhado de cinzas semelhanes á pedra póme ou á lava arrefecida.

Sarcey viveu, ainda para alem da morte, do theatro. O seu enterro foi de resto o que devia ser, uma grande *dernière* com um publico de *première*. O critico nacional, que tanto amava a popularidade, teve para o acompanhar ao tumulto, tudo o que ha de mais selecto na cabotinagem e no mundo dos bastidores. Devia sentir-se feliz.

DOMINGOS GUIMARÃES.



FRANCISCO SARCEY

Celebre critico theatral francez.



KALI

O almirante de la Vallée, que parecia dormitar no seu *jau-teuil*, pronunciou na sua voz de velho : — « Tive uma pequena aventura de amor, muito singular ; querem que a conte? »

E fallou, sem se mecher do fundo da sua ampla cadeira, conservando nos labios esse sorriso enrugado que nunca o abandonava, sorriso á Voltaire que o fasia passar por um espantoso sceptico.

I

Tinha eu então trinta annos, e era tenente de marinha, quando me encarregaram de uma missão astronomica na India Central. O governo inglez porporcionou-me todos os meios necessarios para levar a minha empreza a cabo, e entrei com uma comitiva de alguns homens n'esse paiz estranho, surprehendente, prodigioso.

Seriam necessarios vinte volumes para contar essa viagem. Atravesei regiões inverosimilmente magnificas ; fui recebido por principes de uma belleza sobrehumana e vivendo n'uma incrível magnificencia. Pareceu-me durante dois meses que marchava n'um poema, que percorria um reino de magica sobre o dorso de elephantes imaginarios. Descobria no meio das florestas phantasticas ruinas inverosimeis ; encontrava em cidades de uma phantasia de sonhos prodigiosos monumentos, finos e burilados como joias, ligeiros como rendas e enormes como montanhas, esses monumentos fabulosos, divinos, de uma graça tal que se cria amor ás suas formas como se pode crear amor a uma mulher, e que se tem ao vel-os um prazer physico e sensual. Emfim, como disse Victor Hugo, eu andava acordado dentro d'um sonho.

Alcancei, emfim, o termo da minha viagem, a cidade de Gemhará, outrora uma das mais florescentes da India Central, hoje bem decahida, e governada por um principe opulento, auctoritario, violento, generoso e cruel, o rajah Maddan, um verdadeiro soberano do Oriente, delicado e barbaro, affavel e sanguinario, de uma graça feminina e de uma ferocidade implacavel.

A cidade é no reconcavo de um valle á beira de um pequeno lago, rodeado por um povo de pagodes que banha na agua as suas paredes.

De longe, forma uma nodoa branca que alastra ao passo que o viajante se aproxima, e pouco a pouco se descortinam os zimbórios, os minaretes, os carucheus, todos os remates elegantes e esbeltos dos graciosos monumentos indianos. Pouco mais ou menos a uma hora das portas, encontrei um elephante soberbamente ajaezado, rodeado de uma guarda de honra que o soberano me enviava. E fui conduzido ao palacio em grande pompa. Eu quizera ir vestirme com luxo, mas a impaciencia regia não m'o permittiu. Queriam primeiro conhecer-me, saber o que teriam a esperar de mim como distração ; depois veriam.

Fui introduzido, entre alas de soldados bronzeos como estatuas e cobertos de uniformes scintillantes, n'uma grande sala rodeada de galerias, onde se perfilavam homens vestidos de tunicas brilhantes e estrelladas de pedras preciosas.

N'um banco semelhante a um dos nossos bancos de jardim, sem espaldar, mas forrado de um tapete admiravel, avistei um vulto reluzente, uma especie de sol assentado ; era o rajah, que me espe-

rava, immovel n'uma tunica do mais puro amarello canario. Tinha em cima de si dez ou quinze milhões de diamantes, e na fronte brilhava, sósinha, a celebre estrella de Delbi que pertenceu sempre á illustre dynastia dos Parihara de Mundose, de que o principe era descendente.

Era um rapaz dos seus vinte e cinco annos, que parecia ter sangue negro nas veias, bem que pertencesse á mais pura raça hindu.

Tinha os olhos grandes, fitos, um pouco vagos, os pommulos salientes, os labios grossos, a barba amarellada, a testa pequena, e uns dentes alvissimos, agudos, que muitas vezes mostrava n'um sorriso machinal.

Ergueu-se e veio-me estender a mão, á ingleza, depois fez-me sentar a seu lado n'um banco tão alto que os meus pés mal tocavam o chão. Estava-se ali muito mal. E propoz-me logo uma caçada ao tigre para o dia seguinte. As caçadas e as luctas eram as suas grandes occupações e nem comprehendia que alguém se podesse importar com outra coisa. Persuadia-se evidentemente que eu não tinha vindo de tão longe senão para o distrair um pouco e acompanhá-lo nos seus divertimentos.

Como eu precisava muito d'elle tractei de lhe lisongear as inclinações. Tão satisfeito ficou com a minha attitude, que me quiz mostrar immediatamente um combate de luctadores, e arrastou-me para uma especie de arena situada no interir do palacio. A uma ordem sua, appareceram dois homens nus, acobreados, com as mãos armadas de garras de aço ; e atacaram-se logo, buscando ferirem-se com essa arma contundente, que lhes traçava na pelle extensos rasgões de onde o sangue corria. Durou aquillo muito tempo. Os corpos eram uma chaga, e os combatentes continuavam a esfarrapar as carnes com aquella especie de ancinho feito de laminas agudas. Um d'elles tinha a cara espatifada ; o outro tinha uma orelha rasgada em tres. E o principe olhava aquillo com uma alegria feroz e apaixonada. Estremecia de contentamento, soltava gritinhos de prazer, e imitava com gestos inconscientes todos os movimentos dos luctadores, gritando sempre :

— « Fere! fere!... »

Um d'elles cahiu sem sentidos ; foi necessario levá-lo da arena tinto em sangue, e o rajah soltou um longo suspiro de pezar, de pena que já estivesse acabado. Voltou-se depois para mim, para conhecer a minha opinião. Eu estava indignado, mas felicitei-o vivamente ; e elle então ordenou logo que me conduzissem ao Cuch Mahal, palacio do prazer, onde residiria. Atravesei os inverosimeis jardins d'essas paragens e cheguei á minha residencia.

Esse palacio, essa joia, situado no extremo do parque real, mergulhava no lago sagrado de Vihará um lado inteiro das suas paredes. Era quadrado, apresentando por todas as faces tres filas sobrepostas de galerias em columnatas, divinamente lavradas. A cada canto elevavam-se torreões ligeiros, altos ou baixos, sósinhos ou a dois a dois, de tamanho desigual e de phisionomia differente que bem pareciam as flores naturaes desabrochadas n'aquella graciosa planta de architectura oriental. Todos eram encimados de tectos extravagantes.

Ao centro do edificio, um formidavel zimbório elevava, até

um delicioso campanil delgado e todo rendilhado, a sua cupula alonçada e redonda, semelhante a um seio de marmore branco apontado para o céu. E todo o monumento, de alto a baixo, era coberto de esculpturas, d'esses deliciosos arabescos que embriagam o olhar, de procissões immoveis de personagens delicados, cujas attitudes e cujos gestos de pedra, contavam os costumes da India.

Os quartos eram allumiados por janellas em arcos rendilhados deitando para os jardins. No pavimento de marmore, graciosos ramilhetes eram desenhados a onix, a lapis-lazuli e a agathas. Mal tivera tempo de acabar a minha *toilette*, quando um dignatario da cõrte, Haribadada, especialmente encarregado das communicações entre mim e o principe, me annunciou a visita do soberano. E o açafoada rajah appareceu, apertou-me de novo a mão, e poz-se-me a contar mil coisas, perguntando-me a cada passo a minha opinião, que tinha immenso trabalho em lhe dar. Quiz depois mostrar-me as ruinas do palacio antigo, no outro extremo dos jardins.

Era uma verdadeira floresta de pedras, que um povo de grandes macacos habitava. A' nossa aproximação, os machos deitaram a correr pelas paredes fazendo-nos horriveis caretas, e as femeas fugiram, levando ao collo os filhos. O soberano ria doidamente, beliscava-me o hombro para me testemunhar o seu praser, e sentou-se no meio dos escombros enquanto que á volta de nós, agachados no alto das paredes, empoleirados em todas as saliencias, uma assemblea de animaes de suissas brancas nos deitava a lingua de fóra e nos mostrava o punho.

Depois de se faltar d'esse espetaculo, o soberano amarello ergueu-se e poz-se de novo a caminho gravemente, levando-me sempre ao seu lado, contente de me ter mostrado simelhantes coisas no proprio dia da minha chegada, e lembrando-me que no dia seguinte teria logar em minha honra uma grande caçada aos tigres.

Fui a essa caçada, e a outra, e a tres, e a dez, e a vinte seguidas. Correu-se alternadamente todos os bichos que aquella terra produz; — a panthera, o urso, o elephante, a antilope, o hippopotamo, o crocodilo, — que sei eu? — metade dos animaes da creação. Andava já esfalfado, enjoado de ver correr sangue, farto d'aquelle prazer sempre igual.

Por fim o ardor do principe acabou-se, e o rajah deixou-me, a grande distancia, algum vagar para trabalhar.

Limitava-se agora a encher-me de presentes. Mandava-me joias, estofos magnificos, animaes ensinados, que Haribadada me apresentava com apparente respeito, grave como se eu fosse o sol em pessoa, bem que no fundo me desprezasse muito.

E cada dia uma procissão de servos me trazia em bandeja coberta uma porção de cada manjar da refeição real; cada dia era necessario apparecer e manifestar extremo prazer em algum novo divertimento organizado para mim: — danças de bayadeiras, prestidigitações, revistas de tropas, tudo que podia inventar esse rajah hospitaleiro mas massador, para me mostrar a sua surprehendente patria em todo o seu encanto e em todo o seu esplendor.

Logo que me deixavam um bocado sósinho, trabalhava, ou então ia ver os macacos, cuja convivencia me agradava infinitamente mais do que a do rei. Mas uma noite como voltasse de passear, encontrei á porta do meu palacio Haribadada, solemne, que me annunciou em termos mysteriosos que um presente do soberano me esperava no meu quarto; e apresentou-me as desculpas do seu amo por não ter pensado mais cedo em me offerecer uma coisa de que devia estar privado.

Apoz este discurso obscuro, o embaixador inclinou-se e partiu.

Entre e vi, alinhadas com a parede por ordem de alturas, seis rapariguitas, lado a lado, immoveis, semelhantes a uma enfiada de peixitos do rio. A mais velha teria oito annos, a mais nova seis. No primeiro momento não comprehendi bem o que estava ali a faser nos meus aposentos aquella pequenada; depois advinhei a delicada attenção do principe, era um harem de que me fazia presente.

Tinha-o escolhido muito novinho por excesso de amabilidade. Porque n'aquellas terras, quanto mais verde é o fructo, mais estimado.

Eu ficava-me inteiramente confuso e constringido, envergonhado, defronte d'aquellas pequerruchas que me fitavam com os

seus grandes olhos graves, e que pareciam já saber o que eu poderia exigir d'ellas.

Não sabia que dizer-lhes. Tinha vontade de as mandar embora, mas não se recambia um presente de soberano.

Seria uma injuria mortal. Era forçoso portanto conservar, installar nos meus aposentos aquelle rebanho de creanças.

Ellas continuavam firmes, encarando-me sempre, aguardando as minhas ordens, buscando ler no meu olhar o meu pensamento. Maldito presente! Por fim, sentindo-me ridiculo, perguntei á maior:

— « Como te chamas tú? »

Ella respondeu:

— « Kali. »

Essa pequerrucha de pelle tão linda, um pouco amarellada como o marfim, era uma maravilha, uma estatua, com o seu rosto de linhas compridas e severas.

Então pronunciei para ver o que ella responderia, talvez para a embaraçar:

— « Que vens tu aqui fazer? »

Ella disse na sua voz doce, harmoniosa:

— « Venho para fazer o que te aprouver exigir de mim, meu senhor. »

A pequerrucha estava informada.

E fiz a mesma pergunta á mais pequena, que articulou nitidamente na sua voz fina:

— « Venho para fazer o que te aprouver exigir de mim, meu senhor. »

Essa tinha uns ares de ratinho e era linda como os amores. Tomei-a ao collo e beijei-a. As outras fizeram um movimento como para se retirarem, pensando decerto que acabava de indicar a minha escolha, mas ordenei-lhe que ficassem, e sentando-me á indiana, fil-as tomar logar á roda de mim, depois puz-me a contar-lhes uma historia de genios, porque fallava soffrivelmente o idioma d'ellas.

Ellas escutavam com a maior attenção, estremecendo, aos pormenores maravilhosos, tremendo d'angustia, erguendo as mãos. Nem já se lembravam, coitadinhas, da razão que as fizera ali vir. Terminado o meu conto, chamei o meu creado de confiança Latehemna e mandei trazer doces, bolos, confeitos, que comeram até não quererem mais: depois, começando a achar muito comica aquella aventura, organizei brinquedos para divertir as minhas mulheres. Um d'esses brinquedos especialmente teve um enorme successo. Eu fazia uma ponte com a pernas, e as minhas seis pequerruchas passavam por baixo de corrida, a mais pequena abrindo a marcha, a mais alta abalroando-me um pouco, porque nunca se abaixava bastante. Fazia-as aquillo soltar gargalhadas de ensurdecer, e aquellas vozes juvenis resoando sob as abobodas baixas do meu sumptuoso palacio animavam-n'o, povoavam-n'o de alegria infantil, mobilavam-n'o de vida.

Tomei depois muito interesse na installação do dormitorio onde iam ficar as minhas innocentes concubinas. Metti-as, enfim, no quarto que lhes destinei, a cargo de quatro mulheres que o principe me tinha enviado ao mesmo tempo para cuidarem das minhas sultanas.

Durante oito dias senti um verdadeiro prazer em representar de papá com aquellas bonecas. Tinhamos admiraveis partidas de escondidas, de cabra cega, de chicote queimado, que as lançavam em delirios de contentamento, porque cada dia lhes revelava algum d'esses jogos desconhecidos, tão cheios de interesse. A minha residencia dava agora seus ares de aula. E as minhas amiguinhas, vestidas de sedas admiraveis, de estofos bordados a oiro e prata, corriam como animaesitos humanos atravez das extensas galerias e das tranquillias salas em que uma luz embrandecida cahia pelas arcadas.

Depois, uma noite, nem eu sei como, a maior, aquella que se chamava Kali e que parecia uma estatueta de marfim antigo, foi minha mulher de facto.

Era uma adoravel creaturinha, meiga, timida e alegre, amando-me com affeição ardente, e a quem eu amava exquisitamente, com vergonha, com hesitação, com uma especie de medo á justiça europea, com reservas e escrupulos, e todavia com apaixonada

ternura sensual. Amava-a como pae, e acariciava-a como homem. Perdão, minhas senhoras, creio que me excedo um pouco...

As outras continuavam a brincar no palacio, como um bando de gallinhas. Kali agora não me deixava, senão quando eu ia ao principe. Passavamos juntos horas deliciosas, nas ruínas do velho palacio, entre os macacos que se tinham feito muito nossos amigos. Ella deitava-se sobre os meus joelhos e ali ficava a revolver coisas na sua cabecita de esphinge, on talvez sem pensar em nada, mas guardando a bella e encantadora attitude hereditaria d'esses povos nobres e scismadores, a attitude hyeratica das estatuas sagradas. Eu levava n'uma grande bandeja de cobre mantimentos, bolos, fructas. E as macacas aproximavam-se pouco a pouco, seguidas dos filhos mais timidos; depois sentavam-se em circulo de roda de nós, sem se atreverem a aproximarem-se mais, esperando que eu fizesse, a minha distribuição de guloseimas. Então quasi sempre algum macho mais atrevido se chegava a mim, de mão estendida, como um mendigo; e eu dava-lhe algum bocado, que elle ia levar á femea. E todas as outras desatavam aos gritos furiosos, gritos de inveja e de colera, e não me era possível fazer cessar aquella enfermeira senão atirando a cada uma o seu quinhão.

Como gostasse muito d'aquellas ruínas. mandei lá pôr os meus instrumentos, para trabalhar. Mas logo que viram o cobre dos apparelhos de precisão, os macacos, tomando sem duvida aquellas coisas por engenhos de mórte, debandaram para todos os lados, soltando clamores espantosos.

Tambem muitas vezes passava as noites com Kali n'uma das galerias interiores que dominavam o lago de Vihará. Olhávamos, sem fallar, a lua scintillante que deslísava ao fundo do céu, lançando sobre a agua um monte de prata tremeluzente, e ao fundo, na margem opposta, a linha dos pequenos pagodes, semelhantes a graciosos tortulhos que tivessem rebentado de dentro de agua. E tomando nos meus braços a cabecinha toda séria da minha pequena amante, beijava lentamente, longamente a sua fronte polida, os seus grandes olhos cheios do segredo d'aquella terra archaica e fabulosa, e os seus labios calmos que sob as minhas caricias se entreabriam. E sentia uma sensação confusa, fortalecedora, poetica sobretudo, a sensação de que possuia uma raça inteira n'aquella pequenita, essa bella raça mysteriosa d'onde parecem oriundas todas as outras.

O principe, entretando, continuava a mimosear-me com presentes. Um dia mandou-me um objecto bem inesperado, que excitou em Kali apaixonada admiração. Era simplesmente uma boceta de conchas, uma d'essas caixas de papelão, cobertas de um envolucro de conchinhas simplesmente colladas. Em França, aquillo valeria quando muito quarenta *sous*. Mas, n'aquella terra, o preço de tal joia era inestimavel. Sem duvida era a primeira que entrava no reino. Pousei-a sobre um movel, e dexei-a parar ali, sorrindo da importancia dada áquella feia bugiganga de bazar.

Mas Kali não se cançava de a olhar, de a admirar, cheia de respeito e de extasi. De tempos a tempos, perguntava-me :

— « Deixas-me tocar-lhe? »

E com auctorisação minha, levantava-lhe a tampa, tornava-a a fechar, com grandes precauções, acariciava com os seus dedos finos, muito de mansinho, as pequenas conchas, e parecia sentir áquelle contacto um praser delicioso que lhe penetrava até ao coração. Entretanto, eu terminara os meus trabalhos e tinha de partir. Levou-me muito tempo a decidir, retido como estava agora pela minha ternura para com a minha pequena amiga. Por fim não tive outro remedio.

O principe consternado organisou novas caçadas, novos combates de luctadores; mas ao cabo de quinze dias d'esses prazeres, declarei que me não podia demorar mais, e elle deixou-me em liberdade. As despedidas de Kali foram dilacerantes. Ella chorava abraçada a mim com a sua cabeça sobre o meu peito, toda soluçante de pezar. Não sabia que fazer para a consolar, pois que de nada os meus beijos serviam.

De repente tive uma idéa, e levantando-me, fui buscar a caixinha de conchas e metti-lh'a na mão :

— « Toma lá para ti. É tua. »

Então, via primeiro sorrir. Todo o seu rosto se clareava d'essa

alegria profunda dos sonhos impossiveis, subitamente realizados, E beijou-me com furia.

Mas apezar d'isso, chorou bastante no momento do ultimo adeus. Distribui beijos de pae e bolos a todo o resto das minhas mulheres, e parti.

II

Decorreram dois annos, depois os acasos da vida do mar levaram-me outra vez a Bombaim. Em seguida as circunstancias imprevistas, deixaram-me lá com uma nova missão, á qual me habilitava o meu conhecimento do paiz e lingua. Terminei os meus trabalhos o mais depressa possível, o como ainda tinha tres meses ao meu dispor, quiz ir fazer uma visitinha ao meu amigo, o rei de Gemhará, e á minha querida mulhersinha Kali, que decerto havia de estar bem mudada.

Á noite, emfim, achando-me livre, mandei chamar Haribadada, e de depois de muitas perguntas diversas, para desnortear a sua perspicacia, perguntei-lhe :

— « Sabes o que é feito da pequena Kali, que o rajah me tinha dado? »

O homem tomou uma physionomia triste, apoquentada, e respondeu com grande constrangimento :

— « É melhor não fallar n'ella! »

— « Porque? era uma rapariga bem bonita... »

— « Deitou-se a perder, meu senhor. »

— « Kali?! Como?! Que é feito d'ella? onde está ella? »

— « Queria eu dizer que teve mau fim. »

— « Mau fim?! Morreu?! »

— « Sim meu senhor. Tinha commettido uma acção má. »

Eu estava muito commovido, sentia palpitar o coração, e opprimir-me o peito uma augustia.

Tornei :

— « Uma acção má? Que fez ella? que lhe aconteceu? »

O homem, cada vez mais embaraçado, murmurou :

— « É melhor não m'o perguntar. »

— « Não, quero saber. »

— « Kali, tinha roubado. »

— « Como?! quem roubou ella? »

— « Roubou-o ao senhor estrangeiro. »

— « A mim?! de que modo? »

— « Tomou-lhe no dia da sua partida o cofresinho que o principe lhe tinha dado. Acharam-n'o em poder d'ella! »

— « Qual cofre? »

— « O cofresinho das conchas. »

— « Mas era eu que lh'o tinha dado! »

O Indiano ergueu para mim uns olhos muito espantados, e respondeu :

— « Sim, ella jurou com effeito, por todos os juramentos sagrados, que lh'o tinha dado o estrangeiro. Mas ninguem acreditou que o sr. estrangeiro offerecesse a uma escrava um presente do rei, e o rajah fel-a punir. »

— « Punir como? que lhe fizeram? »

— « Amarraram-n'a dentro d'um sacco, senhor, e lançaram-na ao lago d'esta janella do quarto em que estamos, em que ella commettera o roubo. »

Senti-me atrevesado pela mais atroz sensação de dôr, que jamais me acomettera, e fiz signal a Haribadada que se retirasse para me não ver chorar. Passei a noite na galeria que dominava o lago, na galeria em que tantas vezes tivera a pobre creança sobre os meus joelhos.

E pensava que o esqueleto do seu lindo corpinho decomposto estava alli, sob os meus olhos, n'um sacco de lona amarrado por uma corda, ao fundo d'aquella agua negra que juntos olháramos tanta vez outrora.

Parti no dia seguinte, apezar dos rogos e do vehemente pezar do rajah.

E agora creio que nunca amei outra mulher senão Kali.

O Conflito de Samoa

PELO telegrapho e pelas noticias dos jornaes diarios já os nossos leitores conhecem decerto em todos os seus promenores os acontecimentos que se desenvolveram no archipelago de Samôa e que durante algumas semanas não só deram agua pela barba aos diplomatas de trez das maiores nações do mundo mas degeneraram quasi n'um grave conflicto á mão armada.

Para acompanhar as curiosas gravuras que publicamos não faremos pois senão um despretençioso e claro resumo da questão que felizmente acabou n'um accordo pacifico.

A origem do conflicto foi a seguinte.

Tendo morrido o rei indigena do archipelago Malietoa Laupepa, a successão ao throno foi disputada por dois partidos adversos : o do filho de Malietoa e o de Mataafa antigo rival d'este soberano. Como os dois partidos em armas mostrassem uma attitude ameaçadora, as potencias que exercem protectorado na ilha e que são a Allemanha, a America e a Inglaterra resolveram que a successão fosse decidida pelo *chefe de justiça*, que é como se sabe uma especie de governador nomeado pelas trez potencias.

Ora este *chefe de justiça* que é americano decidiu segundo as sympathias do seu paiz em favor de Malietoa. A Inglaterra appoiou uma tal escolha que trazia tambem incontestaveis vantagens ao seu commercio. Mas o chefe da municipalidade de Apia — principal cidade do archipelago — que é um allemão, não esteve d'accordo com tal medida e ajudou com a sua influencia os partidarios de Mataafa. O indigenas aproveitando este estado de coisas abriram, as hostilidades e depois de graves escaramuças ficaram senhores do terreno os partidarios de Mataafa. Para esta victoria tinham concorrido os subditos allemães que residem na ilha tendo á frente o proprio consul e o dr. Raffle presidente da municipalidade a quem já nos referimos. Os americanos e os

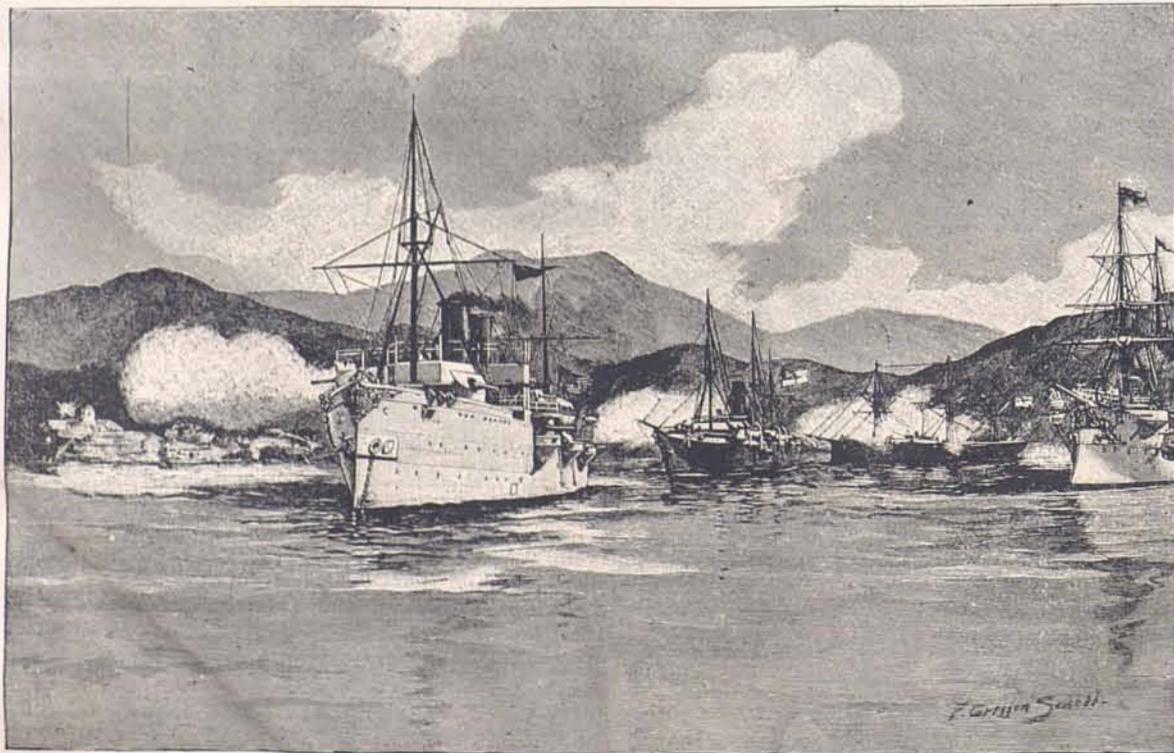


Um intrincheiramento dos indigenas

ingleses não tiveram em conta esta primeira derrota e intimaram por meio de uma proclamação do almirante americano — os partidarios de Mataafa a recolherem ás suas cabanas e a deporem as armas. A resposta a esta proclamação foi o ataque simultaneo dos dois consulados inglez e americano, havendo por essa occasião mortos e feridos.

O conflicto tomava um caracter bastante grave pois que os dois cruzadores inglez e americano sem se importarem com os protestos do almirante allemão bombardeavam Apia para fazer respeitar os interesses dos seus nacionaes.

N'este momento agudo da crise as trez chancelarias trocaram numerosos telegrammas e não faltaram noticias alarmantes que já davam como inevitavel uma guerra entre os Estados Unidos d'America do Norte e a Allemanha. Felizmente a diplomacia teve d'esta ve-



Os cruzadores americano e inglez bombardeando Apia



Mataafa, sua mulher e seus ministros

tilha do mesmo que as trez fortes nações do mundo farão amigavelmente e em harmonia com os seus interesses e sem consideração alguma pelos dos indigenas.

Estes, que são muito pacíficos e submissos, como se soube já pelas ultimas noticias do telegrapho vieram prestar vassalagem aos membros da commissão logo que esta chegou a Apia. Tanto os partidarios de Mataafa como os de Malietoa depozeram as armas facilitando assim de um modo extraordinario a missão dos commissarios dos trez paizes, que só teem que preoccupar-se agora com as medidas de disciplina contra os europeus que ao que parece foram os principaes autores e talvez os instigadores da revolta do archipelago.

O conflicto está pois terminado e as complicações internacionaes resolvidas. A guerra porem esteve imminente entre os Estados-Unidos e a Allemanha, como se pode ver do seguinte episodio contado por varios jornaes e ainda não desmentido.

Depois das primeiras escaramuças em que vieram ás mãos de mistura com os indigenas subditos allemaes e americanos, os dois cruzadores d'estas potencias, que estavam no porto consideraram-se como navios inimigos e durante dias estiveram em mutua observação com os canhões da coberta apontados um para o outro. Só á muita prudencia do almirante allemão que recebera ordens severas a este respeito, se deve o não ter



Residencia do chefe da Municipalidade de Apia



Malietoa e a sua guarda de honra

prudencia e juizo e resolveu que uma commissão mixta partisse immediatamente para o archipelago e tomasse entre as mãos o governo da ilha que assim não seria nem para Mataafa nem para Malietoa.

Depois que esta commissão mixta ja estava organizada, rebentaram novas revoltas na ilha e tiveram logar alguns combates n'um dos quaes foram mortos um tenente inglez, um tenente e um guardamarinha americanos e alguns marinheiros d'esses dois paizes; mas estes acontecimentos funestos não influiram nem modificaram o accordo diplomatico e a missão partiu de São Francisco para organizar o governo conforme as indicações de seus governos e castigar os funcionarios que foram causa d'este conflicto.

O resultado final d'estes acontecimentos que celebrisaram o tão remoto quão esquecido archipelago parece ser a par

haviendo combate entre os dois vazos de guerra, facto que necessariamente seria o começo de hostilidades mais sérias entre os dois paizes já excitados pela questão das Filipinas.

Excusado é dizer que os consul allemão e americano já foram substituidos bem como os commandantes dos navios que tomaram parte no conflicto.

A commissão vae estabelecer agora um relatorio não só sobre os acontecimentos mas ácerca das bases practicas em que pode ser feita a partilha do archipelago entre os trez paizes interessados. É de prever que a parte da Allemanha, embora esta nação tenha maiores direitos adquiridos, seja a mais insignificante pois a Inglaterra tendo-se entendido com os Estados-Unidos, não perderá occasião tão propicia de prejudicar a sua rival.

MIGUEL DE LENCASTRE.

Os Millionarios Americanos

OS REIS DOS CAMINHOS DE FERRO

Durante annos, a rêde dos caminhos de ferro americanos, quasi toda, estava nas mãos de dois homens representando e dirigindo syndicatos formidaveis, fazendo a seu bel praser a alta e a baixa das tarifas e obrando assim por repercussão, não já sómente sobre o preço corrente de tal ou tal artigo de consumo mas sobre o proprio conjuncto dos viveres e, por consequencia, sobre a vida economica do paiz. Esses dois homens, dos quaes um é hoje morto e o outro paralytico, jaz inerte, seja no seu palacio da Quinta Avenida, seja por detraz das vidraças da sua sumptuosa villa de Newport, Chamam-se Jay Gould e Cornelius Vanderbilt. A sua historia, de ambos, tem sido muitas vezes contada e é demasiado conhecida para que nós a repitamos em detalhe. Bem que differentes pelas suas origens, poisque Jay Gould era o typo do *selfmade man*, emquanto que Vanderbilt tinha já encontrado no berço os milhões de seu avô o Comodoro, elles empregaram no entanto ambos, para levantar as suas incalculaveis fortunas, a toda poderosa ferramenta do *Trust*. Mas tiveram, de algum modo, cada qual o seu processo e por elles entram no nosso quadro.

Rei dos Caminhos de ferro, Jay Gould não tinha todavia, no que diz respeito ás vias ferreas e á sua exploração, senão conhecimentos geraes. Assim tambem estabelecera o seu campo de batalha n'outra parte que não sobre a sua rêde. Para elle, uma companhia de caminhos de ferro era representada não por vias, por gares, por locomotivas, por wagons, mas por um certo numero de papeis de cores differentes, chamados acções, que symbolisam a propriedade. Era, antes de tudo, um homem da Bolsa. Operava exclusivamente sobre os titulos, acções e obrigações, de que causava a alta ou a baixa comprando, revendendo e armazenando na sua carteira um stock cada dia maior. Poderia ter juntado ao seu titulo de Rei dos Caminhos de ferro o de Rei da Bolsa. Operava na sua casa bancaria a Wall Street, da qual elle personificava o genio especulador. Ajuncte-se a isto que os escrupulos não o embaraçavam. A escolha de meios pouco lhe importava e a sua reputação de financeiro não estava ao abrigo de qualquer censura.

Quando cheguei a New-York, o amigo que me servia de cicerone na grande cidade americana conduziu-me um dia á Bolsa, espectáculo sempre curioso, mesmo para aquelle que conhece as bolsas de Paris ou de Londres. No meio da vozeria, um homem encostado á parede dava ordens a todo um exercito de *courtiers*, humildemente grupados em volta d'elle.

— Ah! exclamou de subito o meu amigo, o sr. teve sorte e vae poder contemplar um espectáculo que não se vê muitas vezes!

— Na verdade? retorqui eu já muito interessado. Que ha então?

— Vê esse homem gordo de chapéu cinzento? É o Rei dos Caminhos de ferro, é Jay Gould.

— E que tem elle de extraordinario?

— Ah! olhe-o bem! Não o verá talvez nunca como hoje. Elle tem as mãos nos bolsos! Até agora, tem-nas tido sempre nos bolsos dos outros!

Vanderbilt, pelo contrario, na sua caça dos milhões, empregava os processos tradicionaes do *Trust*. Quando tinha lançado o

olhar sobre uma companhia de que imaginava apropriar-se não tinha um momento de repouso em quanto ella não lhe estivesse á mercê. Creava ou ameaçava de crear companhias rivaes, pesava sobre as tarifas de transportes, suscitava greves de operarios, comprava dividas e perseguia com encarniçamento. Successivamente, a *New-York Central*, a linha da Philadelphia, a de Chicago foram englobadas pelo *Trust*. Até então, não tinha conseguido vencer senão as linhas d'importancia secundaria ou de fortuna mediocre mas as grandes companhias resistiam-lhe. Elle ensaiou outros processos. Graças ao todo poder dos seus milhões, as assembleas locaes ajudavam-n'o contra as Companhias recalcitrantes. Processos aparentemente insensatos, intentados por elle sob os pretextos os mais futeis, resolveram-se em seu favor. Juizes, magistrados, senadores tinham-se tornado seus doces instrumentos. Sob esta ameaça perpetua, as companhias tomavam medo. Desde a primeira intimação capitulavam como essa linha de Boston que lhe foi cedida com 25 o/o de abatimento do preço das acções á cotação da Bolsa d'esse dia. É certo que os administradores foram con-



MISS WILLIAM CURRON

Vice-rainha das Indias.

servados por elle, com ordenados superiores aquelles que recebiam da munificencia dos accionistas. Vanderbilt firmara com elles um contracto por cinco annos, que executou escrupulosamente, mas no ultimo dia do quinto anno, preveniu-os a todos, directores, administradores, engenheiros, de ter de se retirarem desde o dia immediato; e aquelles por os quaes os substituiu tiveram de pagar a sua parte dos sacrificios que elle fôra obrigado a fazer para com os primeiros.

Quando Jay Gould se tornou proprietario da linha *New York Erie*, quer diser concorrente da linha *New-York Central*, que pertencia a Vanderbilt, os especuladores americanos aguardavam, não sem anciedade, o que iria resultar do choque d'essas duas potencias rivaes. Jay Gould iria comer Vanderbilt ou Vanderbilt devorar Jay Gould? Com surpresa geral nenhuma rivalidade se produziu. Os dois adversarios tinham consciencia do seu valor reciproco e cada um d'elles comprehendia que, n'uma lucta d'esta natureza, o risco a correr não era menos do que a ruina total para o vencido. Em apparencia, ao menos, os dois Reis dos Caminhos de ferro consentiam em partilhar o sceptro. Isto durou annos. Mas um dia, no Club, rebentou uma discussão, sem que se saiba bem

precisamente o motivo, entre Jay Gould e Cornelius Vanderbilt. Uns pretendiam que a causa primeira era uma linda bailarina recentemente desembarcada da Italia; outros davam como ponto de partida da discussão certas palavras imprudentes pronunciadas por Vanderbilt acerca de Jay Gould. O que é certo é que as invectivas seguiram caminho e que a guerra foi desde logo declarada.

No dia seguinte ella manifestou-se por actos. A linha *New-York Erie* de Jay Gould e a linha *New-York Central* de Vanderbilt tinham ambas por principal trafico o transporte de gado em wagons complexos entre a fronteira canadiana e New-York. As tarifas, até esse dia, eram eguaes: 125 francos por wagon. Vanderbilt rompeu as hostilidades reduzindo a sua tarifa a 100 francos. Jay Gould na outra semana desceu a 75, Vanderbilt ripostou por 50; e, de semana a semana os preços baixaram nas duas linhas concorrentes. Foi Vanderbilt que desceu até 5 francos o wagon completo. Jay Gould não insistiu mais.

Simplemente, a victoria de Vanderbilt era uma victoria á Pyrrhus. Quanto mais elle trazia a New-York wagons cheios de gado tanto mais perdia. A *New-York Erie* não transportava coisa nenhuma e no entanto Jay Gould não se submettia. Fortemente intrigado com este mutismo ao qual nada comprehendia, Vanderbilt fez um inquerito e teve assim a palavra do enigma. Em vez de se arruinar a transportar gado ao preço ridiculo de 5 francos o wagon, Jay Gould comprava no Canadá todas as reses disponiveis e fazia-as viajar pela linha do seu inimigo; depois do que, as vendia aos carnicheiros de New-York com um grande lucro, enriquecendo-se assim com a maior parte do que perdia o seu rival.

O REI DO ALGODÃO

Um dos mais desapiedados tyrannos entre os que opprimem a classe operaria americana é sem contradição o Rei do Algodão, Roberto Knight. Ninguem tem provocado maiores odios, ninguem tambem tem feito soffrer tanto o povo de operarios ligado ás suas fabricas. E todavia, a recordação dos seus annos de mocidade deveria bastar a tornal-o mesiricordioso e bom.

Na idade de oito annos, Roberto Knight trabalhava quatorze horas por dia em uma fição. Era encarregado de ligar de novo os fios quebrados e ganhava 6 fr. 25 por semana. Extremamente intelligente e trabalhador, foi bem depressa distinguido pelo director da fição que se interessou por elle e o fez nomear, empregado na escripturação. Tinha então 80 dollars (400 francos) por mez. A severidade com que usava da porção d'auctoridade que lhe tinha sido concedida, a sua exigencia para com os seus inferiores, a sua applicação ao trabalho e tambem a rara comprehensão dos negocios que evidenciava, decidiram o proprietario da fabrica a conceder-lhe a metade dos negocios a credito pela somma de 700 000 francos. Desde o fim do primeiro anno elle realisava 40 000 francos de ganhos liquidos. Aos vinte e seis annos conseguia esbulhar, mediante uma indemnisação das mais minguadas, aquelle que fôra o auctor da sua fortuna e associava-se a seu irmão, B. E. Knight.

A industria do algodão na America estava n'essa epocha por assim diser inteiramente nas mãos da Sociedade Sprague, á qual pertencera outrora a fição de que Roberto Knight se tornara proprietario. Algumas operações desgraçadas tinham diminuido o poder d'esta Sociedade. Roberto Knight atacou-a com muita violencia. Sustentado por capitalistas que elle soubera interessar

á sua fortuna, fez-lhe uma guerra sem quartel. Em dois annos, tinha levado á falencia a Sociedade Sprague, cujo desabamento arruinou mais de 3 000 famillias e da qual elle adquiriu as fabricas por um bocado de pão. Chegara ao que queria. Toda a industria do algodão na America devia d'ahi por diante supportar as suas leis. E Deus sabe se ellas foram draconianas! Hoje, Roberto Knight tem setenta e tres annos e a sua fortuna está feita. Examinemol-a rapidamente.

O reino do algodão, sobre o qual reina Roberto Knight, soberano mais absoluto que os tyrannos da antiguidade, está situado no valle de Pantuxet, ao sud-oeste do Estado da Providencia. Há lá quinze aldeias que pertencem, solo e construcções, a este potentado economico. Essas aldeas assemelham-se todas. E' sempre a fabrica monstruosa, com a alta chaminé, imagem do antigo torreão feudal e o seu assobio estridente que marca a abertura das portas e o começo do trabalho. As habitações operarias, todas identicas, são alinhadas em duas filas e o aspecto miseravel que ellas revelam

basta para nos edificar sobre a condição social dos seus habitantes. Elles são lá dentro mais de 7 000 de todos os sexos e de todas as edades, representando, com suas familias, mais de 20 000 pessoas, das quaes Roberto Knight tem nas mãos o pão de cada dia. E' elle com effeito, que provê a tudo. Os operarios não podem comprar nada senão a elle. O assobio da fabrica marca todos os actos da vida. O padre, o medico, o mestre escola são empregados assalariados de Roberto Knight, que os expulsa se elles não tem a espinha assaz maleavel e se não se fazem voluntariamente os instrumentos da sua tyrannia. Quanto aos operarios, as suas opiniões politicas ou economicas são-lhe fornecidas, ao mesmo tempo que o assucar, o trigo, a carne e o pão pelos armazens da fabrica. São escravos, mais miseraveis que os escravos antigos, cuja existencia ao menos tinha um valor para os seus senhores que por interesse proprio cuidavam d'elles. Os escravos de Roberto Knight pódem morrer;

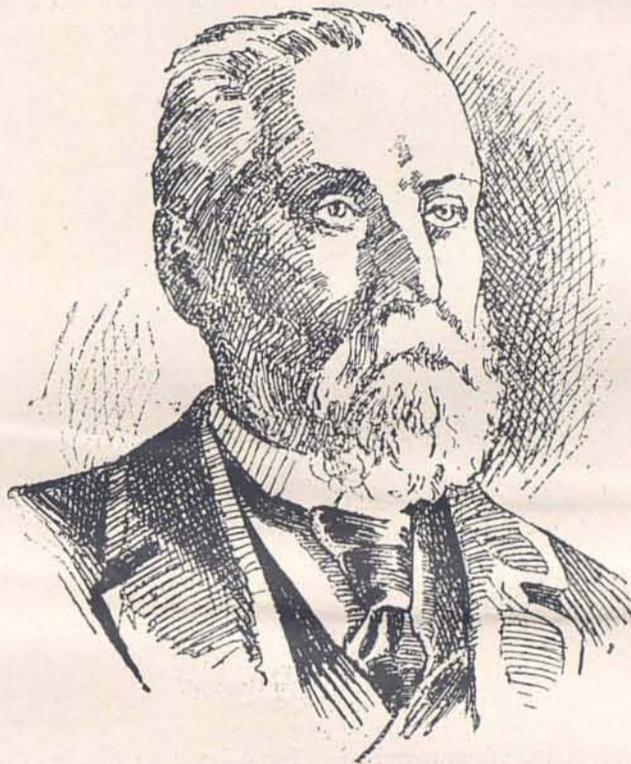
são cidadãos livres, dos quaes outros cidadãos livres tomarão o logar á primeira requisição.

Depois do 1º de Janeiro d'este anno, a morte de seu irmão tornou Roberto Knight, unico proprietario das fições; do inventario feito por esta occasião, resulta que o Rei do Algodão possui vinte e uma fabrica, contendo 525 000 fusos, 120 000 teiars, empregando 7 300 operarios e fornecendo directa ou indirectamente a subsistencia a perto de 30 000 pessoas.

Coisa bizarra, este implacavel amontoador de dinheiro tem sentimentos bucolicos. A natureza encanta-o e as arvores seduzem n'õ. A sua fabrica de *Vlute Rock* é coberta de olmos e de faias de toda a belleza que estorvam mesmo a luz de penetrar nas salas de trabalho. Em logar de os derrubar, elle fez com grande dispendio, installar a luz electrica, que funciona sem interrupção desde a manhã até á noite. Os operarios contraem ophthalmias mas isso importa pouco. Roberto Knight prefere vel-os soffrer e guardar as suas arvores. Quanto ao supplemento de despeza, occasionado por esta illuminação artificial permanente, é habilmente compensado por uma redução sobre os salarios.

O REI DO AÇO

Este chama-se Andren Carnegie. Em 20 de novembro ultimo, por occasião do seu sessenta e um anniversario elle offereceu-se a



Mr. ROBERTO KNIGHT

Rei do algodão.

si mesmo, em laia de recordação, um extenso terreno na Quinta Avenida. Esse terreno custou-lhe a bagatella de 5 375 000 francos. Metteu immediatamente operarios, porque quer dispender outros seis milhões em construir uma casa simples, espaçosa e confortável, a qual se propõe dar de presente a sua filha logo que a construcção esteja terminada, isto é no prazo de dois annos.

Andrew Carnegie não tem, ao que parece, a feroz rapacidade dos Knight ou dos Rochefeller. Os operarios que elle occupa, não são tão miseraveis como os da maior parte dos « Reis » americanos. Talvez isto seja devido, em parte ao menos, a que Carnegie não é um Americano *pur-sang* e que trouxe consigo, ao desembarcar na Nova Inglaterra, alguns restos dos preconceitos da velha Europa. Elle nasceu na Escossia, em Pimfernline e tinha uma duzia d'annos apenas quando sua familia se veio fixar em Alleghany. Era uma gente muito pobre. Assim foi preciso que todos se pozessem a trabalhar e o pequeno Andren, *Andy*, como lhe chamavam, entrou em uma fição de algodão, com um salario de 6 francos por semana. Os seus começos foram portanto identicos aos do Rei do Algodão. Somente em vez de faser o seu caminho nos escriptorios e pela especulação, Andrew Carnegie tomou por outra direcção. Era muito trabalhador e uma intelligencia muito viva! Quando tinha treze annos metteram-n'o nas machinas. Tinha por missão accender todos os dias a caldeira do gerador e guiar a machina que fazia mover os teares. Sahiu-se d'este encargo muito bem e adquiriu bem depressa a reputação d'um rapaz attento ao trabalho. Ganhava n'esse momento 12 fr. 50 por semana, logo elevados a 15 francos. Na idade de quinze annos, deixou Alleghany com sua familia para se transportar a Pittsburg, onde se fez distribuidor de telegrammas. Não dissera que não conhecia a cidade e tinha grande receio de perder a collocação porque não conhecia nem os nomes nem as moradas das pessoas a quem tinha de entregar os telegrammas. Assim, empregava as suas horas de folga e muitas veses uma parte das noites a percorrer a cidade, gravando na cabeça os nomes e as addresses das casas de commercio cujas taboletas se amontoavam de cada lado das ruas. Quando regressava á reparição, em quanto que os outros distribuidores taramelavam uns com os outros: *Andy*, escutava com attenção os ruidos do apparelho telegraphico que um empregado fazia funcionar perto d'elle. Interessado por esta attitude, o empregado consentiu em lhe ensinar o alfabeto Morse e bem depressa Andrew Carnegie foi uma das raras pessoas dos Estados Unidos capazes de « ler ao som » o que se adquire, ao que parece, por uma longa practica. Recompensaram-n'o com o emprego de telegraphista e 125 francos mensaes d'ordenado.

Uma noite leu n'um jornal um annuncio, no qual se offerecia « um ganho supplementar por um trabalho supplementar ». Os seis jornaes que existiam então em Pittsburg recebiam os seus telegrammas em commun, e um empregado, por faser seis exemplares ganhava seis dollars por semana.

Desgraçadamente o logar estava dado. Andren Carnegie foi procurar o afortunado titular e offereceu-lhe fazer as seis copias por um dollar por semana. Vá de dizer-se que o outro accitou e que 20 francos a mais por semana vieram engrossar a receita de Andren Carnegie. Mas um outro acontecimento devia mettello definitivamente no caminho da fortuna.

Um dia, o primeiro trem do caminho de ferro da Pensylvania, entrou na gare de Pittsburg. A nova linha acabava de ser aberta ao trafico. O superintendent precipitou-se na estação do tele-

grapho e deu a Carnegie um despacho para transmittir ao director geral, em Altoona. O moço telegraphista, que não tinha mais de dezasseis annos, telegraphou com tanta rapidez quanta a do superintendente a fallar. Este logo que a Companhia possuiu uma linha telegraphica propria apressou-se a contractar Andren Carnegie com o ordenado de 175 francos por mez. Isto durou treze annos, as economias engrossando sempre mas não constituindo senão uma pequena somma. As coisas estavam n'isto quando um homem tendo o aspecto d'um lavrador mostrou ao moço empregado do caminho de ferro da Pensylvania o modelo do primeiro *Sleeping-car*. Este homem era Woodruff. Andren Carnegie apresentou ao seu superintendente o modelo da sua invenção e um contracto de associação foi assignado entre elle e Woodruff para o fabrico dos wagons novos. Desde então, a fortuna de Andren Carnegie elevou-se rapidamente. Os seus 5000 francos de economias, com os quaes se tinha associado, foram a *boule de neige*. Aos quarenta e cinco annos, o antigo telegraphista constituia o seu primeiro *Trust*.

Algumas sommas habilmente distribuidas affastaram os seus rivales do fornecimento das grandes companhias de caminho de ferro. Teve igualmente a sorte de enredar os mais perigosos d'entre elles n'uma encommenda á qual elle fingira ligar grande interesse e cuja factura nunca foi paga, a Companhia compradora tendo feito falencia no intervallo, sob os assaltos repetidos das outras, associadas ao *Trust* de Andren Carnegie. Quando realisou o seu primeiro milhão de dollars, Carnegie abandonou a Woodruff o fabrico dos wagons e lançou-se no accaparamento do aço. Ahi, o *Trust*, era d'um funcionamento difficil — visto o numero quasi illimitado dos concorrentes. O caminho de ferro da Pensylvania onde elle fizera as suas primeiras armas, não o abandonou. Commeçou por lhe conceder o

fornecimento exclusivo dos seus rails e de todo o aço empregado. As auctoridades de Pittsburg, igualmente interessadas, trouxeram a clientela da cidade primeiro, do Estado depois. Condições particulares de transporte foram concedidas á *Steel and Iron Company*, emquanto que as casas concorrentes viam as tarifas augmentar em seu detrimento. Houve, aqui e alem, algumas ruinas retumbantes; os tribunales, por seu lado, affectaram querer proceder com rigor. Mas todos os perigos foram felizmente conjurados e hoje Andren Carnegie chegou ao apogeu. A sua fortuna excede 300 milhões. Só no districto de Counellsville possui 20 000 hectares de jazigos de carvão. As suas fabricas do aço empregam 15 000 operarios, as suas minas occupam outros 10 000. Cada mez a sua folha de salario ultrapassa 8 milhões de francos, mais de 2 milhões por semana.

Tambem Andren Carnegie pôde offerecer-se o luxo da philantropia ao menos d'uma certa maneira: Deu 5 milhões á Biblioteca de Pittsburg e comprometteu-se a dispender ainda 20 milhões na cidade onde fez a sua fortuna. Alem d'isso offereceu outros 5 milhões ás Bibliotecas das outras cidades da Pensylvania e 2 milhões e meio á Escossia, seu paiz natal. Ajunte-se que Andren Carnegie falla com facilidade, que faz conferencias politicas e religiosas e que publicou tres volumes, aos quaes naturalmente a reclame não faltou.

O REI DO TRIGO

A bem dizer este é quasi uma creança. Nasceu d'uma familia multimillionaria cujo logar está ha longo tempo marcado entre os



Casa onde nasceu Rosefel.

potentados da Quinta Avenida. Quando inaugurou a sua formidável especulação sobre os trigos, não tinha ainda vinte annos.

Foi em 2 de abril de 1897 que commeçou e funcionar o *Trust* do Trigo (*Wheat Trust*) constituído por José Leiter e alguns especuladores do mercado dos grãos. A primeira compra de trigo foi feita n'esta dacta ao preço de 3 fr. 77 o alqueire (*bushel*). O *Trust* continuou as suas operações, arrebatando as reservas de trigo na America e na Europa, impellindo os preços que, em 10 de Maio, attingiam já 9 fr. 25. As variações causadas por esta especulação eram taes que, menos de seis semanas depois d'esta dacta, José Leiter comprava a 3 f. 22. N'este momento elle tinha accumulado 14 milhões de alqueires. Mais tarde chegou a possuir 35 milhões. Ao mesmo tempo, inexplicaveis sinistros se produziam nos paizes essencialmente productores de trigo, na Georgia e na Florida. Celleiros cheios eram destruidos pelo incendio e os preços subiam sempre. Attingiram 9 fr. 75, e José Leiter conseguiu vender na Europa 25 milhões de alqueires. Realisara já um ganho liquido de 25 milhões de francos só á sua parte no syndicato, durante os quatorze primeiros mezes que seguiram a constituição do *Trust*.

Mas devia deter-se ahí esta surpreendente fortuna.

Os especuladores de grãos, dos quaes varios tinham sido arruinados por o *Wheat Trust* e os outros que se viam, a breve trecho, ameaçados d'uma sorte igual, coalisaram-se por sua vez contra José Leiter e os seus amigos. Uma formidável campanha de baixa foi travada, sustentada, disem, por um dos velhos inimigos da familia Leiter, o vice-presidente Holbert. O *Wheat Trust* tinha ainda em reserva mais de 15 milhões de alqueires quando os preços começaram a baixar. A soberba colheita de 1898 nos Estados Unidos completou a debandada. Em menos de seis semanas, José Leiter tinha perdido todos os seus lucros anteriores mais um milhão de dollars ainda. Os seus co-associados do *Trust*, que tinham, por prudencia, realisado as suas posições, retiraram-se a tempo para deixar pesar sobre elle a quasi totalidade das perdas. No mez de setembro, os trigos tinham retomado os preços normaes e José Leiter regressava a casa de seu pae com a reputação apesar do seu insuccesso final, d'um dos primeiros *matches* dos Estados Unidos.

A prova, de resto, de que o seu credito pessoal não estava em nada compromettido, é que, desde os fins de novembro, elle se punha em campo para constituir um novo *Trust*, destinado, este, ao accaparamento do leite. As operações commeçaram com o anno corrente. Já os pequenos rendeiros de New-Jersey, que abasteciam New-Iork, foram varridos. Os negociantes por atacado, ameaçados por sua vez, entraram em combinações. Apenas, a *General Dairy*

Company resiste ainda, mas foi obrigada a augmentar o preço do seu leite a retalho em mais de 25 centimos por gallão. Os capitaes chegam em massa a José Leiter e o Rei do Trigo, destronado, terá dado logar ao Rei do Leite.

Antes de abandonar José Leiter, digamos algumas palavras ácerca de sua familia. Elle é o filho de Levi Z. Leiter, que foi um dos Reis da Prata e que conta entre os mais ricos moradores da Quinta Avenida. Quanto a sua mãe, ella goza no continente americano d'uma notoriedade particular. Chamam-n'a a « Senhora Malapropre, » o que equivale pouco mais ou menos ao personagem imaginario que os jornaes humoristicos francezes baptisaram com o nome de « A senhora das sete cadeirinhas. » As suas ingenuidades são proverbias.

Antes de esposar Levi Z. Leiter ella chamava-se Miss Renington e habitava o Estado d'Ohio. Casou sua filha mais velha, miss Mary Leiter, com o *honorable* William Curron, o brilhante homem politico inglez, cuja rapida fortuna tem causado um tão vivo espanto e que a Rainha Victoria acaba de chamar ao posto de Vice-Rei das Indias. Em uma das suas ultimas viagens a França, ella mandara faser o retrato de sua filha a Meissonnier. Quando o retrato foi acabado, disse ao grande pintor :

— Não poderia indicar-me um bom esculptor? Mary tem um braço delicioso e eu quereria mandar faser-lhe um busto!

Meissonnier forneceu-lhe a indicação pedida poisque a Senhora Leiter mostra orgulhosamente ás suas visitas « o busto do braço » de sua filha.

Na volta d'uma viagem ao Oriente, uma amiga a quem ella contava os esplendores orientaes, perguntou-lhe :

— Viram os Dardanellos?

— Os Dardanellos? respondeu a Senhora Leiter com indignação. Se nós vimos os Dardanellos? São uma gente encantadora. Jantamos duas vezes com elles, A senhora Leiter é cheia de admiração pelos velhos mestres hollandezes de que ella pode admirar os quadros, seja no Museu, seja em casa de Vanderbilt, que possui uma collecção inestimavel. Ella proclamava ultimamente essa preferencia n'um jantar em casa de Chancey Depew.

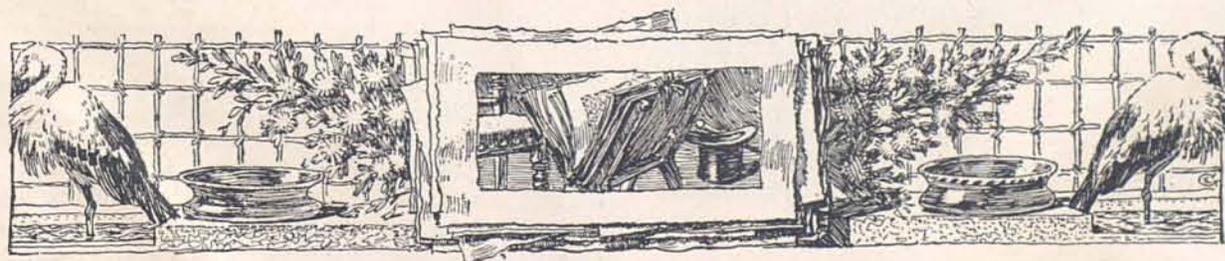
— Não há senão essa gente que saiba pintar, disse ella, e se algum dia eu me decidir a mandar faser o meu retrato é a um d'elles que me hei de dirigir.

Ajunctemos que o coração da Senhora Leiter está á altura da sua intelligencia artistica e que nunca ella deu um dollar a uma qualquer obra de caridade.

L. DE NORVINS.



MISS LEITER.





Noticiario Ilustrado

PRINCIPE ADALBERTO

A familia imperial d'Allemanha è um justo incentivo e um digno exemplo para todos os bons subditos da Confederação. Guilherme II como bom rei e cidadão patriota, reúne em torno da sua imperial pessoa que conta apenas trinta e tantos annos, uma



PRINCIPE ADALBERTO
Filho do Imperador da Allemanha.

prole já bem numerosa de sete descendentes. São elles seis illustres rapagões, entre os quaes floresce uma unica e graciosa princezazinha. O Herdeiro da coroa dos Kaisers é um robusto menino que com manda como coronel em um dos regimentos prussianos e o segundo d'elles o principe Adalberto que tem o grau de aspirante na marinha do Imperio, acaba de partir para a sua primeira viagem de instrucção á volta do mundo a bordo da corveta Charlotte que leva como uma das escalas de seu itinerario a cidade do Rio de Janeiro. Será naturalmente um justo motivo de

verdadeiro jubilo para a intelligente e laboriosa colonia allemã da capital do Brazil, poder saudar em terras tão longe da patria o pequeno marinheiro que representará nos quatro cantos do mundo a poderosa Germania Imperial e que será ao mesmo tempo a imagem viva do grande Hoenzollern que nos seus Estados fica, a pesar com todo o seu prestigio nos destinos da politica universal.

DÉROULÈDE ET HABERT

Os nossos leitores tiveram decerto conhecimento da tentativa feita por estes dois deputados francezes, no dia do enterro do presidente Felix Faure e que tinha por fim sublevar a tropa que voltava dos funeraes, e fazel-a marchar ao Elyseo para depôr o presidente Loubet e proclamar a republica plebiscitaria.

Muitos membros da « Liga dos Patriotas » que preside Déroulède tinham-se reunido na praça da Nação e quando viram passar o regimento do general Roget, cercaram os soldados, dando vivas ao exercito e gritando : « Ao Elyseo ! ao Elyseo !... »

Ao mesmo tempo Déroulède segurava as redeas do cavallo do



PAULO DÉROULÈDE
Deputado a Presidente da Liga dos Patriotas.



MARCEL HABERT
Deputado e Secretario da Liga dos Patriotas.

general e dizia-lhe que não entrasse na caserna, mas se dirigisse ao palacio presidencial e salvasse a França e a Republica.

O general Roget, que antes de tudo é um soldado disciplinado não prestou attenção nem ás solicitações de Déroulède nem ao clamor do povo que fôra engrossando pelo caminho, e ao chegar ás

proximidades da caserna, d'um gesto imperioso ordenou á tropa que tomasse o caminho do dever e conseguiu não sem custo fazer entrar o seu regimento no grande pateo do quartel.

Alguns manifestantes entravam tambem e n'este numero Déroulède e Marcel Habert que estivera sempre a seu lado. O general mandou sair todos os civis mas como os dois deputados recusassem, foi necessario dar-lhes voz de presos. Como sabem estes foram julgados e absolvidos por decisão unanime do jury.

Déroulède é uma das figuras mais populares da moderna França; poeta de muito valor é o autor dos *Cantos de Soldado* que foram premiados pela Academia e que são celebres em toda a republica. É um patriota ardente e foi um heroe durante a guerra de 1870. Honestissimo, é estimado mesmo pelos seus mais ferozes adversarios que todos lhe reconhecem a par de uma exaltação, que por vezes o leva a actos como o que acabamos de contar, uma sinceridade e um desinteresse que não são vulgares nos tempos presentes.

Marcel Habert é tambem um sincero e um bom que põe a França acima de tudo, e por ella é capaz dos maiores sacrificios. A maneira simples mas ao mesmo tempo energica, como quiz ter a sua parte de responsabilidade na acto de Déroulède, prova, não só a devoção á causa que defende, como sentimentos de amizade e dedicação que muito honram o seu character.

REUTER

O nome que serve de epigraphe a esta noticia é universalmente conhecido. Elle designa com effeito uma das melhores, talvez a



REUTER
Director da Agencia de mesmo nome.

melhor agencia de informação do universo. O retrato que acompanha estas linhas, não é decerto conhecido senão de muito pouca gente e comtudo foi este homem e creador da agencia de que fallamos e foi elle que lhe deu o seu nome. Reuter, que falleceu ha poucas semanas, era um flagrante exemplo do que podem a energia e a actividade humanas. Jornalista habil, espirito vivo e empreendedor Reuter não tardou a predominar entre os collegas e adquiriu relações de primeira ordem de que elle depois se serviu para acréditar e informar a sua agencia.

Esta teve uma alta influencia diplomatica servindo por assim dizer de orgão official não só de toda a Allemanha como de muitos outros estados. A sua seriedade é tal que nunca uma das suas informações foi desmentida e a rapidez do seu serviço telegraphico de tal modo prodigiosa que os mais exigentes periodicos a elle recorrem.

A CAZA DO BOSQUE

N'este celebre palacio da Haya, estão agora reunidos os representantes de quasi todas as nações do universo, para, a convite do Czar Nicolau II, tratarem de discutir os melhores meios de evi-

com muito gosto e riqueza. Alem das salas chinesa e japonesa muito originaes e guarnecidas de estofos e moveis rarissimos, deve-se citar a salla de bilhar onde ha uma serie de famo-

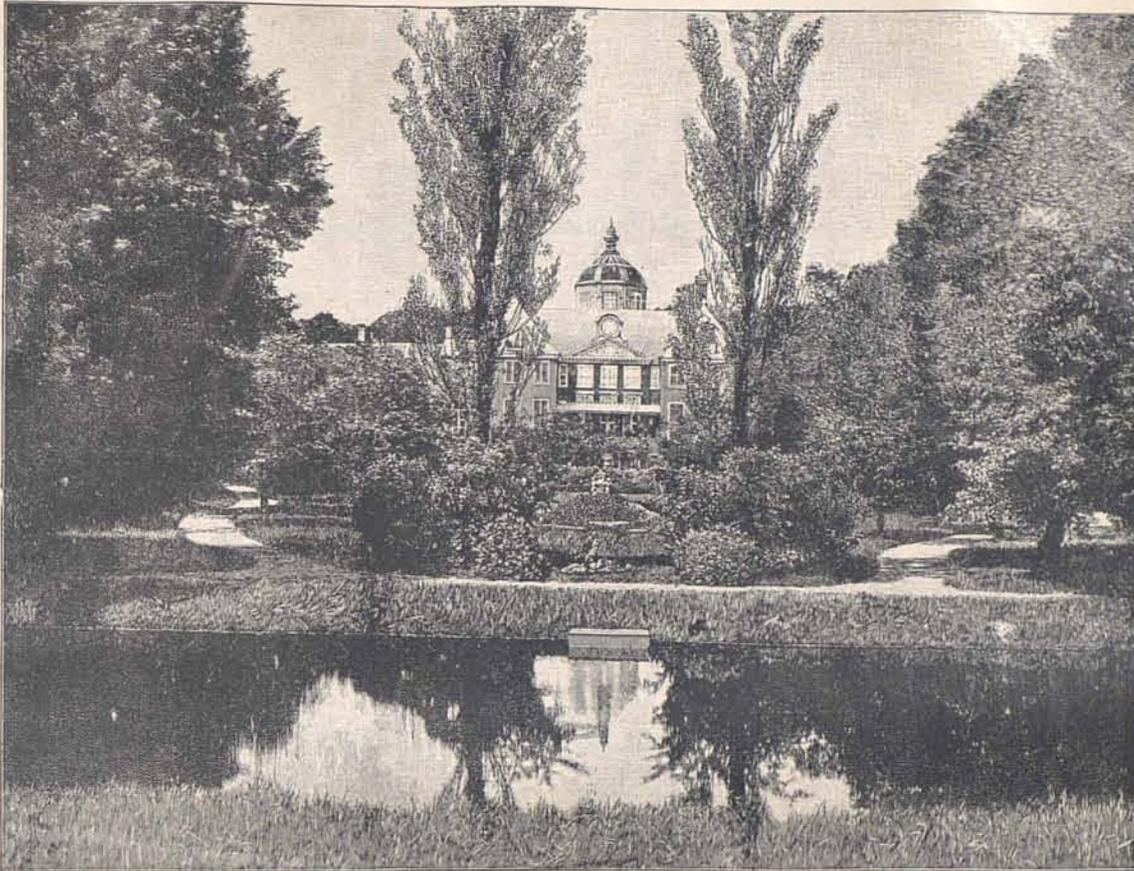
tar a guerra ou senão tornal-a o menos frequente e o menos cruel possível. Para logar de tão generosa quão importante conferencia, escolheu o soberano do maior imperio da Europa a pequena e tranquillã Hollanda e a gentilrainha d'este paiz determinou por sua vez que as reuniões da paz tivessem logar no fresco e perfumado retiro do seu palacio de verão, essa *Casa do Bosque*, tão cheia de tradições historicas e

tão tranquillã no meio do vasto parque e dos floridos jardins.

A *Casa do Bosque* foi construida em 1647 pela princeza Amelia de Solm, viuva de Frederico-Henrique, principe de Orange. A architectura é simples mas elegante e o interior adornado

Que tão delicioso quão adequado logar inspire a todos os enviados as ideias generosas e os desejos de concordia que são necessarios para a realisacão da levantada iniciativa do imperador da Russia.

REPORTER



A CASA DO BOSQUE.

Palacio da Haya onde têm logar actualmente, as Conferencias da Paz.

sos retrato-da familia de Nassau e a salla de Orange dominada por uma cupula de vinte metros de alto toda ornada de pinturas que representam episodios da vida de Frederico-Henrique. A velha residencia historica soffreu algumas modificações de modo a que os congressistas encontrassem a loda das sumptuosidades historicas, as pequenas commodidades indispensaveis aos seus trabalhos.

OS DOIS PRETENDENTES



DUQUE DE ORLÉANS



VICTOR NAPOLEÃO

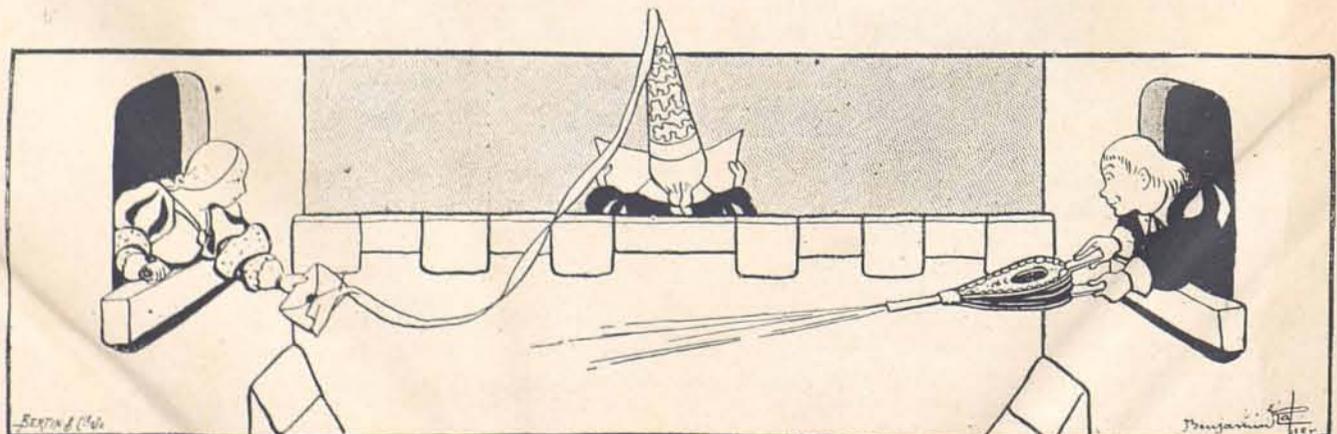
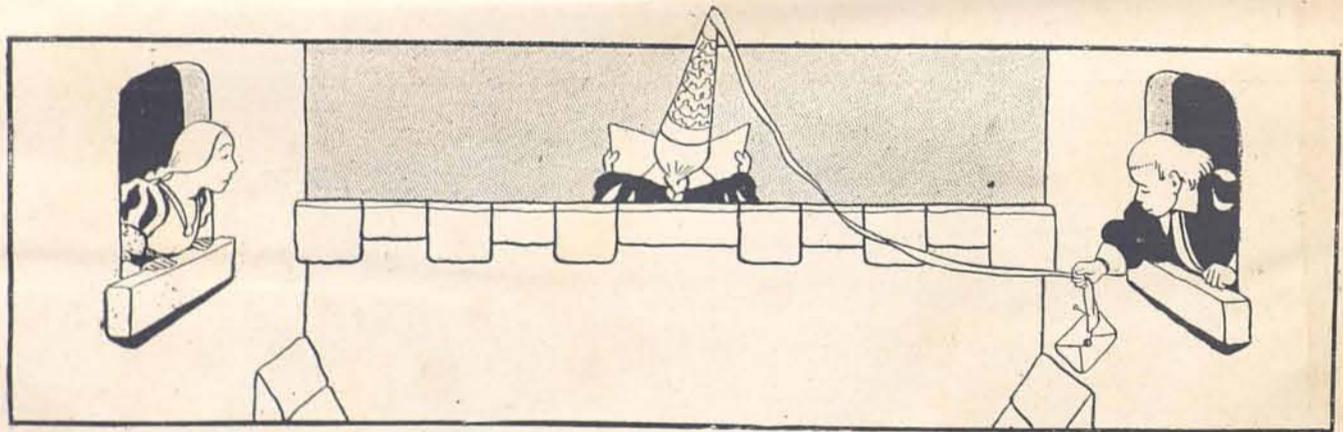
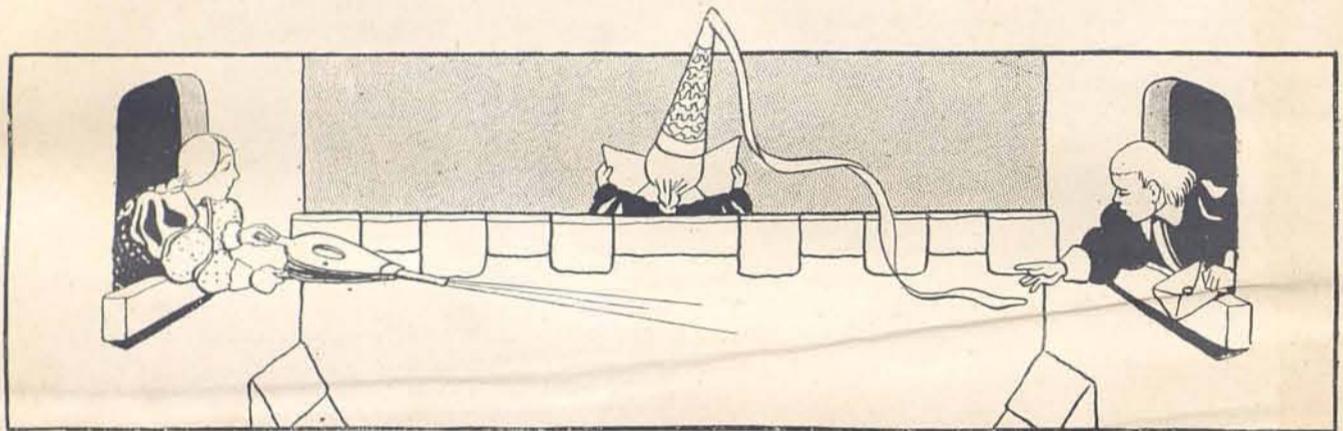
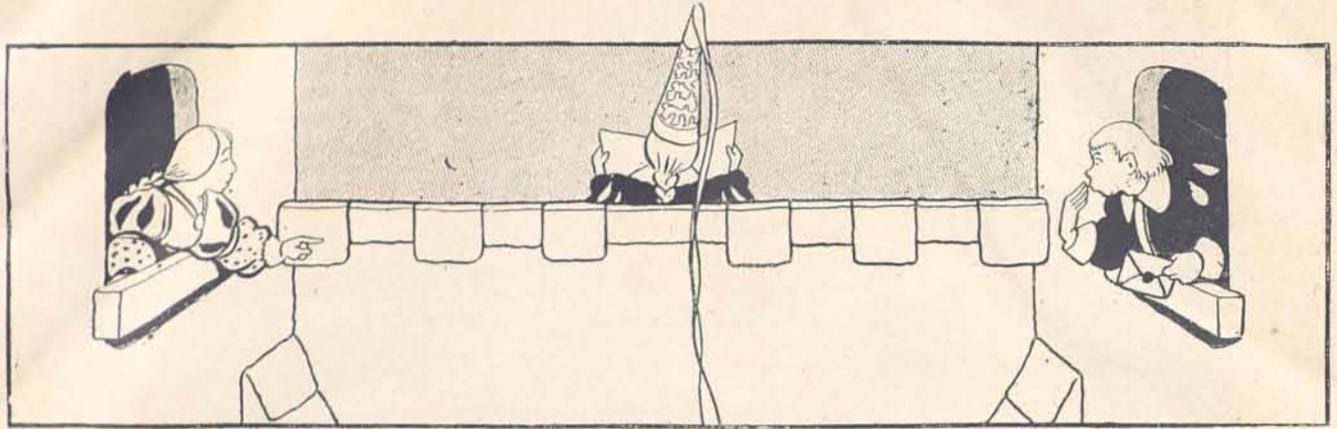
Agora que a proposito da questão Dreyfus, tão intensa tem sido a agitacão das paixões politicas em França pareceu-nos interessante dar os retratos dos dois pretendentes que legitimamente podem aspirar á problematica posse do throno n'este paiz.

O primeiro Luis Roberto Philippe duque de Orléans é como se sabe o filho do conde de Paris e portanto o descendente directo

de Luis-Philippe rei de França. Nasceu em Twickenham a 6 de Fevereiro de 1869 e casou em 1897 com archiduqueza Maria Dorothea d'Austria.

O segundo Victor Jerôme Frederico Napoleão, é actualmente o representante legitimo do imperialismo. Nasceu em Paris a 18 de Julho 1862 e é filho de Jerôme Napoleão e de Maria Clotilde de Saboya.

PAGINA COMICA



Bertoni & Cia.

Benjamin

Um engenhoso meio de correspondencia.

Revista Moderna ²⁷⁷

Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERÁRIO E ARTÍSTICO

Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da Revista Moderna equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.

Já se acha em poder de todos os nossos Agentes

O Magnífico Brinde

consistindo n'uma bellissima gravura a côres, copia perfeita e admiravel do

Celebre Quadro de BOUCHER

O NINHO

(DO MUSEU NACIONAL DO LOUVRE)

ESPECIFICOS HENRIQUE E. N. SANTOS

Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra

VERDADEIROS REMEDIOS

DERMOL

(O remedio das familias)

Novo e precioso especifico das doencas da epiderme (peculiares ou accideñtaes)

Preparado no Pará com approvaçõ da Exm. Inspectoria de Hygiene (PARA USO EXTERNO)

Résultados surprehendentes!

Cura immediata e segura das empigens, dartros e herpes

Nada superior para golpes, excoriações picadas venenosas, queimaduras, callos molles, frieiras, dores de dentes e de callos, ulceraçõs antigas, etc.

O **DERMOL** tem uma accão rapida e eficaz nos **Dartros, Empigens, herpes**, e toda a manifestação herpética em qualquer parte do corpo. Destróe o germen da doença no proprio logar onde se desenvolve e promove insensivelmente a substituição da epiderme.

Dispensa o uso de depurativos e não deixa recolher a doença.

Não é noçento como as pomadas nem suja a roupa.

Applica-se com um pincel uma ou duas vezes por dia

Nos **golpes, excoriações, pancadas, callos molles**, etc. é insubstituivel. Dispensa completamente outra medicação, estanca o sangue e deixa no logar onde se applica uma pelle artificial protectora e antiseptica. Applicado a tempo produz a cura immediata.

LINDACUTIS

OU O THESOIRO DA BELLEZA

La Beauté des Dames — The ladies beauty Frauen-Schönheit

Preparada no Pará com approvaçõ da Exm. Inspectoria de Hygiene.

A epiderme, como todas as parte, de um organismo, é tambem atacada por doencas peculiares que, se nem sempre são graves, são muitas, vezes encommoas e sempre desagradaveis. A belleza da epiderme, sendo parte integrante da formosura deve, como tal, merecernos sempre a maxima cautela na escolha dos cosmeticos e antephelicos que vulgarmente annuuciam e usam com o fim de a conservar.

Um preparado cuja composição eja o resultado de um estudo aturado e scientifico, e cujos principios medicamentosos sejam efficazes sem nunca produzirem consequencias desagradaveis, deve ser o unico preerido.

LINDACUTIS é o mais delicado cosmetico antephelico do toucador, preparado segundo os pre ceitos scientificos mais modernos.

Tira sardas, pannos, signaes e a maior parte das manchas da pelle communicando a face e a todo o corpo uma delicada brancura.

Amacia a epiderme e cura: **Fogagem, Prurigo** (comichão), **Erythma** (assamento), **Acne, Brotoeja, Pityriase** (caspa), **Blepharite** (inflammiação das palpebras), etc., etc.

Conserva a frescura da mocidade, evita a rugas precoces e, applicada na cara, depois de fazer a barba, evita a excoriação da epiderme e preserva de muitas doencas que se transmitem pelas navalhas.

BLENOL

(Blennorrhida)

ESPECIFICO DAS DOENCAS DAS MUCOSAS NOS HOMENS OU NOS SENHORAS

CURA TODOS OS CORRIMENTOS ANTIGOS OU RÉCENTES

Infallivel, Inoffensivo e Agradavel

SEMPRE EFFICAZ! SEMPRE SEGURO!

Para uso interno e externo

Preparado no Pará com approvaçõ da Exm. Inspectoria de Hygiene

O **BLENOL** é um verdadeiro especifico das doencas das mucosas, nos homens ou nas senhoras, e o unico n'este genero que tem merecido ser adoptado pelas summidades medicas, não só por ser completamente inoffensivo como pelas curas maravilhosas que tem produzido. Cura todas as inflammções ou corrimentos por mais antigos e de qualquer especie; é superior a todos os preparados de sandalo, de copahiba ou de cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago, não affecta os rins nem a bexiga, dispensa outra medicação e não exige dieta.

Instrucções especiaes em separado com a descripção das doencas das mucosas e o modo seguro de as curar

ESTREITAMENTOS, CATARRHOS DA BEXIGA LEUCORRHEIA, MÉTRITE CRÓNICA, etc., etc.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias de Portugal e Brazil

AGENTES GERAES NO BRAZIL **J. B. dos Santos & C^o.** — Pará

ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

8, Avenue de l'Opéra, PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da Casa Guinard.

ENXAQUECAS E NEURALGIA

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inofensiva. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes*, *intercostaes*, *reumaticas*, *sciaticas* e *vesicaes*, contra o *zoma (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposição* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878

A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889

Membro do Jury de Recompensas

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, Administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféceiro, despeza por pré : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos
— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

Para canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de
50 a 55 francos.

INFORMACÕES, ANALYSES, LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX. — 15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.

REVISTA MODERNA

Illustração Brasileira e Magazine Litterario e Artístico

Director : M. BOTEIHO

COUPON DE ASSIGNATURA DE UM ANNO

Illmos Senrs

Agentes da Revista Moderna

Junto enviamos a quantia de 50\$000 Reis importancia de uma Assignatura de um Anno a comecar do Nº 25 e terminando com o Nº 36, que os Senrs farão o obsequio de enviar-me a direcção abaixo :

Nome do Assignante

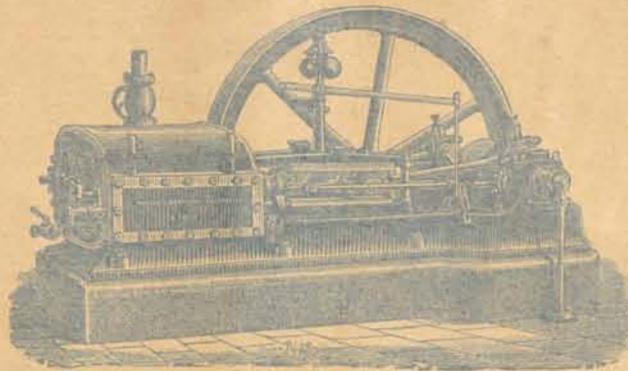
Endereço

Os Assignantes do interior enviarão aos nossos agentes, afara a importancia da Assignatura, mais *Mil réis* para a remessa pelo correio do grande quadro a cores, que constitue o valiosissimo e artistico brinde que a *Revista Moderna* offerece a todos os seus assignantes.

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000 \$ 000 — Fondos de reserva : 1.036:653 \$ 758

Fabrica e vende as
melhores machinas para
lavoura, artes e indus-
trias, para o que tem
grandes officinas nas
ruas do Triunpho e
do senhor Antrade.



FABRICACAO EXCLUSIVA
das seguintes
Machinas privilegiadas :

Secador de café : AUGUSTO
RAMOS.
Descascador de café : EUGEL-
BERG SIBIKIANO.
Despolpador de café : MECANICA.
Sepador de arma : AVIGNON.
Catador de café : MANFREDI.
Batedor Mechanico para para refi-
nação de assucar : HENZI.

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco arame farpado e liso,
fosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a
este ramo.

Agentes dos a' amados fabricantes de vapores ROBEY & C^o L^o, RICHARD HONRSBY & SONS L^o (Inglaterra)

Agentes de outras fabricas da Europa e Estados Unidos

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SAO PAULO

CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TÉLÉPHONE
N^o 51355

DEMARS

TÉLÉPHONE
N^o 51355

27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes

em pensão



27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes

em pensão



EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES

Alugueis de carros particulares por dia e por mez

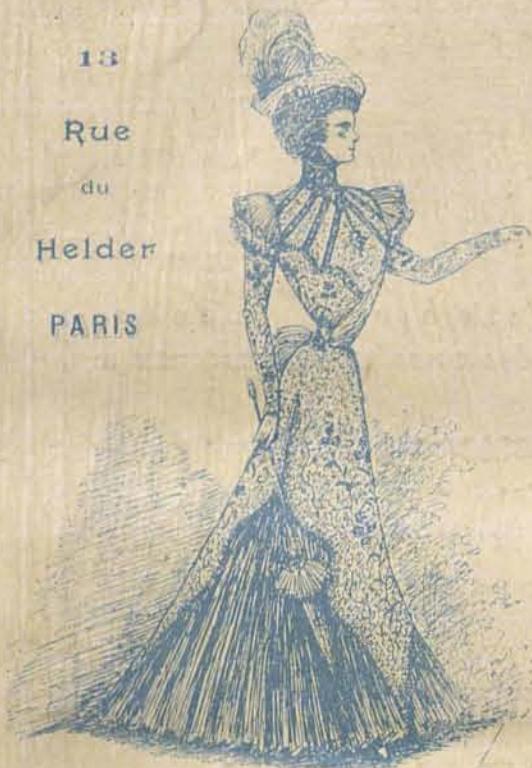
SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM PREÇOS MODERADOS

Vestidos e Enxovaes

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13
Rue
du
Helder
PARIS



13
Rue
du
Helder
PARIS

Creadora, *brevetée*, dos bellissimos vestidos com flores pintadas; o maior successo das toilettes no Grande Prix de 1898.

Sylvie e Jeanne BOUÉ

VESTIDOS

de lã forrados
de seda para passeios
e visitas por preços
moderados

Pelerines e Collets

simples e luxuosos

Toilettes para Bailes e Receções

de uma elegancia
completa e acabadas com todo o esmero

Contramestra inexcedivel sabindo
de uma das principaes casas da Rue de la Paix.
Bellos salões de exposiçao e para provar.

MODELOS INEDITOS

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

PARIS 13, Rue du Helder, 13 PARIS